



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Jorge Emanuel Moura Lourenço Costa Pinto

MONTANHA, CAMINHO E ABRIGO

ESTUDO A PARTIR DO VALE GLACIAR
DA GARGANTA DE LORIGA, NA SERRA DA ESTRELA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientado pelo Professor Doutor José Fernando de Castro Gonçalves
e apresentado ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2022

Montanha, Caminho e Abrigo

Estudo a partir do Vale Glaciar da Garganta de Loriga, na Serra da Estrela

Jorge Emanuel Moura Lourenço Costa Pinto

Arquitectura e Viagem

Notas

Esta dissertação é redigida segundo o Acordo Ortográfico de 1990.
A formatação de referências é baseada nas normas recomendadas pela A.P.A.
As citações são mantidas na língua original da fonte de recolha.

Agradecimentos

Agradeço ao orientador, o Professor José Fernando Gonçalves, a disponibilidade, perspectiva e conhecimento. Agradeço ao Departamento, quem o habita, amigos e colegas, funcionários e docentes, a formação. Agradeço a todos os que apoiaram este percurso e a concretização deste trabalho, que auxiliaram na obtenção de meios e recursos, em instituições ou individualmente. Agradeço a todos sem nomeação, quer pela extensão, como por receio de injusta omissão.

Obrigado Mãe, Pai e Avó. Agradeço tudo à minha família, que está sempre comigo. Agradeço à Sónia e ao Nuno. Agradeço à minha Madrinha e Padrinho, Fernanda e José António. Agradeço a força, ânimo e companhia de quem esteve próximo. Agradeço aos amigos a confiança, paciência e suporte. Obrigado Joel e Carlitos. Agradeço a Loriga, a minha terra. Agradeço a Coimbra e à sua eterna casa, a República dos Inkas. Ao Boris, ao Yuri e a todos, um *af coufaf*. Obrigado Simão. Obrigado Yuki-Goa e Xana. Obrigado Justiça, por existires. Obrigado Isa, por tudo e sobretudo por não desistires.

Agradeço todas as críticas e motivações. Fica bastante por agradecer e algo por retractar, agradeço o perdão por erros cometidos e o tempo decorrido. Agradeço toda a experiência ao longo deste percurso, tornado possível por todos vós. Sabem o quanto vos devo e tenho a agradecer. A todos o meu bem-haja. Esta obra é vossa.

*Para a minha mãe, a minha avó e o meu pai,
Fernanda, Maria Emília e Jorge.*

Sempre juntos.

Resumo

Este trabalho é o estudo da montanha, do caminho, do abrigo e dos seus lugares geográficos correspondentes, através do arquétipo tipológico de minifúndio, a habitação e o percurso numa quinta.

Situado na base do Vale Glaciar da Garganta de Loriga, no seio da Serra da Estrela, este estudo contém a reactivação da quinta, a definição do percurso pedestre que liga os seus elementos e a reabilitação da sua habitação. Esta escolha resulta da relação pessoal com o local, aliada à intersecção de interesses reunidos neste trabalho.

A partir desta matéria, é estudado o processo de trabalho e as influências que o compõem. Como modo de investigação, é seguido este caminho, a partir dos elementos do trabalho. Tal como na ampliação de escalas deste processo, progressivamente se estreita a particularização da análise. São procuradas respostas na dialética entre a visão cultural e a perspectiva pessoal, permeada pela memória e a experiência, a razão e o instinto, o meio e o edificado. Procura-se uma via no plano intermédio entre o universal, o local e o particular. A viagem é aqui encarada como metáfora deste processo, sob a temática da *Arquitectura e Viagem*.

É procurada a autossuficiência e economia, a matriz intemporal desta tipologia. Busca-se uma perspectiva, através da Arquitectura como disciplina agregadora, na resposta às questões levantadas no decorrer deste trabalho.

Espera-se luz sobre estas matérias, através do estudo pelo prisma arquitectónico, a possibilidade de adaptação dos resultados a contextos semelhantes e uma forma de organização do conhecimento e da criação, definindo o seu caminho.

Palavras - Chave

Quinta, Percurso, Habitação, Minifúndio, Viagem, Sustentabilidade, Montanha, Caminho, Abrigo

Abstract

This work is the investigation of the mountain, path and shelter, and their corresponding geographical places, through the typological archetype of smallholding, a dwelling and trail in a farm.

Located at the base of the Garganta de Loriga¹ Glacier Valley, in the heart of Serra da Estrela², inland Portugal, this study contains the reactivation of the farm, the definition of the pedestrian path which connects its elements, and the rehabilitation of its house. This choice results from the personal relationship with this place, combined with the intersection of interests gathered in this work.

From this matter, the work process and the influences that compose it are studied. As a means of investigation, the study follows the path of the elements of this work. As in the magnification of scales of this process, the theoretical analysis becomes progressively narrowed. Answers are sought in the dialectic between cultural vision and personal perspective, permeated by memory and experience, reason and emotion, the environment and the built. A path is sought in the intermediate plane between the universal, the local and the particular. The journey is seen here as a metaphor for this process, under the theme of *Architecture and Travel*.

Self-sufficiency and economy are sought, the timeless matrix of this typology. A perspective is sought, through Architecture as the aggregating discipline, in answering the questions raised throughout this work.

It is expected to shed some light on these matters, the study of its concepts through the architectural prism, the possibility of adapting the results to similar contexts and a way of knowledge organization and creation, defining a path.

Keywords

Farm, Trail, Housing, Smallholding, Journey, Sustainability, Mountain, Path, Dwelling

¹ *Garganta* means Throat in Portuguese, although is also contextually signified as Gorge, thus can be read as Loriga's Gorge Glacier Valley.

² *Estrela* means Star in Portuguese, thus *Serra da Estrela* is translated as the Star Mountain, or the Star Mountain Range.

Sumário

Agradecimentos	7
Dedicatória	9
Resumo	11
Abstract	13
Sumário	15
INTRODUÇÃO - Programa	17
Princípios	19
Meios	23
Fins	31
CAPÍTULO I - Montanha	35
A Montanha	37
A Estrela	51
A Quinta	63
CAPÍTULO II - Caminho	77
O Caminho	79
A Garganta	91
O Percurso	99
CAPÍTULO III - Abrigo	113
O Abrigo	115
O Lugar	129
A Habitação	141
CONCLUSÃO - Memória	153
Bibliografia	159
Figuras	163
Auxílios	171

INTRODUÇÃO

Programa

Princípios, Meios e Fins



1 Alçado Norte da *palbeira*, a partir do limite superior do terreno, a Estrada Nacional 231

Princípios

Tema

Esta obra investiga a montanha, o caminho e o abrigo, os seus lugares geográficos correspondentes, até chegar à sua materialização física, onde ensaia voltar a cultivar uma quinta, definir o seu percurso e habitar a sua casa, no interior da montanha. É seguido o caminho da sua elaboração, sob a temática da *Arquitectura e Viagem*.

A dissertação acompanha a formulação deste processo, da essência à forma e a sua representação. Os elementos são a montanha, o caminho e o abrigo. É percorrida a via de transfiguração, através da arquitectura, nos seus componentes: a quinta, o percurso e a habitação.

Contexto

O objecto de estudo é assim a habitação em minifúndio¹ e o seu percurso. A sua envolvente é o ambiente rural e montanhoso da Serra da Estrela. Nesta perspectiva, a quinta é a terra reclamada à montanha, na domesticação da serra através da cultura, para sustento da habitação. O percurso é o corpo intermédio de comunicação entre os elementos, o caminho de ascensão à montanha e de retorno ao abrigo. A habitação é o abrigo na montanha, o modo de habitar (de *morar*) a serra e o seu lar.

O objetivo prático resultante deste trabalho é a elaboração deste estudo. Este inclui a reactivação da quinta, através do planeamento do seu espaço, a definição formal do percurso pedestre e a reabilitação do edifício, para habitação. Procura-se reactivar a quinta, caracterizar o percurso e reabilitar a habitação.

O objectivo teórico é analisar, fundamentar e descrever o processo de estudo, definindo o seu caminho. Procura-se adquirir conhecimento, reflectir sobre este e encontrar um caminho, ou caminhos, através da investigação. As vias teórica e prática são complementares.

A origem deste trabalho surgiu em contexto de proximidade. Esta quinta, com um edifício agrícola em ruína, foi adquirida por uma prima a tios em comum, num cordial negócio familiar. Depois de contactar com os novos proprietários acerca da sua recuperação, demonstrando disponibilidade para a iniciativa, foi sugerida a apresentação de uma solução para este local.

Esta oportunidade possui significado acrescentado, tanto pela familiaridade com os requerentes como com o local, despertando afeição e invocando algumas memórias. A premissa lançada pelos proprietários foi “faz como se fosse para ti”. Embora se encontre actualmente inactiva, esta terra foi, desde tempo indefinido, cultivada, trabalhada e pastoreada por familiares, como forma de subsistência.

As motivações, para além da declarada proximidade familiar, afectiva e geográfica ao local, estendem-se ao conjunto de assuntos que se conjugam orbitalmente neste trabalho. Este apresenta-se como uma reunião de interesses, motivações e circunstâncias que se manifestam e materializam no lugar deste trabalho, um lugar simbólico e real, lugar de convergência de todos os factores que compõem esta obra. O lugar deste trabalho acaba assim por ser o ponto de partida e chegada para um estudo abrangente, desde o plano pessoal até ao plano universal, em que se documenta a viagem a que este dá origem, o caminho que o estudo tomou e os lugares que atravessa.

¹ Como minifúndio, considera-se aqui uma propriedade agrícola de escala familiar, composta por uma quinta de dimensões reduzidas (com área florestal e de pastoreio em separado), contendo um edifício agrícola.



2 Vista Sul - Poente, no sentido descendente do terreno

Localização

Situando geograficamente o local na zona Centro-Norte, este encontra-se no interior do território nacional continental, na ponta Sudoeste da Beira Alta, região limítrofe de convergência entre a Beira Baixa e a Beira Litoral. Embora próximo dos Distritos de Coimbra e Castelo Branco, faz parte do Distrito da Guarda, no Concelho de Seia e nas margens da Freguesia de Loriga.

A propriedade localiza-se na vertente Poente do maciço central da Serra da Estrela, a aproximadamente cinco quilómetros rectos² do seu cume, a Torre. Assente na base do Vale Glaciar da Garganta de Loriga, a quinta enquadra-se entre a margem direita da Ribeira da Nave, no seu nível mais baixo a Sul, e a Estrada Nacional 231, a delimitar a sua cota superior a Norte. A Poente é demarcada por penedos e uma levada, que a separam de outra propriedade. A Nascente, faz fronteira com a ponte rodoviária, um edifício industrial e a praia fluvial. A quinta é parcelada em socalcos (*cômbaros* ou *courelas*, como se diz nesta região). Esta zona é denominada como *As Lamas*, dando nome à *Quinta das Lamas*.

A sua *palheira*³ avista-se sob a estrada, perpendicularmente a esta, encaixada numa elevação de *rebolos* graníticas sobrepostas, encimando-se sobre o terreno. Subindo o vale após a quinta, a ponte rodoviária e a Praia Fluvial de Loriga encontram-se numa zona denominada de *Chão da Ribeira*. Existe ainda aqui o edifício de indústria metalomecânica, na encosta chamada de *Giraldos*. Abaixo da quinta, o vale segue em direcção à vila de Loriga (a naturalidade do autor).

Esta propriedade é composta ainda por um terreno florestal e de pastoreio, afastado em cerca de um quilómetro da quinta⁴, num nível superior do vale. Acima da Praia Fluvial, situa-se na margem esquerda da ribeira, sobre propriedades devolutas, numa zona de mato, floresta e fragas. Esta área tem o curioso nome de *Cagueiças*, na encosta designada como *Malhada Formosa*. Um trilho ténue atravessa todas estas zonas, paralelo ao curso da Ribeira da Nave, por vezes sem delimitação vincada. O local, acreditando ser imparcial, é excepcional.



² O edifício encontra-se à cota de 860m, a 5770m rectos do vértice geodésico da Torre.

³ Palheira é o sinónimo local de habitação, curral ou estábulo (*a loja*) e armazém, em granito ou xisto, geralmente associado a uma quinta. É uma tipologia vernacular de carácter agrícola, comum nesta zona.

⁴ Este terreno de pastoreio dista cerca de 930m rectos do edifício a reabilitar, a aproximadamente 1000m de altitude na sua extensão superior.

PLANALTO DA TORRE

POÇOS DE LORIGA

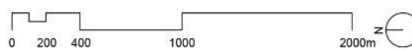
VALE GLACIAR DA GARGANTA DE LORIGA

PROPOSTA

VILA DE LORIGA



INTERVENÇÃO



Meios

Método

A abordagem desta dissertação possui estudo teórico predominante e conteúdo prático, desenvolvidos em comunicação. O desenvolvimento teórico tem carácter analítico e a prática baseia-se na investigação gráfica, com a figuração e o desenho como meio de estudo. Do mesmo modo, a forma teórica segue o processo gráfico e este incorpora as considerações teóricas. O resultado deste trabalho é uma síntese da investigação, na forma de estudo arquitectónico.

A análise parte da abrangência até à particularização. O foco é progressivamente ampliado do universal, ao local, até ao individual. Tal como na ampliação de escalas da representação gráfica, analogamente a componente analítica estreita a incidência. O estudo assenta no diálogo entre as referências participantes neste processo e no apoio em obras de relevância para a matéria.

Acreditando que o acto arquitectónico é individual, fruto do que compõe o arquitecto, como de igual modo é único o contexto e o tecido de cada local, entre outros factores¹, segue-se este caminho referencial. Deste modo, amplificado neste caso pela intimidade com o local intervencionado, o processo, tal como esta obra, é um caminho pessoal.

Neste sentido, a montanha é o mundo, o macrocosmos onde se implanta a obra, na forma de quinta, o seu microcosmos. O caminho é encarado como a viagem (deste trabalho, do método, do processo, a comunicação e travessia deste território) traduzida em percurso. O abrigo é a habitação, o centro deste mundo e a forma de o habitar, a sua casa. Reflecte-se deste modo sobre temas globais, a partir de questões locais e particulares.

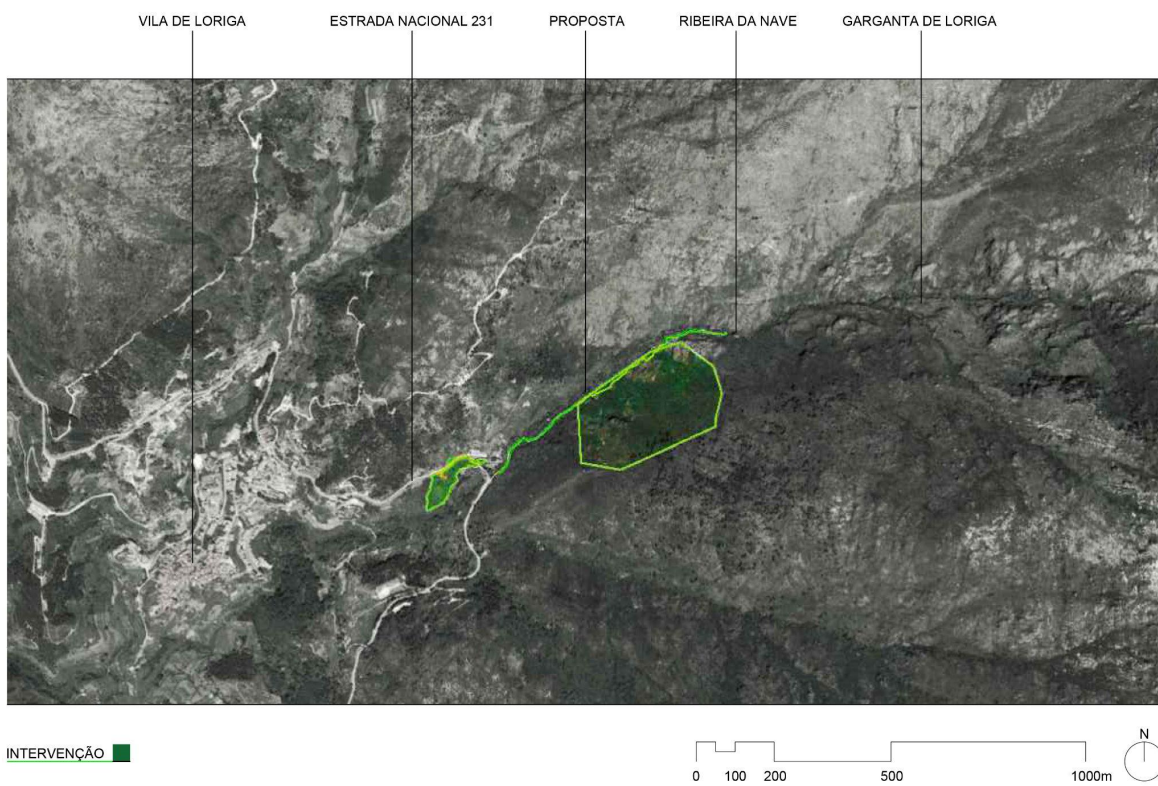
Estrutura

Após a apresentação, o trabalho é repartido em três etapas: introdução, desenvolvimento e conclusão. A Introdução corresponde ao *Programa* da dissertação. Aqui, divide-se entre os Princípios, a apresentação do tema, contexto e localização; os Meios, com a metodologia, estrutura e relevância; e os Fins, os seus propósitos, resultados e finalidades. Esta secção situa o trabalho nas suas várias dimensões.

O desenvolvimento é dividido em três capítulos, correspondentes a cada um dos componentes da proposta. Desta forma, o Capítulo I corresponde à *Montanha*, o Capítulo II ao *Caminho* e o Capítulo III ao *Abrigo*. Cada capítulo é organizado de forma semelhante, desenvolvendo-se em três subcapítulos, que vão estreitando a sua incidência de foco e escala.

O Capítulo I desdobra-se nos subcapítulos A Montanha, A Estrela e A Quinta, correspondentes à montanha abstracta, a montanha real e a montanha cultivada, habitada na proporção humana. O Capítulo II inclui O Caminho, A Garganta e O Percurso, ou seja, o caminho como ideia, o caminho natural do Vale Glaciar e o seu caminho percorrido. No Capítulo III, encontram-se O Abrigo, O Lugar e A Habitação, ou o conceito de habitar, o lugar da implantação e a sua casa.

¹ Lembrando Fernando Távora, na memória da Casa de Férias de Ofir, onde exprime esta visão em relação ao processo de arquitectura, que encontra simpatia e influência nesta abordagem, acerca da química, ou alquimia do projecto: “Uma das mais elementares noções de química ensina-nos qual a diferença entre um composto e uma mistura e tal noção parece-nos perfeitamente aplicável, na sua essência, ao caso particular de um edifício. (...) [P]rocurámos, exactamente, que ela resultasse um verdadeiro composto e, mais do que isso, um composto no qual entrasse em jogo uma infinidade de factores, de valor variável, é certo, mas todos de considerar. (...) Não é fácil, por certo, enumerá-los a todos, dada a sua variedade e o seu número, nem é fácil enunciá-los por ordem de importância. (...) [N]unca mais acabaria a enunciação dos factores considerados, uns, como vimos, exteriores ao Arquitecto, outros pertencentes à sua formação ou à sua própria personalidade.” Trigueiros, Luiz - *Fernando Távora*, págs. 78, 80. Editorial Blau, Lisboa, 1993.



1 Enquadramento, entre a Vila e a Garganta

Em cada capítulo, a primeira fase é o estudo da essência dos elementos constituintes. São analisados os territórios imateriais. A investigação estuda as bases, os conceitos e os seus arquétipos. Em A Montanha, O Caminho e O Abrigo, estudam-se os elementos primordiais, símbolos e significados, os precedentes. São consultadas algumas obras para cada secção do trabalho, seguidas como fundamento e referência de estudo.

Para esta secção, parte-se da análise do pensamento de autores como Christian Norberg-Schulz, Marc Augé e Martin Heidegger para procurar uma definição dos conceitos fundamentais do trabalho. *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, *Non-Places - An Anthropology of Supermodernity* e *Poetry, Language, Thought* são respectivamente, as principais obras consultadas para complementar este estudo, a par de diversas outras relevantes ao caminho da análise.

Seguidamente, caracterizam-se os territórios físicos correspondentes, à escala local, nos subcapítulos A Estrela, A Garganta e O Lugar. A par da visão cultural, através da sua representação literária e poética, observa-se a morfologia física do terreno destes componentes.

É indispensável a consulta de três obras fundamentais para a compreensão desta encosta da Serra da Estrela, particularmente da vila de Loriga (e o território de alta montanha), do seu Vale Glaciar (a Garganta de Loriga) e do terreno de implantação: *Arquitectura Popular em Portugal, Os Vales de Loriga e Alvoco na Serra da Estrela* e o trabalho *Loriga, Uma Intervenção*², respectivamente da autoria de Keil do Amaral *et al.*, Carmina Cavaco e Isabel Marques, e Manuel Fernandes de Sá *et al.*

Estes segmentos apoiam-se principalmente nestas obras para a compreensão das zonas em análise, com contribuições literárias e científicas de outros autores, com destaque para escritores, geógrafos e *estelófilos*, como Orlando Ribeiro e Suzanne Daveau, além de outras obras que complementam a análise nesta fase. Tal como nos subcapítulos antecedentes, com esta reunião de perspectivas, a par da caracterização física, procura-se igualmente o carácter.

Nos subcapítulos finais, A Quinta, O Percurso e A Habitação, são estudadas as características próprias dos lugares, nas suas escalas particulares, a partir das pré-existências e das suas tipologias. Através de informação como topografia, levantamento, visitas e estudo de campo, representação gráfica e informação geográfica, tal como a memória, experiência sensorial e sensibilidade, ou qualidades menos quantificáveis na relação com os lugares, é ponderado o potencial de transformação, investigação das possibilidades e reflexão de opções.

Através dos antecedentes, o seu estado presente e necessidades actuais, forma-se uma perspectiva em diálogo com a sua existência. Aqui, com apoio do estudo antecedente, são propostas vias de desenvolvimento, nas possibilidades apresentadas e em ideias que consolidam esta visão.

São reunidas as referências e influências recolhidas anteriormente, compostas para a materialização do processo. A quinta é tratada na escala do planeamento rural e agrícola, a habitação na escala de estudo formal e o percurso na escala humana dos seus equipamentos.

Na Conclusão, correspondente à *Memória*, encontra-se a Retrospectiva, onde se condensa o resultado do trabalho e considerações descritivas finais, seguidos pelo encerramento, com as informações técnicas e auxiliares desta obra.

² Este título constitui o mais relevante estudo académico de raiz arquitectónica, geográfica e social na vila de Loriga, apresentado no final da década de 80 do séc. XX. Este caso mantém pertinentes as considerações apresentadas e influencia algumas abordagens deste trabalho. Adicionalmente, *Arquitectura Popular em Portugal* fornece uma perspectiva na escala regional, *Os Vales de Loriga e Alvoco na Serra da Estrela* no nível local e *Loriga, Uma Intervenção* na escala particular.



2 Vista inferior do terreno, perto da Ribeira, para Nascente

Relevância

A pertinência global envolve a oportunidade de procurar conhecimento no campo da habitação em minifúndio, conceitos de percurso, ou da arquitectura em regiões rurais e montanhosas. No ponto de partida deste trabalho, na sua raiz teórica, espera-se um contributo para a reflexão, na perspectiva pessoal, sobre os conceitos de montanha, caminho e abrigo, através da arquitectura.

Não se pretende *inventar a pólvora*, antes uma contribuição para estes temas, sabendo de antemão que, particularmente neste ambiente, estes não se encontram amplamente estudados ou difundidos. Esta matéria permite, através da arquitectura, ponderar questões como o planeamento agrícola doméstico, novas vias de uso destes lugares, reabilitação, percursos em montanha, sustentabilidade³, entre outros, locais e universais.

A pertinência local aplica-se a uma zona sensível, com necessidade tanto de actividade, como de preservação, inserida em rotas (*ainda*) de transumância e agro-pastorícia que devem ser salvaguardadas. A continuidade de usos desta zona deve ser estimulada e preservada, devendo a arquitectura ter um papel preponderante nestas questões. Esta deve fornecer respostas locais a tipologias recorrentes neste meio. Existe assim a possibilidade de replicação de resultados obtidos a contextos semelhantes.

Estuda-se uma via de desenvolvimento deste local, juntando as novas dinâmicas da sua ocupação, em continuidade com os seus usos ancestrais. Reflecte-se sobre uma vivência e contexto rural específicos e modelos tipológicos arquetípicos, ressurgentes com o renovado interesse pelo retorno à terra e ao meio rural. O local é reinterpretado com a incorporação de conceitos contemporâneos de planeamento arquitectónico e agrícola, embora mantendo a sua raiz tradicional e o seu intemporal carácter autossuficiente.

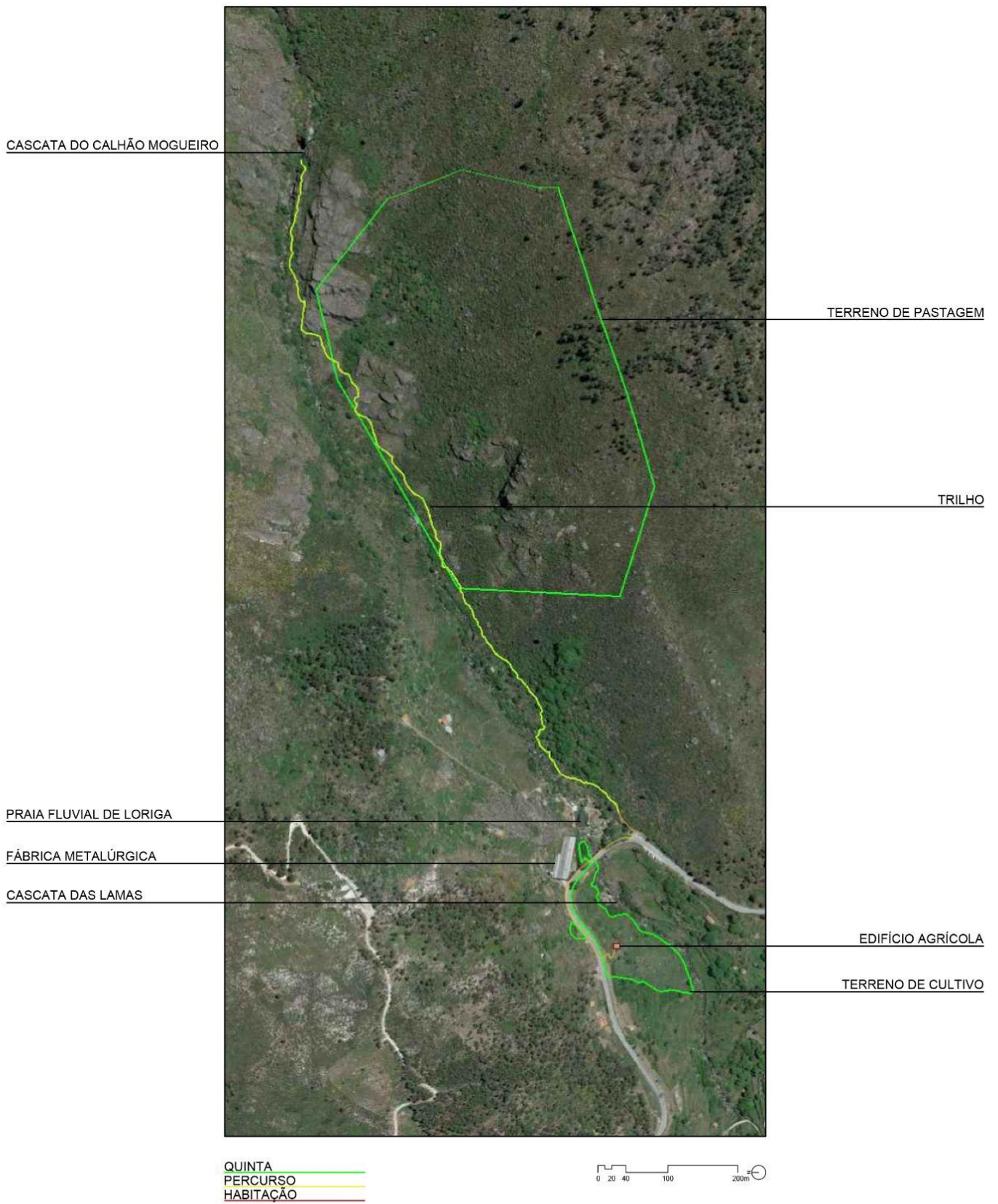
Com uma reflexão teórica inclusiva e o processo gráfico como ferramenta de estudo, a partir da ruína introduz-se edificado novo, procurando consonância com a envolvente, estudam-se soluções de baixo impacto, tal como esta zona inspira, procura-se a simplicidade construtiva através da economia de meios, técnicas e execução, tentando não comprometer a qualidade e comodidade.

Assim, usando estas limitações e o orçamento reduzido como mais uma fonte criativa, tal como a mão-de-obra escassa e as soluções elementares, aplicam-se materiais e técnicas locais, através da interpretação da arquitectura vernacular e tradicional. Quando necessário, incorporam-se novas técnicas com materiais locais, prezando a sensibilidade, sustentabilidade, o aproveitamento de recursos próximos, o processamento mínimo e a economia, reflexo de uma tradição e continuidade, na essência autónoma deste lugar. Procura-se na continuidade, a interpretação e adaptação das respostas encontradas para o panorama actual. No fundo, estuda-se uma forma de desenvolvimento desta área.

O percurso é aqui o cordão de coesão e comunicação entre lugares, dando a oportunidade de estudar o conceito de percursos pedestres nestas circunstâncias e o desafio de criar um itinerário técnico e possivelmente apelativo a um tipo de desporto ou turismo (em oposição a um tipo de turismo massificado e genérico, sem desprimor pela *lancheira e garrafão*) consciente e responsável para com a montanha e a Natureza.

Sem perder de vista a função primordial de preservação, consciencialização e conservação da sua essência e da vivência dele indissociável, pretende promover a sua valorização de forma sensível. Contém a possibilidade de incursão e acesso ao seio da Garganta de Loriga, quer por motivos práticos e de labor,

³ Sustentabilidade entende-se aqui, mais do que uma tendência ou requisito contemporâneo, como a funcionalidade intemporal, apenas continuada na actualidade, apreendida em sintonia com o que sempre existiu.



3 Descrição do local

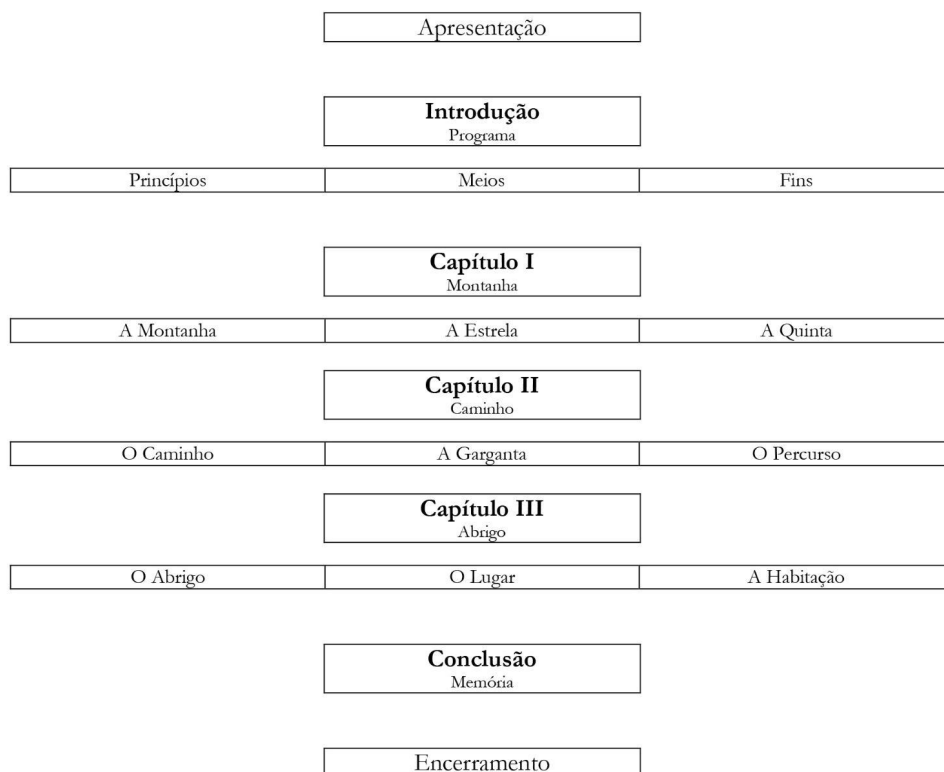
como para a sua visita, usufruto e contemplação. Estuda-se ainda o sentido espacial na montanha, a liminaridade e estados de fronteira, o espaço público e privado, usos comunitários e estatutos espaciais, ou a forma diversa de relação com o espaço estudado, em especial em montanha ou no caminho.

Com alguns apontamentos autobiográficos, a pertinência individual é de igual modo relevante, pois representa a aquisição de conhecimento, experiência e a realização de uma vontade pessoal e próxima. Existe a possibilidade de desenvolver um trabalho global, a partir de um local e com questões de interesse, importantes ao autor. Os temas abordados que gravitam em torno desta obra são de especial interesse e reflexão próprios.

É um trabalho que corresponde, em última análise, a algumas visões e questões arquitectónicas e de vida, além de constituir um ponto de transição no percurso académico, profissional e pessoal. Representa a continuação de um caminho e a conclusão de um ciclo.

A partir destes elementos próximos, comunicantes e interligados, forma-se uma visão para este trabalho. Sublinham-se ainda as várias perspectivas de uma mesma visão, as facetas complementares, a dialéctica entre o belo e o sublime, o apolíneo e o dionisíaco, a técnica e a poética, a humanidade e a natureza, “Ciência e Arte, Razão e Sentimento - A Arquitectura tem que ver também, substancialmente, com a beleza e a emoção.”⁴

Neste contexto, é mapeado o processo que conduz à concretização da obra, uma *viagem* por este processo, tendo sempre a montanha, o caminho, a partir dela ou até ela, e o lugar do abrigo, como constantes. Da montanha à quinta, do caminho ao percurso, do abrigo à habitação.



⁴ Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 4 - Formas e expressões, pág. 93. 2ª Vol., 3ª Ed., Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988.



5 Cascata das Lamas na Quinta

6 Parte inicial do Trilho

7 Casota da Palheira

Fins

Propósito

Os propósitos deste trabalho dividem-se em vários níveis. Os programas desenvolvem-se em camadas, acompanhando a evolução do trabalho. Nesta abordagem, existe inicialmente o programa da dissertação, estruturado anteriormente. Este é composto pelos programas que, na sua conjugação, originam a definição do estudo.

No programa teórico, existe o propósito de reflectir sobre os conceitos de montanha, caminho e abrigo. É uma abordagem universal que procura os pontos comuns com o que aqui é particular. Existe a oportunidade de estudar sobre estes elementos, trocando ideias no diálogo com a pré existência e traçando um eixo comum do carácter geral. Nos seus territórios físicos correspondentes, existe o propósito de criar um perfil, uma caracterização que permita avaliar as suas dinâmicas e uma visão de continuidade nestas zonas. Procuram-se conhecer perspectivas acerca destes territórios. Nas suas representações particulares, define-se o propósito de encontrar respostas concretas, ainda em continuidade com os componentes e as suas características antecedentes.

Assim, existe a oportunidade de reflectir sobre os conceitos de montanha, caminho e abrigo, os seus territórios físicos correspondentes, e os lugares particulares que materializam estes elementos.

Estes programas permitem explorar uma perspectiva universal, geográfica e física, aplicada ao local, particular e individual. Deste modo, pretendem encontrar-se pontos de necessidade, interesse e desenvolvimento para uma formação eficaz de um programa comum.

Expostos estes aspectos, os programas próprios de cada um dos componentes constituem, na generalidade, uma via de desenvolvimento (no espaço público e privado, nas esferas particular e colectiva) para esta zona, ou uma contribuição para essa via.

No plano particular, encontramos o programa da quinta, do percurso e da habitação. A quinta deve ter um carácter flexível de ocupação e actividade, preparado para o uso quer pontual, como temporário e permanente, ou misto. No tipo de uso podem ser consideradas a residência permanente ou sazonal, a ocupação efémera, visita de montanha, o turismo rural e ecológico, a residência artística, residência de formação ou cooperação agrícola, produção cultural, entre outros, num funcionamento integrado que permita estas actividades.

Para a sua reactivação e perspectivas eficazes de funcionamento, podem ser ponderados e previstos estes aspectos, de forma a permitir várias vias de reactivação e actividade, adaptável a cenários com potencial de desenvolvimento. Assim, sugere-se um terreno que permita o lazer e a recreação, o trabalho, quer artístico ou remoto, como agrícola, ou um sistema misto de actividade que conjugue estes aspectos. Pondera-se também a divisão de espaços em áreas, zonas e sectores (artística, trabalho, funcional, lazer) que promovam este sistema. Assim, promove-se a reunião entre produção cultural, agrícola, recreativa, autossuficiente ou autónoma, como actividades na quinta.

No caso do percurso, existe a primeira necessidade de melhorar a acessibilidade, pois o seu estado actual não convém a ninguém. Com esta necessidade, advém uma melhor definição de um percurso, formalizado e estabelecido que, servindo vários interesses de uso, não desvirtue ou desfigure o local e a sua configuração. Para uma simultânea conservação dos lugares a par da sua definição, requer uma intervenção mínima, não invasiva e coerente com o discurso natural dos sítios. Trabalhando entre a ténue



1 Vista do terreno desde a ponte rodoviária, com a palheira à direita

diluição e no diálogo do limite entre espaço público e privado, pretende-se uma acessibilidade e caracterização que promova os variados motivos do seu uso, todos legítimos e de interesse para a actividade local.

Assim, deve-se promover a acessibilidade prática, de acesso a campos de trabalho e zonas de pastoreio, acessibilidade turística, de lazer, ou recreativa e sazonal, quer de inverno, como também banhar, de passeio, visita e usufruto das águas das cascatas e de banhos na Ribeira. Ainda existe a oportunidade de promover a acessibilidade desportiva, com o potencial de desportos de montanha como a orientação, o *rapel*, *trail* ou escalada. A partir destes pressupostos, é necessário implementar equipamentos que sirvam estes propósitos, criando *lugares* e criando um percurso como lugar.

No caso da habitação, há a necessidade de preparar a ruína de um edifício agrícola e de habitação para o uso actual, com um programa de habitação familiar, sendo o edifício original desta quinta. Ao lado da progressiva sustentabilidade, autossuficiência e economia, procura-se a comodidade e conforto, mantendo a relação com o lugar e a essência da sua pré-existência. Para estes propósitos, devem ser conjugadas a criação e a adaptação.

Com uma reunião de informação, exemplos e referências mais intensa e intensiva nos subcapítulos de investigação teórica, esta recolha influencia o tratamento posterior destes dados nos subcapítulos subsequentes. Os capítulos gerais iniciais contribuem para uma leitura singular dos elementos dos capítulos posteriores, e estes como mote para a análise anterior.

Estes são os programas e subprogramas definidos para a elaboração deste estudo, reunidos com os aspectos que os vão rodeando ao longo deste processo.

Resultado

Como resultado deste trabalho, além de um exercício analítico e hipotético, espera-se uma contribuição para a reflexão dos temas expostos. Existe sempre a esperança de ver concretizados fisicamente os seus esboços, que possa ser realizada a sua idealização ou, mais além, ponderadas as hipóteses teóricas, além de reflectidas algumas considerações e conclusões diversas retiradas deste estudo.

Existe o objectivo de criar um trabalho enquadrado e em harmonia com a sua envolvente, que, mais do que acrescentar, mantenha a sua essência e preserve o seu meio. Espera-se uma via de desenvolvimento coerente com as ideias propostas. Ambiciona-se experiência e conhecimento que permita uma compreensão para o pensamento arquitectónico dos conceitos e temas estudados.

Com maior componente teórica e alguma ilustração prática desta investigação, existe ainda uma organização de informação e conhecimento resultante neste trabalho, uma análise ensaística, geofísica e social, local e, através da arquitectura, pessoal. Cada projecto, cada trabalho, tem a sua história e o seu caminho, propõe-se cartografar esse processo e espera-se ser este o seu resultado.

Finalidade

A conclusão do percurso académico é o principal mote deste trabalho. A produção de uma reflexão a partir da arquitectura é o seu resultado. A sua consequência é um caminho próprio em relação à arquitectura e ao trabalho. O aspecto fundamental é a aquisição, organização e reflexão de informação e conhecimento, com a consequente reunião de informação nestes campos.

No final desta viagem, espera-se conhecer melhor, pela arquitectura e disciplinas familiares, a quinta, o percurso e a habitação, através da montanha, do caminho e do abrigo.

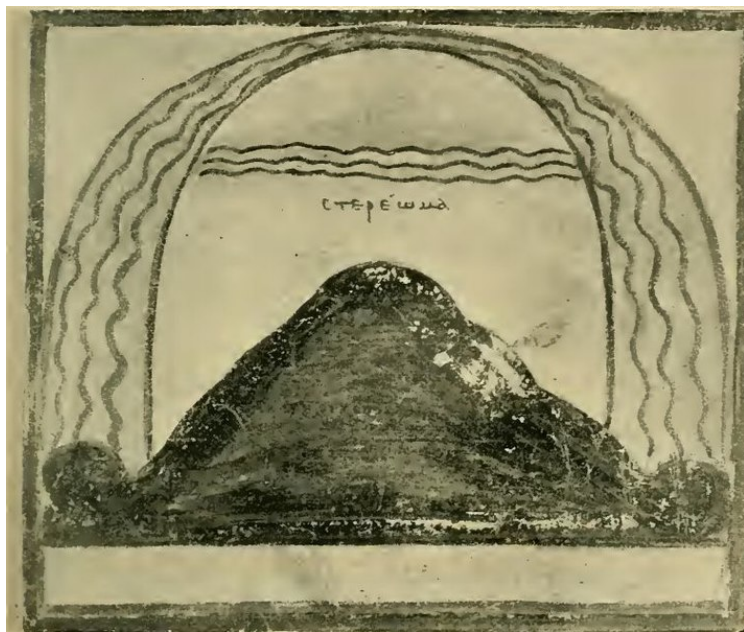


2 Estrada Nacional 231, com o terreno e a palheira abaixo da via, à direita.

CAPÍTULO I

Montanha

A Montanha, A Estrela e A Quinta



A Montanha

Perspectiva

A montanha é o mundo desta obra. É reunida uma perspectiva do lugar da montanha no mundo, para ajudar a compreender o lugar da proposta na montanha. Esta visão compõe-se através do olhar caleidoscópico das suas vertentes, filtrado pela lente pessoal da arquitectura.

É procurado o encontro de aspectos comuns entre a montanha e este estudo, o reflexo do todo no particular. Além da materialidade, procura-se uma essência da montanha, que apoie a definição do carácter da proposta. A montanha é o lugar abstracto e simbólico deste trabalho, representado nesta perspectiva.

Cartografia

No início, a montanha é o mundo, o centro e os seus limites. Arcaica, é representada como edifício central e fronteira (os pilares que suportam a abóbada celeste), da arquitectura do cosmos. No final do séc. XIX, o arquitecto e historiador William Lethaby resume o lugar da montanha, recorrendo a um exemplo desta representação primordial do universo, com uma descrição do que se pode chamar de tipologia de câmara ou caixa, com tampa ou abóbada: “The earth is a mountain, and around its base flows the ocean, (...) beyond is a high range of mountains which form the walls of the enclosure, and on these is either laid the ceiling in one great slab, or it is domed. (...) The firmament is sustained by the earth mountain in the centre¹.”

O instinto humano necessita de ordenar o mundo onde habita, de referências para a sua condição. O centro e os limites organizam o seu meio existencial. Constrói os seus microcosmos emulando a sua percepção do macrocosmos. Assim, encontra referências na natureza, filtradas pela sua natureza, para construir a sua ordem. Cada edifício, cada planta, é a organização de um mundo, uma recriação do cosmos, um sistema que reflecte uma existência no mundo. A criação é uma recriação do cosmos.

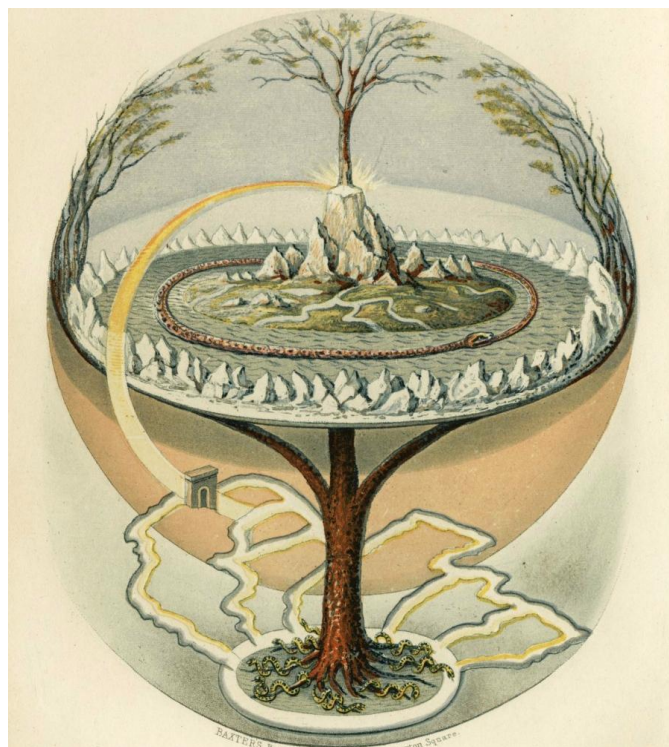
Desde sempre, a montanha ocupa um lugar *central* e simultaneamente *liminar*, fronteira² de referência no seu mundo. Christian Norberg-Schulz formula do seguinte modo esta caracterização da montanha como *lugar* de reunião existencial: “The mountain, thus, belongs to the earth, but it rises towards the sky. It is ‘high’, it is close to heaven, it is a meeting place where the two basic elements come together. Mountains were therefore considered ‘centres’ through which the axis mundi goes, ‘...a spot where one can pass from one cosmic zone to another’. In other words, mountains are places within the comprehensive landscape, places which make the structure of Being manifest. As such they ‘gather’ various properties.³” A representação da montanha como eixo central (o *Axis Mundi*) do sistema cosmológico é transversal a diversas culturas, uma referência para a existência.

A arquitectura deste sistema fornece uma ordem à edificação, faz parte do seu íntimo. Assim a construção, os seus microcosmos, são uma representação derivada de uma visão do cosmos, de uma geografia existencial.

¹ Lethaby, W. R. - *Architecture, Mysticism and Myth*, Chapter I, The World Fabric, pág. 14. Macmillan & Co., New York, 1892. Lethaby aborda a origem da arquitectura como a representação da cosmologia arcaica, usando a comparação religiosa e mitológica e a sua projecção na arquitectura.

² “The boundary in the Greek sense does not block off; rather, being itself brought forth, it first brings to its radiance what is present. Boundary sets free into the unconcealed; by its contour in the Greek light the mountain stands in its towering and repose. The boundary that fixes and consolidates is in this repose—repose in the fullness of motion—all this holds of the work in the Greek sense of *ergon* [tr. aut. O Trabalho, Movimento];” Heidegger, Martin - *Poetry, Language, Thought*, II - The Origin of the Work of Art, pág. 82. Trad. Albert Hofstadter, Harper Perennial Modern Classics, New York, 2001.

³ Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, II - Natural Place,, pág. 25. Ed. Rizzoli, New York, 1979. N.Schulz fundamenta esta conclusão a partir de Eliade, Mircea - *Patterns In Comparative Religion*, pág. 100. Cleveland and New York, 1963.



2 Oluf Bagge - *Prose Edda*, Yggdrasil, The World Tree, 1847

Como centro do mundo, o seu ventre ou umbigo (*Omphalos*), é a origem da natureza, da árvore da vida, a fonte da água primordial e o centro da criação, o útero ou umbigo da montanha como centro deste corpo elementar. A montanha contém assim a *origem*, no seu interior ou no seu topo, conforme a visão metafórica ou a sua localização física e representação alegórica. O ventre interior como criação telúrica, poderosa e selvagem; o topo como criação elevada, ordenada e inspirada.

O seu topo e o seu seio são assim o ponto primordial, a fonte da existência: “Man was created on the mountain top, where it is in contact with heaven, and all earthly vegetation springs from the seeds of the central tree⁴.” A *Divina Comédia* de Dante assenta nesta cosmologia. A montanha do Purgatório, entre o céu e o inferno, suporta o paraíso terrestre no seu cume. Posteriormente a Lethaby, Mircea Eliade retorna a estas ideias, expandindo a análise da sua presença na mitologia universal, com o exemplo do centro da montanha como o seu topo e o seu ventre: “The summit of the cosmic mountain is not only the highest point of the earth; it is also the earth’s navel, the point at which the Creation began⁵.”

A montanha cósmica ocupa uma dimensão *sagrada* na geografia mental. É igualmente a orientação cardeal e a comunicação entre os planos celeste e subterrâneo, o *pivot* do movimento perpétuo dos astros, uma referência estática terrestre para o movimento celeste: “Thus the earth mountain (...) furnishes a most adequate explanation of the apparent motions of the heavens ; the crystal or metal heaven of the fixed stars revolves about it (...). The sun, moon, and planets issuing from a hole at the east, and sinking into another at the west, move over- head and find their way back by a subterranean path⁶.”

O edificado, como uma habitação ou um templo, é um centro. A montanha é o (centro do) mundo e o primeiro templo. Assim, o templo é uma emulação da montanha e o seu simbolismo arquitectónico pode ser qualificado; “1. The Sacred Mountain where heaven and earth meet is situated at the center of the world. 2. Every temple or palace and, by extension, every sacred city or royal residence is a Sacred Mountain, thus becoming a Center. 3. Being an axis mundi, the sacred city or temple is regarded as the meeting point of heaven, earth, and hell.” (Eliade, pág. 12. 1959).

Como forma elementar, o mundo e o arquétipo da montanha por derivação, servem de referência primordial à construção humana, impressa na sua experiência mais profunda. “The simplest model of man’s existential space is therefore a horizontal plane pierced by a vertical axis.” (Norberg-Schulz, pág. 40. 1979). Traçando um paralelo com a geometria *plano-eixo*, é reforçada aqui a necessária união da visão simbólica, ou poética com a visão racional, lógica e ‘real’, como dois aspectos da mesma existência.

A montanha contém em si o cume e a caverna, acesso ao plano celeste e subterrâneo, é a massa saliente da terra e simultaneamente o seu ventre, de passagens e nascentes, emulada na arquitectura ao longo da história (a *arquitectura escavada*, zigurates e pirâmides, templos e residências). Este sistema em planta figura-se como uma *mandala*⁷, a ordem centrípeta do cosmos e, ao centro, a montanha do mundo. A montanha é assim uma das figuras arquéticas da ordem humana, da representação do mundo e da arquitectura.

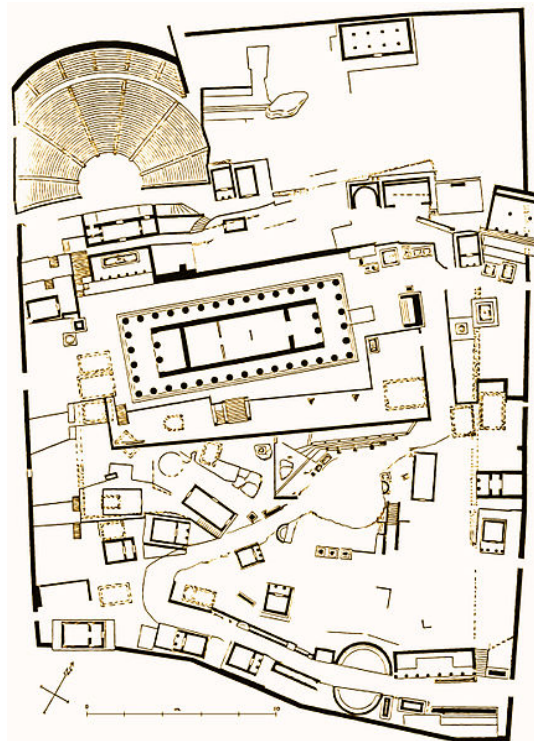
⁴ Lethaby, W. R. - *Architecture, Mysticism and Myth*, Chapter I, The World Fabric, pág. 14.

⁵ Eliade, Mircea - *Cosmos and History, The Myth of the Eternal Return*, Chapter I, Archetypes and Repetition, The Symbolism of The Center, pág.16. Harper & Bros., New York, 1959. Eliade aprofunda estes conceitos, centrais ao seu pensamento, ao longo da sua obra.

⁶ Lethaby, W. R. - *Architecture, Mysticism and Myth*, Chapter I, The World Fabric, pág. 13.

⁷ “Na arquitectura a mandala também ocupa um lugar relevante, embora (...) passe despercebida. Constitui o plano básico das construções seculares e sagradas de quase todas as civilizações (...). Era a transformação da cidade em uma imagem ordenada do cosmos. (...) Toda construção, religiosa ou secular, baseada no plano de uma mandala é uma projeção da imagem arquética do interior do inconsciente humano sobre o mundo exterior.”

Jung, C. G. - *O Homem e os seus Símbolos*, Aniela Jaffé, Cap. IV, O Simbolismo nas Artes Plásticas, O Símbolo do Círculo, págs. 242, 243. Trad. de Maria Lúcia Pinto, 5ª ed., Editora Nova Fronteira, R. de Janeiro, orig. 1962. N. do a. O Inconsciente Colectivo, ou o mundo das *Formas* de Platão.



3 Recinto de Delfos

Alegoria

Como alegoria, o seio da montanha habitada é um anfiteatro, palco, espectador e participante da existência. O lugar da acção e projecção da condição humana; “In general the earth is the ‘stage’ where man’s daily life takes place. To some extent it may be controlled and shaped, and a friendly relationship results. Natural landscape thus becomes *cultural landscape*, that is, an environment where man has found his meaningful place within totality.” (Norberg-Schulz, pág. 40. 1979). Os socacos criam um anfiteatro para a alegoria do mundo, a arquitectura da cultura e da agricultura, rural e montanhosa; a montanha *cultivada* torna-se assim um teatro do mundo.

O teatro coloca a acção num centro, o espectador nos seus limites (embora comungando do *centro*), em órbita a apreender a acção cénica, a dança, a música e o coro. O centro do anfiteatro torna-se o centro do mundo, o seu cume invertido. O vale é o negativo da montanha real, o seu anfiteatro natural. O anfiteatro é o negativo da montanha alegórica, com os vales em fundo cénico. Os socacos são então o anfiteatro aculturador do vale, fundem-se com a montanha, com as suas curvas de nível entre a topografia construída e a natural. Da criação dos socacos como extensão construída da montanha, se cria e sustenta igualmente vida da sua terra cultivada.

A Tragédia, segundo Aristóteles (Pereira, *Poética*, 2008), é potenciadora da catarse (*katharsis=purificação*), tal como a montanha é um local de dimensão catártica. A montanha enquanto coro⁸, narra e exprime o que existe no profundo das personagens que acolhe. Estende-se assim o paralelo entre o espaço cénico e a dimensão catártica da montanha, igualmente no domínio telúrico e dionisíaco, sublime, da agricultura e no domínio apolíneo, belo e racional da arquitectura. A agricultura edifica e faz crescer vida da matéria, tal como a arquitectura. (na noção de *dwelling*, de Heidegger).

Delfos, no Parnaso, é o paradigma desta analogia. Aqui se encontra o *Omphalos*, a Sibila, o culto simultâneo a Apolo e Dionísio. Delfos representa a união entre a montanha natural e humana, entre a arquitectura e o meio.

A catarse ritual da alegoria, no teatro e na montanha, é associada à *mimesis*, a imitação da natureza imutável, material e metafísica, a junção da compaixão e do temor (Pereira, 2008). Esta associação pode estender-se ao conceito de *Belo e Sublime*⁹, a partir de Kant, como a união da arquitectura ao meio. O belo como o aspecto de Apolo unido ao sublime, característico de Dionísio. O meio de Apolo unido à natureza de Dionísio, que remete à concepção do *Apolíneo e Dionisíaco*, de Nietzsche. Esta dualidade pode ser estendida à relação entre o erudito e o popular, rural e urbano, à reunião de aspectos duais de uma mesma existência, neste caso concentrados na montanha.

⁸ “O coro não só deve ser considerado como um dos actores, mas também ser uma parte do todo e participar na acção (...).”

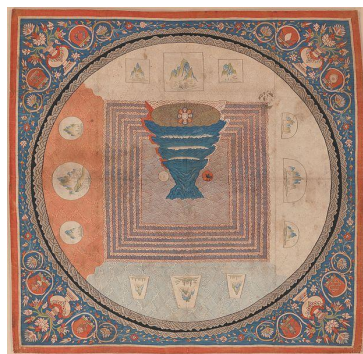
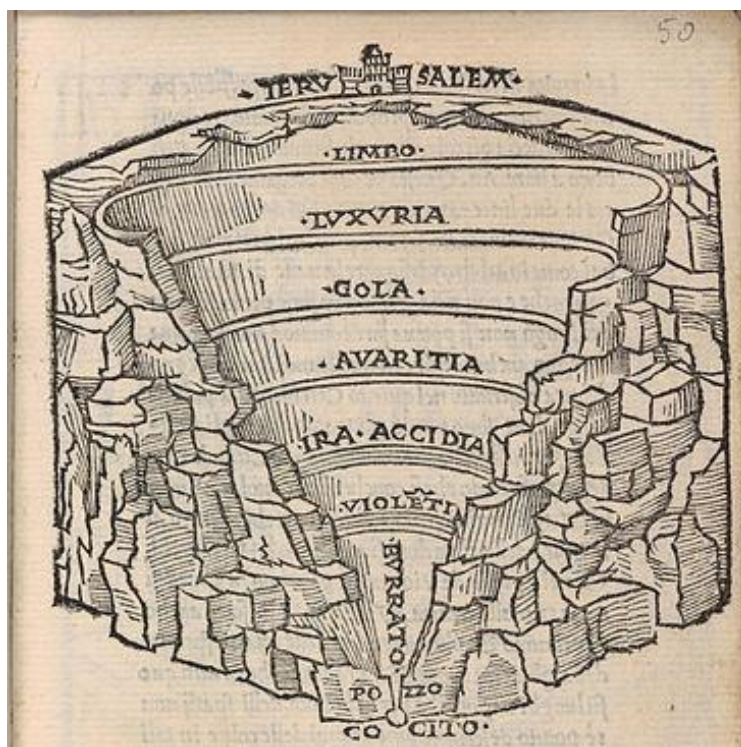
Aristóteles - *Poética*, pág. 77. Pref. Maria Helena da Rocha Pereira, Trad. Ana Maria Valente, 3ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2008. Na compreensão da dimensão catártica referida por Aristóteles aqui nomeada, foi consultado o prefácio incluído nesta edição da *Poética*.

⁹ “(...) true sublimity must be sought only in the mind of the [subject] judging, not in the natural Object, the judgement upon which occasions this state. Who would call sublime, e.g. shapeless mountain masses piled in wild disorder upon each other with their pyramids of ice, or the gloomy raging sea? But the mind feels itself elevated in its own judgement if, while contemplating them without any reference to their form, and abandoning itself to the Imagination and to the Reason—which although placed in combination with the Imagination without any definite purpose, merely extends it—it yet finds the whole power of the Imagination inadequate to its Ideas.”

Kant, Immanuel - *Critique of Judgement*, pág. 106. Trad., Intro. e Anot. por J. H. Bernard, 2ª ed. revista, Macmillan & Co., London, 1914.

“The finer feeling that we will now consider is preeminently of two kinds: the feeling of the sublime and of the beautiful. Being touched by either is agreeable, but in very different ways. The sight of a mountain whose snow-covered peaks arise above the clouds, the description of a raging storm, or the depiction of the kingdom of hell by Milton arouses satisfaction, but with dread; by contrast, the prospect of meadows strewn with flowers, of valleys with winding brooks, covered with grazing herds, the description of Elysium, or Homer’s depiction of the girdle of Venus also occasion an agreeable sentiment, but one that is joyful and smiling. For the former to make its impression on us in its proper strength, we must have a feeling of the sublime, and in order properly to enjoy the latter we must have a feeling for the beautiful.”

Kant, Immanuel - *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime and Other Writings*, pág. 14. Ed. by Patrick Frierson and Paul Guyer, Cambridge University Press, Cambridge, 2011.



4 Pieter Brueghel, o Velho - *The Tower of Babel*, 1563

5 Antonio Manetti (através de Dante) - *Overview of Hell*, 1506

6 *Cosmological Mandala With Mount Meru*, Metropolitan Museum, séc. XIV

7 Aldo Rossi - *Teatro del Mondo*, 1979

Estas considerações podem ser associadas a Delfos¹⁰ e ao seu anfiteatro¹¹ como a união do belo e sublime, o equilíbrio do sentido apolíneo e dionísíaco. “Places where the fertile earth feels close were dedicated to the old chthonic deities Demeter and Hera, and places where man’s intellect and discipline complement and oppose the chthonic forces were dedicated to Apollo. (...) By relating natural and human characters, the Greeks achieved a ‘reconciliation’ of man and nature which is particularly well concretized at Delphi. Here the old symbols of the earth, (...) were enclosed within Apollo’s temple. Thus they were taken over by the ‘new’ god and made part of a total vision of nature and man.” (Norberg-Schulz, pág. 31. 1979). Aqui se conjuga a montanha real e alegórica, natural e humana, a união entre arquitectura e montanha; natureza e cultura como *reunião*.

A par da montanha, montes (e vulcões¹²), outros símbolos arquitectónicos e naturais representam a força vital, um eixo (central e entre planos), o eterno retorno ou alegoria à consciência e a sua elevação. “In the tree heaven and earth are also united, not only in a spatial sense because the tree rises up from the ground, but because it grows and is ‘alive’. Every year the tree re-enacts the very process of creation (...).” (Norberg-Schulz, pág. 25. 1979). Alguns destes *símbolos* são a árvore, a escada, a corda, a cruz, a torre e o farol, o pilar, a fogueira e a sua coluna de fumo, a lareira e a chaminé, no abrigo (ver *The Sacred and the Profane*, Eliade, 1959).

Os deuses clássicos associados à liminaridade e ao subterrâneo (*ctónicos* ou telúricos), aos ciclos naturais, renascimento, fertilidade e equilíbrio entre natureza selvagem e domada, como Apolo, Dionísio, Hermes (os *Montes Herminios*, designação clássica da Serra da Estrela) e Pan, tal como faunos e ninfas, encontram o seu lugar entre montanhas e florestas. “In general *vegetation* is the manifestation of living reality. But vegetation has also forms which are less friendly or even frightening. The forest, thus, is primarily a ‘wilderness’ full of strange and menacing forces.” (Norberg-Schulz, pág. 25. 1979). Simbolizam a mediação entre natureza e civilização, entre a montanha, a floresta e a (agri)cultura, no seu plano liminar de existência.

A montanha é na dimensão humana o seu reflexo e, do mesmo modo, o humano reflexo do seu meio. Os socalcos são assim o anfiteatro, a fertilidade da (agri)cultura, através da arquitectura, da montanha domada.

Matéria

A montanha é abundante em recursos, mas limitada na sua variedade. À montanha associam-se a pedra, a madeira, o minério, a água e a terra. A sua unidade de matéria é a pedra, a sua cantaria. A pedra é uma montanha condensada, é o que subsiste na ruína, como a matéria eterna¹³ da arquitectura.

¹⁰ “Delphi to the Greeks was pre-eminently the centre of the world; here was the famous and ancient temple of Apollo, the god who, as Plato has it, ‘sits in the centre on the navel of the earth.’ Has Delphi taken over this tradition as being seated on Parnassus, the mountain of the flood of Deucalion? (...) but this centre of the world is not only to be found in ideal poet-made designs, it was realised [sic.] in architecture.”

Lethaby, W. R. - *Architecture, Mysticism and Myth*, Chapter IV, At the Centre of the Earth, págs. 78, 79. Deucalião pode ser comparado a Noé, no mito grego equivalente ao dilúvio das religiões abraâmicas. A nave de Deucalião encalhou nas montanhas do Parnaso, tal como a Arca de Noé no monte Ararat. A montanha é recorrentemente vista como porto seguro, refúgio e local de salvação apocalíptica e recomeço de vida, mais uma vez ao encontro da ideia da montanha como local de revelação, superação, transição e eterna (re)criação do mundo.

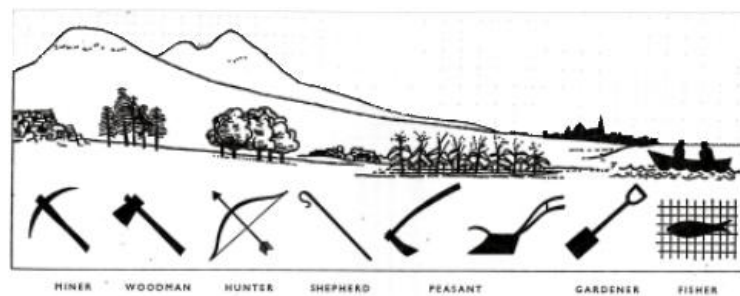
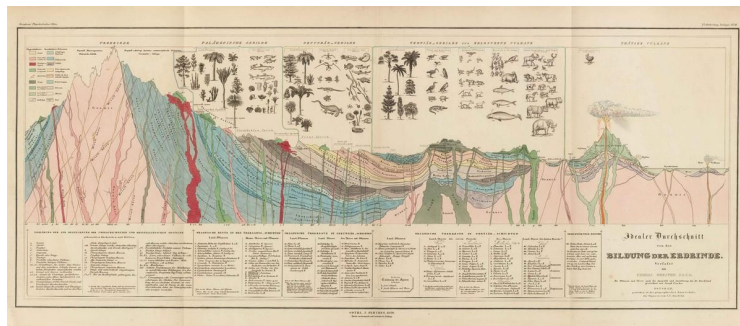
¹¹ “The form of the Greek theatre is reminiscent of a lonely mountain valley; the architecture of the stage seems like a radiant cloud formation seen from on high by the Bacchae as they roam excitedly through the mountains, (...) in which the image of Dionysos is revealed to them.”

Nietzsche, F. - *The Birth of Tragedy and Other Writings*, pág. 42. Ed. Raymond Geuss, Ronald Speirs, Trad. R. Speirs, Cambridge University Press, Cambridge, U.K., 1999. Nietzsche parte da *Poética* para fundamentar a sua visão de catarse. Aqui aborda a concepção Dionisíaca *versus* Apolínea presente na Tragédia Grega, a união da natureza selvagem (Dionisíaca), sublime e amoral, com a natureza humana, racional (Apolínea).

¹² Constatação verificada na cultura nórdica, aquando de uma viagem pessoal à Islândia, onde, na ilha de Vestmannaeyjar, se encontra um vulcão com a designação de *Helgafell*, que em Islandês significa *montanha sagrada*.

¹³ “A qualidade “eterna” das pedras é encontrada em rochas e montanhas, (...), sendo usadas em monumentos comemorativos. Empregavam-nas também em locais de culto religioso, marcando o centro da cidade, que (...) era tida como o centro do mundo.”

Jung, C. G. - *O Homem e os seus Símbolos*, Von Franz, M. - L., O Processo de Individuação, O “self”: símbolo da totalidade, pág. 203.



- 8 Alexander Von Humboldt, Heinrich Berghaus - *Physikalischer Atlas*, 1852
 9 Shelfmark Coll, The University of Edinburgh - *The Valley Section*, Trienal de Lisboa, 2019
 10 Patrick Geddes - *The Valley Section*, 1909

“To the general ones [properties] already mentioned, we must add the hardness and permanence of stone as a material. Rocks and stones have been given primary importance by many cultures because of their imperishableness.¹⁴” Um edifício com a materialidade da montanha é uno com esta, faz parte dela, tal como os socalcos (e a sua ruína é a natureza a reclamar o seu lugar.) A pedra pode ser granítica ou calcária por exemplo, e a sua manipulação, decorrente das características individuais de cada uma¹⁵, será influenciada por estas. O minério é extraído da pedra, refinado do seu interior, transformado em metal.

A água brota das montanhas, fontes de nascentes e afluentes. “(...) when the wood is of limited extension and becomes a grove, it remains intelligible and positively meaningful. The Paradise has in fact been imagined as a delimited or enclosed grove or garden. In the images of Paradise we encounter another basic element of ancient cosmogonies: *Water*. The very particular nature of water has always been recognized.” (Norberg-Schulz, pág. 27. 1979) Mais uma vez a montanha associa-se à fonte, não só alegórica, mas real.

A floresta envolve o meio montanhoso¹⁶. A madeira é um material fundamental da montanha. Fornece adicionalmente energia através da combustão. A terra, de habitual parca fertilidade e disponibilidade, fornece a argamassa e a energia na forma de alimento cultivado e pasto ao meio animal. “He is a ‘thing’ among ‘things’: he lives among mountains and rocks, rivers and trees; he uses them and has to know them.” (Norberg-Schulz, pág. 27. 1979). A floresta torna-se igualmente contida e domada e os limites da vegetação tornam-se visíveis, criando socalcos, quintas, *jardins*, os planos ordenados de existência na montanha.

O Sol, o vento e o clima agreste acompanham o seu carácter. Tem igualmente a sua luz própria. Com pouco mais se conta no meio montanhoso. À montanha, pelas suas características, associam-se naturalmente as actividades florestais, cinegéticas, mineiras, pastoreio, agricultura, apicultura, aproveitamento hídrico e eléctrico.

Avesa à propriedade, lugar de estatutos diluídos, é território de nómadas, pastores, comerciantes, viajantes, aventureiros e exploradores, mensageiros e caçadores, mas também de rebeldes, guerrilheiros e excluídos, fugitivos, exilados, enfermos, contrabandistas e ladrões¹⁷. Apesar de ser atravessada por visitantes, pessoas em trânsito e actividades pendulares como a transumância¹⁸, a montanha também isola, cria os seus habitantes à sua imagem e rudeza (ou antes sensibilidade peculiar), insula os seus povos e espécies, podendo aprisioná-los, em segregação paradoxal com o mundo envolvente, dando origem a formas de vida e culturas próprias.

Pela sua natureza ativa e selvagem, avessa à posse e de árdua domesticação, o que é edificado na montanha costuma assim ter um uso, em todas as culturas, temporário, comunitário e circunstancial. No entanto, o ser humano também constrói as suas montanhas para representar o que esta lhe representa, ao serviço da sua própria natureza, do poder e das suas ideologias; castelos, catedrais e templos, zigurates e pirâmides, arranha-céus e torres, com a arquitectura a representar a sua natureza ao serviço das suas instituições.

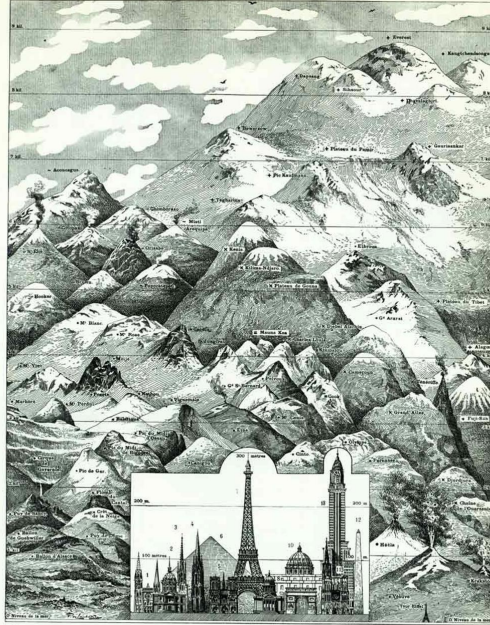
¹⁴ Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, II - Natural Place, pág. 25. Ed. Rizzoli, New York, 1979.

¹⁵ Comparando tipos de pedra, a sua maleabilidade e influência construtiva, o granito é áspero, de moldagem difícil. O calcário é relativamente macio, propenso ao desgaste, vulnerável. A sensação táctil e visual são distintas. Independentemente das características individuais, a construção (e ruína) de cantaria transmite uma *Gravitas* material relacionável com a montanha, sobretudo quando incluída no seu meio, unindo a construção ao seu elemento, na coexistência da montanha em bruto com a montanha trabalhada.

¹⁶ Representada na floresta de colunas envolve os templos clássicos (o templo como montanha e a sua caverna). “The Ionic temple with its numerous columns has thus been described as a ‘sacred grove’, and the expression ‘forest of columns’ is often used to designate the hypostyle halls of early civilizations.” (Norberg-Schulz, pág. 51. 1979)

¹⁷ Os deuses Hermes, Dionísio, Deméter, Apolo ou Pã associam-se a estas ocupações humanas, como seus representantes e protectores, enquadram-se no ambiente montanhoso e selvagem, numa conjugação entre actividade e ambiente. São considerados deuses de renascimento e de transição.

¹⁸ Um eterno retorno pastoral de ascensão e descida, uma acção pendular ligada aos ciclos naturais e a uma vivência ancestral sintonizada com o meio.



Plusieurs montagnes des Alpes et des Pyrénées de la France. La plus élevée de toutes les montagnes de l'Europe, le Mont-Blanc, se trouve dans les Alpes de France. Sa hauteur est de 15 781 mètres au-dessus du niveau de la mer. La plus élevée de toutes les montagnes de l'Amérique du Nord, le Mont-Rainier, se trouve dans les Alpes de France. Sa hauteur est de 4 380 mètres au-dessus du niveau de la mer. La plus élevée de toutes les montagnes de l'Amérique du Sud, le Mont-Aconcagua, se trouve dans les Andes de l'Amérique du Sud. Sa hauteur est de 6 962 mètres au-dessus du niveau de la mer. La plus élevée de toutes les montagnes de l'Asie, le Mont-Qomolangma, se trouve dans les Alpes de France. Sa hauteur est de 8 848 mètres au-dessus du niveau de la mer. La plus élevée de toutes les montagnes de l'Australie, le Mont-Kosciuszko, se trouve dans les Alpes de France. Sa hauteur est de 2 228 mètres au-dessus du niveau de la mer. La plus élevée de toutes les montagnes de l'Antarctique, le Mont-Guyot, se trouve dans les Alpes de France. Sa hauteur est de 9 496 mètres au-dessus du niveau de la mer.

Tempo

A montanha, apesar de manter constantes aspectos fundamentais da sua identidade, sofre transformações de percepção ao longo do tempo, variando a sua preponderância histórica e mitológica. “In general, however, mountains remain ‘distant’ and somewhat frightening, and do not constitute ‘insides’ where man can dwell.¹⁹” Aqui destacamos os povoados, a caverna, o interior da montanha, como a exceção, os “‘insides’ where man can dwell”, como o habitar primitivo da montanha e do seu ventre.

É exemplo a relação com este meio na Idade Média, vista como escarpada²⁰ e obscura. No Renascimento e na entrada da modernidade, é redescoberta a relação com o mundo e com as montanhas do conhecimento²¹, como fundo perspéctico de enquadramento idealizante e objecto de fascínio científico Iluminista. Atravessa o Romantismo com renovado vigor, antes externa ao humano, agora anexada à exaltação do seu sentimento, que mudou a sua percepção sobretudo literária e cultural²², simbólica e espiritual, com importância destacada na Europa (com os Alpes em referência), até recentemente. As montanhas revelam-se constantemente como marcos das geografias físicas e mentais da cultura.

Sem omitir a sua presença na história e cultura de regiões não-ocidentais, das quais se destacam os Himalaias, ou os Andes, a imagem da cidade Inca de Machu Picchu, ou até montanhas místicas de localização espiritual como o Monte Meru, reproduzido em templos do Budismo ou Hinduísmo²³, como o seu centro geográfico e espiritual, mais uma vez símbolos globais e referências do nosso mundo.

Depois da corrente expedicionária e exploratória que foi desperta nos imediatos séculos passados, destaca-se ainda, na alvorada do Modernismo, a difusão da corrente medicinal da montanha, a construção de sanatórios e residências de cura nas montanhas, movidos pelas suas difundidas propriedades terapêuticas (retratada como fundo da narrativa de um dos livros do séc. XX, a obra de Thomas Mann, *A Montanha Mágica*²⁴). Esta analogia encontra eco temporal na sua acção cénica, acrescentando a *dimensão plástica do tempo*, a suspensão do tempo e da realidade, a conversão do tempo em matéria, onde decorre em relatividade (na época da *Relatividade*), nas montanhas como fundo cénico à suspensão da realidade, a montanha real e a alegórica na busca da cura, na montanha mágica da modernidade.

¹⁹ Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, II - Natural Place, pág. 25.

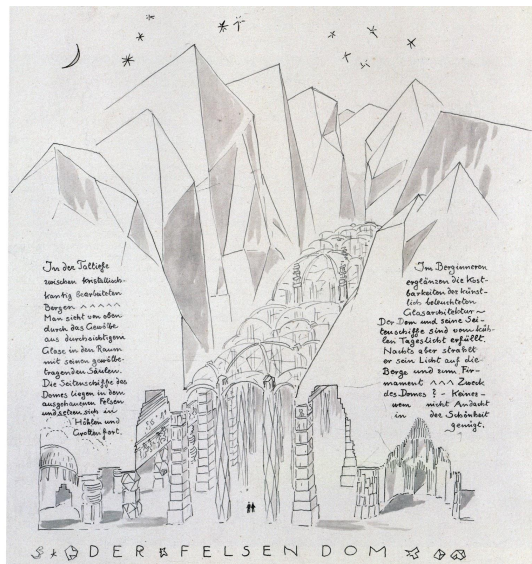
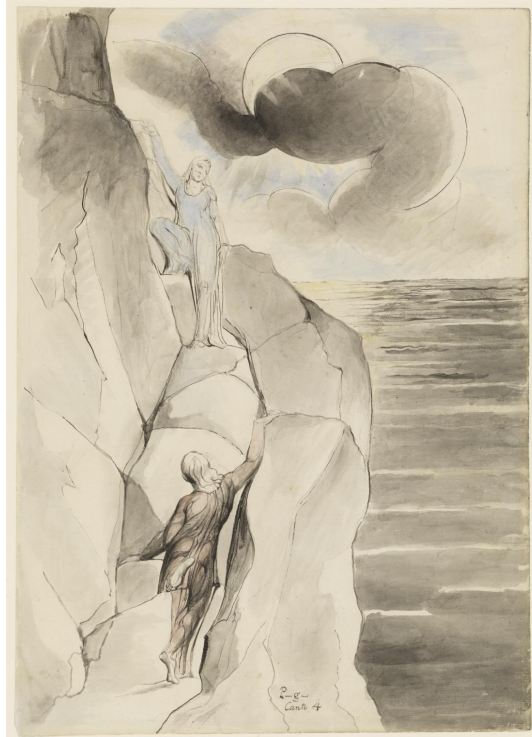
²⁰ Partindo desta comparação, é possível caricaturar dois tipos de desenhos montanhosos e corresponder-lhes estilos arquitectónicos, como catedrais naturais: A montanha gótica é escarpada e ogival, um recorte identificável com os Alpes, como exemplo. A montanha românica ou clássica é arredondada, arcada, comparável a montes de associação mediterrânica, ou, mais perto, à Serra da Estrela. Existe, adicionalmente, a diferença de formação e erosão morfológica (escarpada *vs.* amaciada) destes tipos montanhosos e das suas eras geológicas.

²¹ “We are fascinated, as well as afraid of these archetypal components of nature, and so we want to know more about them. Historically speaking, this is a very new attitude which only began to dawn with the Renaissance, as when Petrarch climbed Mont Ventou [sic.], thereby becoming the father of mountaineering. Mountains are obviously one kind of wilderness, which ask for many human sacrifices every year. There are other dangerous wildernesses that are just as hostile as mountains: (...) I assure you, they can all be found in our own depths, in our own unconscious.” Meier, C. A. *et al.* - *A Testament to the Wilderness, Wilderness and Search of the Soul of Modern Man*, pág. 11. Daimon Verlag, Zurich, The Lapis Press, Santa Monica, 1985. Meier fala na escalada inaugural relatada por Petrarca ao monte Ventoux, na alvorada do Renascimento, coincidente com o berço do montanhismo, que Petrarca empreendeu com a carga alegórica da ascensão interior, da revelação espiritual, aqui inspirada por Santo Agostinho. As montanhas encontram-se na categoria arquetípica dos elementos naturais indomáveis e selvagens.

²² Na compreensão da figura da montanha no período romântico foi consultada a obra de Nicolson, Marjorie Hope - *Mountain Gloom and Mountain Glory, The development of the aesthetics of the Infinite*, Cornell University Press, New York, 1959. Esta obra desenvolve a comparação entre as mudanças de paradigma quanto à relação das artes e da literatura para com a natureza e as montanhas, especialmente durante o Romântico, com particular atenção à obra de John Ruskin e suas ramificações.

²³ Apesar de ser focada a atenção na cultura ocidental pela sua familiaridade, é fundamental a figura da montanha e a sua influência transversal a culturas ao redor do mundo, que por sua vez se interceptam na permeabilidade de influência exercida ao longo da história.

²⁴ “A minha busca me levou às montanhas cobertas de neve. Agora a possuo. Meu sonho revelou-a para mim com tanta nitidez que sempre a guardarei na memória. Sim, ela me encanta e me dá calor. Meu coração bate com força e sabe porquê. (...) pulsa de um modo humano e certo, devido ao espírito feliz. É como uma poção, esta ideia do meu sonho, melhor do que vinho do Porto ou cerveja inglesa. Circula pelas minhas veias como o amor e a vida, e me induz a arrancar-me do sono e dos devaneios, que, como não ignoro, põem em gravíssimo perigo a minha jovem vida... Levanta-te, levanta-te! Abre os olhos! Essas pernas aí na neve são os teus próprios membros! Domina-te e coloca-te de pé! Olha só, faz bom tempo!” (como um poema de Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra*). Mann, Thomas - *A Montanha Mágica*, Capítulo VI, Neve, pág. 324. Ed. Nova Fronteira, 1980.



12 William Blake - *The Ascent of The Mountain of Purgatory*, 1824
 13 Bruno Taut - *Alpine Architecture, Der Felsen Dom*, 1917

O turismo de montanha é o descendente directo desta corrente exploratória, sanatorial ou expedicionária, reforçada pelo seu apelo romântico, moderno e literário. Desde o tardar do séc. XIX até aos dias de hoje, a montanha tem ganhado papel preponderante como local de saúde e cura, expedição científica e recreação, turismo, desporto e aventura.

Este tipo de turismo tornou-se uma actividade estabelecida, associado à saúde, beleza natural, desporto e paisagem cultural. A par desta faceta e além de terreno de autonomia e cultura, igualmente a preservação e sustentabilidade vêm associados a estes conceitos, com a consciência de um lugar paradigmático do mundo natural, que merece ser cuidado apesar de usufruído. Deste modo, mantém-se como marco territorial, símbolo universal e lugar singular. Em constante transformação, mantém constante o carácter, enquanto transforma e é transformada por quem a habita e visita.

Panorama

No panorama geral, conclui-se que este é um mundo arquetípico, o centro e os limites de um cosmos, uma referência à visão do mundo. É um edifício natural como emulação deste mundo, e uma forma de o ordenar, na perspectiva da construção como reflexo do mundo ou de um sistema. As montanhas são marcos territoriais preponderantes na geografia mental e física.

A montanha é uma fonte do mundo, útero e topo, telúrica e elevada, uma junção de realidades. Contém uma dualidade reconciliadora, análoga à geometria plano-eixo e horizontalidade/verticalidade. Serve de referência e fronteira, nas geografias físicas e mentais da percepção. Como elemento primordial, tem interesse simbólico e real, poético e racional. Assim, funciona como referência para um plano e planeamento do mundo, nos cosmos de construção humana.

A montanha cultivada torna-se assim um anfiteatro do mundo, possibilitando a vida e a sua alegoria. Na montanha, a topografia natural e a construída unem-se, com a arquitectura a criar a cultura e a agricultura da montanha. Neste sentido, pode-se unir a montanha alegórica e real, natural e humana, natureza e cultura, sob a visão da arquitectura.

Com estas características, a montanha é uma realidade singular, com o seu próprio tempo e estado, suspenso na sua realidade, na mediação entre natureza e civilização. Os socalcos são a fertilidade da cultura na montanha, lentamente domada pela arquitectura.

Nesta natureza, a economia de meios e recursos, os materiais próximos e o seu transporte tornam-se preponderantes na construção deste mundo. O trânsito e a permanência fazem parte dele como constantes. As perspectivas na sua caracterização são simultaneamente de qualidades e contrariedades, variando progressivamente de montanha hostil e inóspita, interdita e sagrada, a saudável, fonte de vitalidade, inspiração, recreio, lazer e contemplação, onde a vida é possível e tem perspectivas e onde, apesar das contrariedades, a vida pode ser mais fértil. A montanha encerra os significados que lhe forem atribuídos, reflectindo o mundo humano no seu mundo²⁵.

²⁵ “If we knew all the laws of Nature, we should need only one fact, or the description of one actual phenomenon, to infer all the particular results at that point. Now we know only a few laws, and our result is vitiated, not, of course, by any confusion or irregularity in Nature, but by our ignorance of essential elements in the calculation. Our notions of law and harmony are commonly confined to those instances which we detect; but the harmony which results from a far greater number of seemingly conflicting, but really concurring, laws, which we have not detected, is still more wonderful. The particular laws are as our points of view, as, to the traveller, a mountain outline varies with every step, and it has an infinite number of profiles, though absolutely but one form. Even when cleft or bored through it is not comprehended in its entirety.”
Thoreau, Henry David - *Walden*, The Pond In Winter, pág. 281. Ed. por Jeffrey S. Cramer, Yale University Press, New Haven, 2004.



14 Malhão ou Mariola - *Construções Primitivas em Portugal*, Serra da Estrela, 1969

A Estrela

Avistamento

De características tanto físicas como culturais vincadas no território nacional, a Serra da Estrela é a referência de montanha em Portugal. Tanto que *Serra* ou carinhosamente *Serrinha*, se tornou sinónimo da Estrela. “O viajante vai à serra, que é, por antonomásia, a Estrela.” (Saramago, pág. 141. 1995)

A sua morfologia e ambiente, cultura e características têm sido estudados, partindo do séc. XIX até à actualidade; A *Expedição Científica à Serra da Estrela*, em 1881 inaugurou um renovado interesse pela Serra. Geógrafos como Hermann Lautensach, Orlando Ribeiro e especialmente Suzanne Daveau debruçaram-se sobre a serra no estudo das suas vertentes e contribuíram para o seu conhecimento, tal como escritores e viajantes como Saramago, Torga ou Aquilino. Este interesse justifica-se tanto pela sua importância científica e cultural, como pelo seu fascínio poético.

Geografia

No seu trabalho académico, Gonçalo Vieira caracteriza geomorfologicamente a Serra desta forma: “[A Serra da Estrela] constitui a parte oriental e mais elevada de um alinhamento montanhoso de direcção SW-NE, que se estende desde a Guarda até à Serra da Lousã, ao longo de cerca de 115 km, com uma largura média de 25 km (Lautensach, 1929, 1932; Daveau, 1969). Dentro deste alinhamento, a Estrela está bem individualizada do ponto de vista morfológico: a sudoeste, o planalto granítico que marca o alto da montanha, eleva-se bruscamente acima das cristas onduladas talhadas nos metassedimentos.¹”

Geograficamente, a Serra da Estrela reúne os territórios do interior Centro-Norte português, entre vários ambientes e extensão, actuando como fronteira e marco natural, com uma preponderante posição simultaneamente fronteira e central no território. Assim, é uma referência não só na geografia nacional, como na sua cultura, caracterizando em território nacional toda uma região.

A Serra da Estrela é assim a principal referência montanhosa de Portugal, sendo a vila de Loriga, na sua encosta Sudoeste, um caso paradigmático como núcleo de ocupação de montanha, que se funde com esta na sua implantação. “O quadro natural de Loriga é a Serra da Estrela, escadaria tectónica inclinada, sobe de NE para SE, até atingir a cota mais elevada de Portugal [Continental], impõe-se sobretudo por se erguer bruscamente entre duas áreas aplanadas; a superfície da Beira Baixa a SE e o planalto da Beira Alta a NW. Centro de dispersão de água, facto a que talvez não seja estranho o nome de Estrela com que a baptizaram, nela nascem muitos rios (...) e, ainda, numerosas ribeiras que, em conjunto, formam uma importante rede hidrográfica.²”

É ainda morfologicamente caracterizada pelos seus planaltos graníticos, o recorte glaciário dos seus vales, a rede hidrográfica extensa e posição geográfica dominante no interior de Portugal Continental. “É predominantemente granítica e no relevo contrastam planaltos e altos vales encaixados de feições glaciárias.” (Vieira, V. 2004). A Serra da Estrela, mais do que dividir os territórios físicos e culturais nacionais, reúne em si características singulares de relevo pelo seu interesse, preponderância e apelo.

¹ Vieira, Gonçalo - *Geomorfologia dos Planaltos e Altos Vales da Serra da Estrela*, pág. 9. Doutoramento em Geografia Física, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

² Fernandes de Sá, Manuel *et al.*, - *Loriga, Uma Intervenção*, pág. 8. Seminário de Pré-Profissionalização, Estudos, Universidade do Porto - FAUP, Parque Natural da Serra da Estrela, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Porto, 1988.



1 Loriga por Orlando Ribeiro, 1954

Conhecimento

Com uma ocupação milenar, esta zona montanhosa é habitada desde tempos remotos, como indicam inúmeras evidências arqueológicas na região³. A Serra da Estrela é o centro do mundo para quem a habita. Simultaneamente é um limite. O seu meio cria um estado de fronteira, entre o centro e a margem, um espaço de permanência e igualmente de trânsito. Encontra-se no limiar entre civilização e natureza. Aqui o tempo passa ao seu ritmo. Está profundamente ligada ao interior, à terra e sempre foi um compasso dos astros⁴. A permanência e a pendularidade são constantes da sua vivência, o seu trânsito sempre existiu a par do seu isolamento. Apesar das mudanças, continua a manter características próprias. O seu seio é um anfiteatro natural para a condição de quem a habita.

Sempre exerceu magnetismo a quem a conhece. Manteve as suas características quase intactas ao longo do tempo, conservadas pelo isolamento morfológico devido, em parte, à posição geográfica, a interioridade de que sofre aliás grande parte do território português. Pode pensar-se da ocupação da Serra como uma ilha invertida, num mar de pedra, tanto geográfica como culturalmente; “No mar de rochas aborregadas do planalto aparecem cavadas algumas pequenas bacias. A maior parte delas estão hoje areadas ou transformadas em charcos. Contêm relvas húmidas e servem de pastagens (...). Outrora estavam cheias de água, e até os habitantes de Loriga as aproveitam, construindo pequenos muros, para as suas regas de campos de milho que vivem nas partes profundas (...)” (Lautensach, pág. 24. 1932).

Personalidade

Apesar da massa telúrica, a Serra da Estrela sempre despertou associações elevadas. Do mesmo modo que está ligada à cultura da terra e à vida rural, fornece inspiração à cultura erudita, às artes e letras. É objecto de fascínio científico e literário, apelo popular e erudito. Na sua geografia literária, Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira, Ferreira de Castro e outros descreveram a Serra na sua qualidade imaterial.

Miguel Torga define assim a Serra: “Alta, imensa, enigmática, a sua presença física é logo uma obsessão. Mas junta-se à perturbante realidade uma certeza ainda mais viva: a de todas as verdades locais emanarem dela. Há rios na Beira? Descem da Estrela. Há queijo na Beira? Faz-se na Estrela. Há roupa na Beira? Tece-se na Estrela. Há vento na Beira? Sopra-o a Estrela. Há energia eléctrica na Beira? Gera-se na Estrela. Tudo se cria nela, tudo mergulha as raízes no seu largo e materno seio. Ela comanda, bafeja, castiga e redime. Gelada e carrancuda, cresta o que nasce sem a sua bênção; quente e desanuviada, a vida à sua volta abrolha e floresce. O Marão separa dois mundos — o minhoto e o transmontano. O Caldeirão, no pólo oposto de Portugal, imita-o como pode. Mas a Estrela não divide: concentra⁵”.

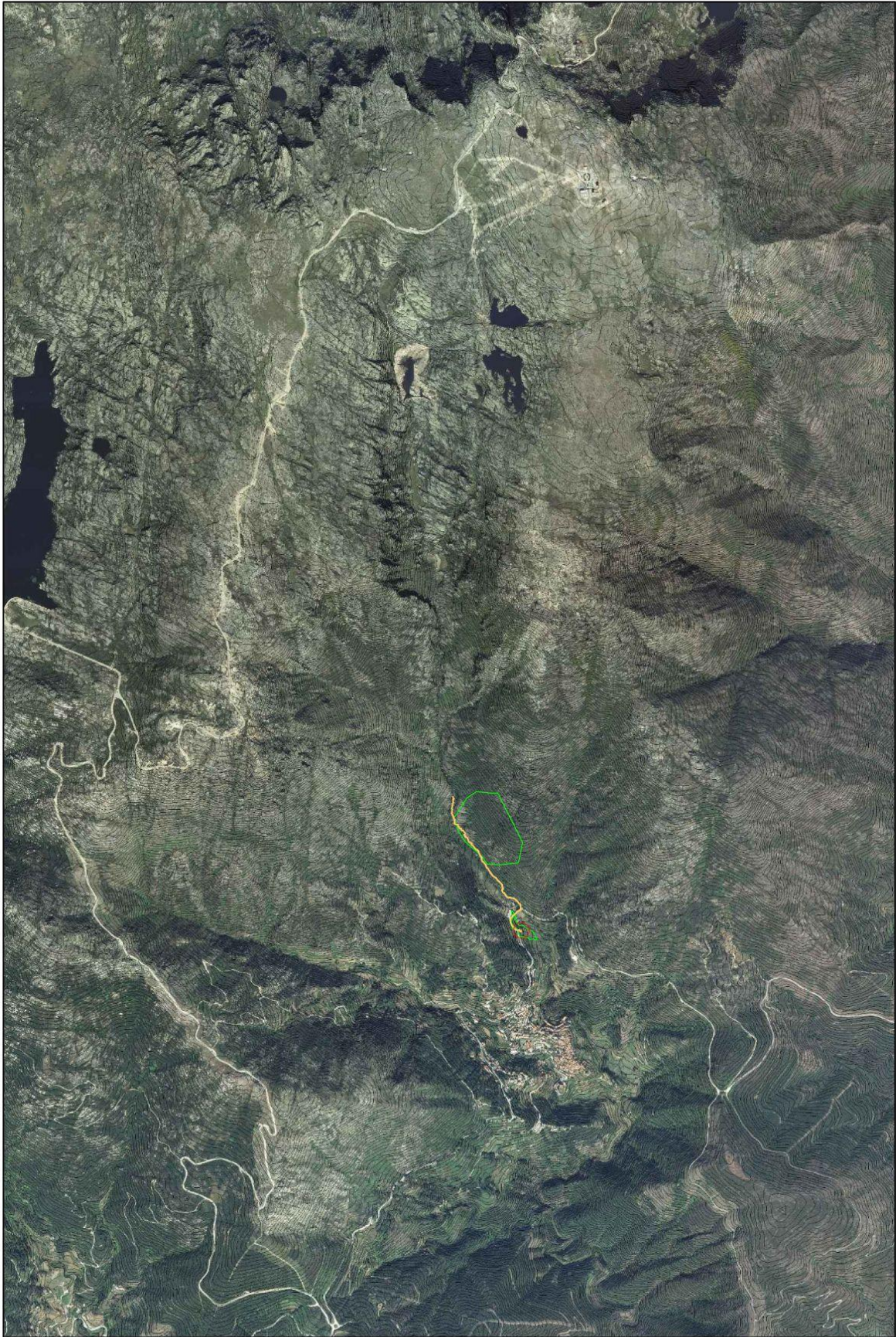
Herman Melville cita a sua magia no clássico universal *Moby Dick*⁶, através dos relatos de baleeiros açorianos acerca da serra Continental, da ligação directa e subterrânea ao oceano, provavelmente conhecendo a lenda encontrada por Hermann Lautensach, no seu *Estudo dos Vales Glaciares da Serra da Estrela*, “Os habitantes da região chamam às lagoas da Serra, Olhos marinhos, como sucede nos Cárpatos. Já a crónica de Juan Vasco (*Chronici rerum memorabilium Hispaniae*. Salamanca, 1552) diz: «*Habet altissimus Lusitania montes, quorum vel praecipuas, qui a stella cognomen habet, in cuius cacumine frequenter in lacu quodam fragmenta navium reperiuntur,*

³ Existem diversos indícios documentados, desde construções megalíticas da base até gravações rupestres nos vales e encostas da Serra.

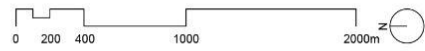
⁴ Consulta da investigação arqueoastronómica de Fábio Silva, nomeadamente *Landscape and Astronomy in Megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain Range*, Papers from the Institute of Archaeology, University College London, London, 2013. O autor conclui que várias construções megalíticas ao redor da Serra da Estrela se orientam para o local de nascimento da estrela de Aldebaran nesta montanha, de modo a marcar um provável ciclo de transumância. Encontra-se aqui um paralelo com a lenda da Serra da Estrela, acerca da origem da sua denominação.

⁵ Torga, Miguel - *Portugal*, A Beira, pág. 71. 3ª Ed., Coimbra Editora, Coimbra, 1967.

⁶ “Hence, by inference, it has been believed by some whalemens, that the Nor’ West Passage, so long a problem to man, was never a problem to the whale. So that here, in the real living experience of living men, the prodigies related in old times of the inland Strella mountain [sic.] in Portugal (near whose top there was said to be a lake in which the wrecks of ships floated up to the surface);” Melville, Herman - *Moby Dick - Or, The Whale*, Chapter 41, Moby Dick, pág. 233. Penguin Classics, New York, 2009.



QUINTA
PERCURSO
HABITAÇÃO



2 Localização - Ortografia

quum tamen a mari plus quam duodecim leucis distat. Quin et exaestuare et tempestatem ibi audivi affirmant accolae, quoties intumescit mare » (1). (1) Segundo L. F. Marrecas Ferreira. «As lendas da Serra da Estrela na Tradição escripta». Exp. Scient. à S. da Estrela⁷»

Aquilino Ribeiro caracteriza a Serra; “Na região, porém, predomina a todas as demais elevações a cumeada estiradíssima dos Hermínios, acerca da qual se lê na *História Seraphica* este período de poético assombro: *Se levãta hu`a serra sobre todos os mais montes, cõpetindo con as nuvens, se não he co as estrelas.*” (Ribeiro, pág. 12. 2017) e descreve com mestria a sua personalidade: “O arcabouço mais robusto e arqueado pertence à Estrela. Suponha-se uma gigantona jacente, com a Guarda à cabeça, envolta numa écharpe vaporosa. Mas dali até Seia, cujas lactescências eléctricas cintilam nos longes das noites diáfanas, a sua troncatura reveste-se das cores mais inverosímeis do espectro. O roxo é a tinta comum. Embora ingrata como é, deixada pela piedade à túnica do Senhor dos Passos, sublima-se dum matiz tão fluido que, de elegíaca e dolente, se torna perturbadora e quase sensual. O azul terno é outra tinta de que se paramenta, azul transparente e cristalino como certas águas marinhas vistas de alto, e através dele se não se avistam caçadores nas devesas e pastores de chapelão, ao ombro a manta herdada dos zamoranos, ladeados dos cães, os mais dignos cães do globo, é porque andam na vertente oposta ou se acolheram à sombra das penhas. A serra da Estrela é uma personalidade. Descobre-se à distância de trinta léguas. Caminha-se para ela e fica sempre a mesma, ativa, remota, coberta com manto real. Subitamente, quando se vem do Norte e se passa Abruñosa, onde se sumiu a serra? A serra lá está verdejante, salpicada de lugares claros, serzida de estradas, ostentando seus arvoredos de altitude, mas nós subimos com ela, montados na sua cernelha. É-se como um mosquito no cavalo que nos leva.⁸”

Gil Vicente dedica-lhe destaque na *Tragicomédia da Serra da Estrela*, demonstrando a extensão de influência que se prolonga no tempo, no teatro, nas artes e na realidade geográfica e cultural nacional.

Actividade

A actividade nesta encosta da Serra da Estrela tem-se mantido constante desde tempos remotos. A agricultura, a pastorícia⁹ e as ocupações associadas constituíram a base do modo de vida desta região¹⁰. A antiga introdução de novas culturas agrícolas (o milho, a batata) e florestais (pinheiro e recentemente, algum eucalipto), o desenvolvimento industrial, permitido pelo aproveitamento da energia hidroelétrica e, recentemente o aproveitamento energético eólico e o turismo principalmente, são algumas das principais alterações no funcionamento desta região.

A agropastorícia foi otimizada com o aumento de terreno utilizável, através do sistema de socalcos¹¹. A água é a força vital que vem do interior da Serra. A moagem de cereais e, posteriormente a indústria, cresceram junto às ribeiras, com este aproveitamento hídrico¹². O *minério* foi uma actividade igualmente desenvolvida durante algum tempo, especialmente durante a Segunda Grande Guerra.

⁷ Lautensach, Hermann - *Estudo dos Glaciares da Serra da Estrela*, pág. 24. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1932. A partir da «Expedição científica à Serra da Estrela em 1881».

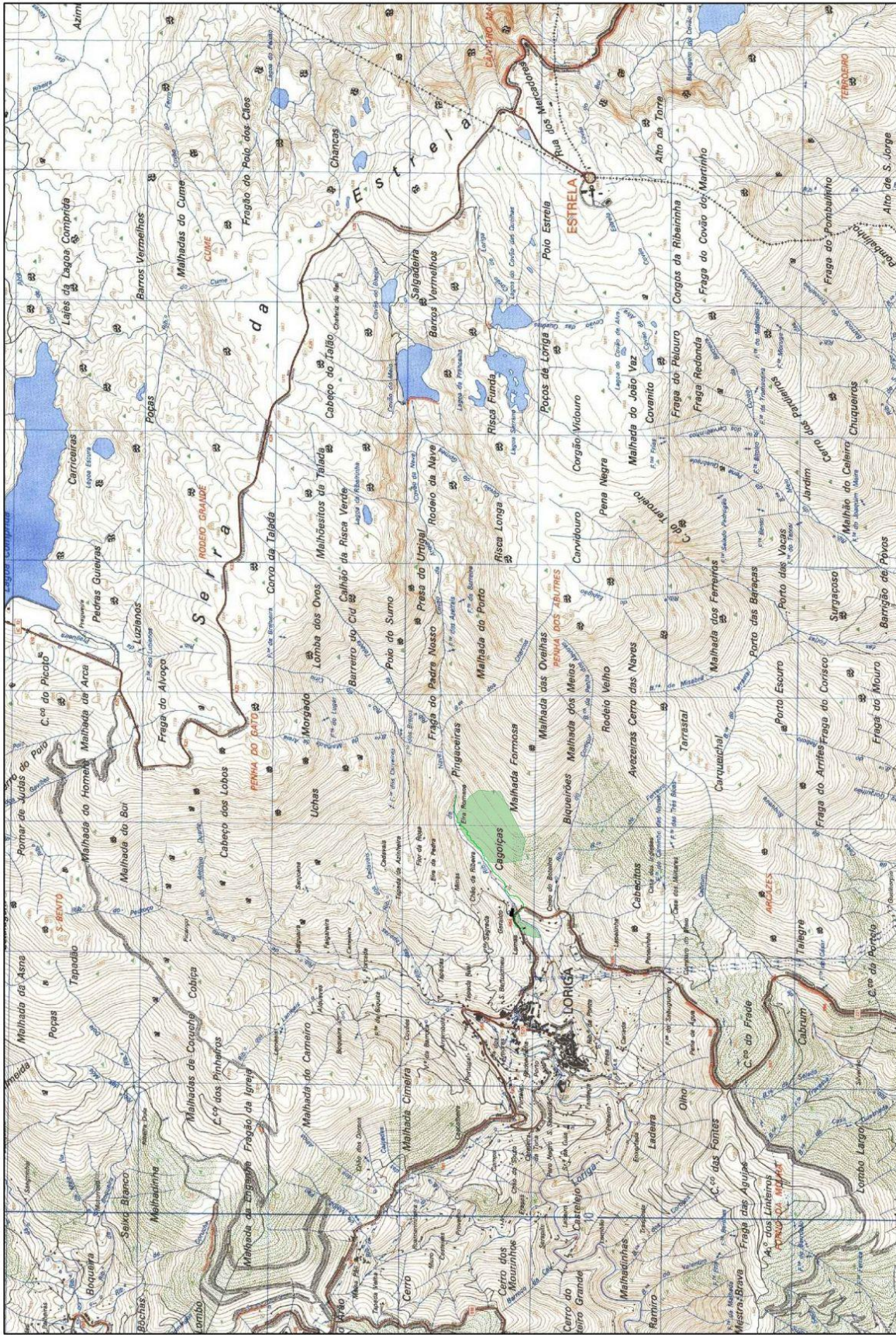
⁸ Ribeiro, Aquilino - *O Homem da Nave - Serranos, caçadores e fauna vária*, pág. 16. Bertrand Editora, Lisboa, 2017.

⁹ “O modo de vida dos povos de montanha, ambiente agreste e de solos magros, tem tido na pastorícia a componente fundamental do sistema económico que o caracteriza.” Fernandes de Sá, Manuel *et al.*, - *Loriga, Uma Intervenção*, pág. 15.

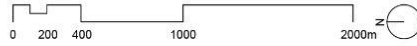
¹⁰ “Prolifera nesta região do país uma gente rija e aguerrida, cuja epopeia tem sido a luta milenária para arrancar ao solo pouco generoso um sustento escasso. Homens em quem tal luta gerou hábitos de trabalho sem tréguas nem desfalecimento, de sobriedade, de economia e um entranhado amor ao terreno que lhes resiste, mas que os alimenta e lhes revela a medida das suas forças criadoras. Em contrapartida, mantém-nos num primitivismo de vida, de interesses e de aspirações que impressiona e, frequentemente, confrange.” Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 8. 2º Volume, 3ª Ed., Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988.

¹¹ “Nos terrenos aráveis, entre os pinhais, penedias e linhas de água, crescem o milho, o centeio, a batata e, em espaços menores, a oliveira e a vinha (...)” Id., *Ibid.*, pág. 5.

¹² “São poucas as indústrias na Beira e, mesmo assim, em grande parte subsidiárias da agricultura. (...) um grande número de objectos essenciais ao beirão, servem o agricultor, são fabricados em pequenas oficinas rudimentares, (...) repetem modelos centenários, cuja técnica de fabrico tem sido transmitida de geração em geração. Libertaram-se um tanto dessa «fatalidade agrícola» e dessa fase artesanal rudimentar algumas terras das vertentes meridionais da serra da Estrela, onde a indústria da tecelagem tomou certo vulto, organizada em unidades de produção já evoluídas. Também uma ou outra exploração mineira alterou as condições tradicionais de vida (...)” Id., *Ibid.*, pág. 8.



INTERVENÇÃO



3 Localização - Cartografia

A indústria têxtil, potenciada pelo aproveitamento hidroelétrico, foi uma força de produção na Serra entre os sécs. XIX e XX. Com o desenvolvimento da indústria, têxtil e metalúrgica, a agricultura definhou. A emigração e o êxodo rural contribuíram para o decréscimo populacional. Entretanto, a actividade industrial foi desmantelada e actualmente, o turismo é o principal meio de desenvolvimento desta zona. O potencial agrícola está praticamente estagnado.

Uma possível via de desenvolvimento pode ser a qualificação do turismo, cuidada e consciente, aliada a estas actividades, em sustentabilidade. “Porém, dada a importância que esta actividade pode ter, como complemento e como alternativa ao trabalho industrial e ainda, pelo contributo que deu à construção da imagem do aglomerado, leva-nos a considerar com apreensão este sucessivo abandono dos socalcos e a sugerir que sejam tomadas medidas para conter esta tendência, cujas razões é necessário averiguar num estudo com certo rigor, já que as causas podem ser múltiplas, como a propriedade da terra, a falta de iniciativa e inovação no sector, para citar três que normalmente são importantes.” (em *Loriga, uma Intervenção*, pág. 16. 1988)

Recursos

Os principais recursos materiais na Serra são a pedra (e o seu subproduto, o minério), a madeira, a terra e a água¹³. Existe ainda alguma tradição do metal, metalúrgica e metalomecânica. A água abundante é um elemento omnipresente. O vento e o sol são, em épocas, consideráveis. A terra é a principal luta de conquista à Serra, através da sua moldagem por socalcos, de modo a aumentar a área fértil. A água e a rede hídrica da serra são um importante recurso desta região. Como dizia o pai de um familiar, do Baixo Alentejo, aquando da sua visita à Serra da Estrela, “a nós Deus deu-nos tanta terra e não nos deu água, a vós deu-vos tanta água e não deu terra nenhuma!”. Na serra teve de se *construir* a terra.

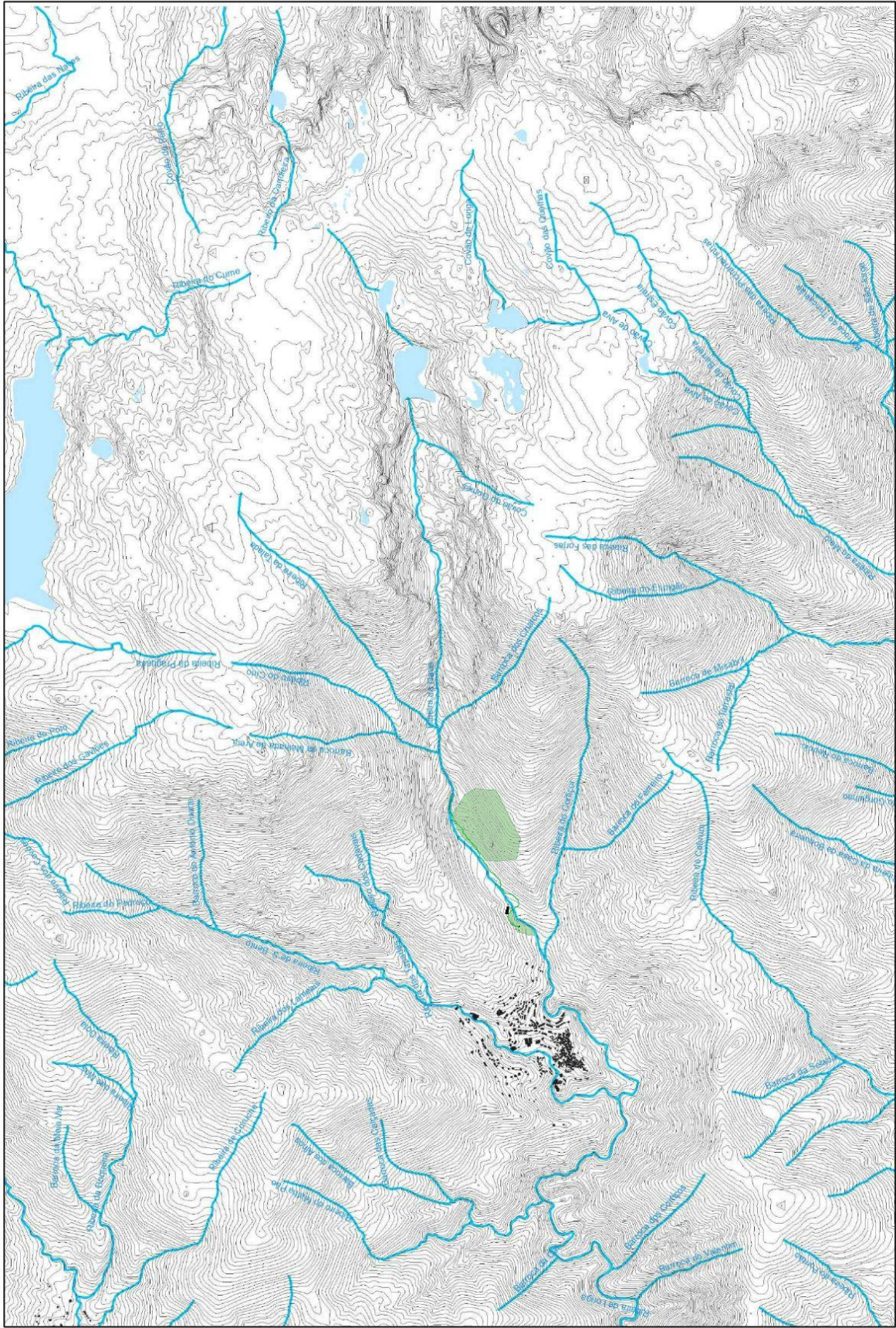
A Serra da Estrela é assim associada a produtos do pastoreio, indústria têxtil, mineração, agricultura, turismo, aproveitamento hídrico e eólico ou actividade florestal. As amplitudes climatéricas extremas, nas épocas de verão e inverno são inclementes, mas a serra serve também de abrigo, à neve, ao frio e chuva, ou o constante nevoeiro da serra. “É certo que se arrisca a estar na serra e não ver a serra, mas confia que algum deus hermínio, desses que na Lusitânia se veneravam e agora estão adormecidos, como o louvado Endovélico, acorde do pesado sono secular para abrir umas nesgas de céu e mostrar ao viajante os seus antigos impérios.” (Saramago, pág. 142. 1995).

Tecido

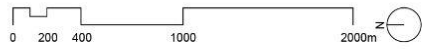
A malha arquitectónica da Serra é facilmente apreendida, quando encontrada entre montes e floresta. Massas compactas de aglomerados civis que se estendem consoante o perfil do terreno, e edificado esparsos entre vales e vegetação. À volta das povoações, sobressaem minifúndios com os seus abrigos de pedra como marcos das suas terras¹⁴. Convivem edificações graníticas elementares com edificado recente, desde a *casa de emigrante* a outros edifícios recentes, alguns de qualidade questionável, com apontamentos por vezes surpreendentes na sua agradável ingenuidade ou, demasiado recorrentemente descontexto. A economia é o factor essencial da construção beirã, o condicionamento de meios e recursos. “Nos meios rurais da Beira, as condições económicas *pesam* nitidamente sobre as edificações.” (Keil do Amaral *et al.*, pág. 79. 1988)

¹³ “(...) terrenos acidentados e pedregosos, onde o granito imprime uma configuração da maior importância. Numerosos cursos de água retalham-na, vivificam-na, e contribuem para o rude encanto das suas paisagens.” Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3 - Os «Porquês», pág. 3.

¹⁴ “Os abrigos para os rebanhos, os pastores e o milho, que se encontram em determinadas áreas da serra da Estrela, constituem, igualmente, exemplos duma necessidade imposta pelo clima: a defesa contra as névoas súbitas, os nevoês e o frio, que impedem o regresso aos povoados, ou a permanência habitual ao ar livre.” *Id.*, *Ibid.*, pág. 73.



INTERVENÇÃO ■



4 Localização - Topografia e Hidrografia

“A simplicidade dos volumes e das composições salta à vista, bem como o geometrismo elementar das articulações das massas construtivas e dos elementos que as definem, completam ou valorizam. Robustos, sólidos e sem devaneios, os edifícios assentam pesadamente na terra. É uma Arquitectura máscula e humilde (...). De proporções modestas, dominantes horizontais, disciplinada e sem arrogância.” (Keil do Amaral *et al.*, pág. 116. 1988).

De um modo geral, a linguagem mantém-se, moldada por constrangimentos económicos, materiais, construtivos e, em alguma construção recente, falta de contexto. A cantaria de granito deu muitas vezes lugar à alvenaria de tijolo, salvo construções infraestruturais, como muros. A simplicidade é a língua corrente, por vezes recentemente compensada com uma necessidade de sofisticação que, maioritariamente, descamba em redundância. No entanto, em geral, mantém-se ainda uma unidade arquitectónica sublinhada pela coesão urbana, no olhar distanciado, a continuidade nas formas e a economia de linguagem e meios, que transparece simplicidade. “Nalgumas terras pequenas da Beira transparecem, com uma evidência impressionante, feições primárias, elementares, dum tendência gregária - dum simples propósito de vida em comum, expresso em edificações rudimentares erguidas para tal fim.” (Keil do Amaral *et al.*, pág. 82. 1988).

A partir destas características se pode estender a uma cultura arquitectónica comum, presente através de épocas históricas precedentes, impressa na identidade arquitectónica portuguesa: “Outro aspecto a acentuar é o hermetismo das edificações. Do absoluto domínio das paredes sobre os vãos, só contrariado nas varandas envidraçadas, que são, aliás, elementos exteriores a paredes pouco rasgadas. Imposições de ordem técnica, climatérica e económica, encontram-se na base dessas soluções fechadas, maciças, que um nível primevo de existência e de concepções fizeram perdurar. «Livra-te dos ares que eu te livrarei dos males» - diz-se ainda na Beira. E é raro abrir-se uma janela numa alcova ou num quarto. (...) A sobriedade, a horizontalidade e o hermetismo caracterizam, com efeito, as edificações típicas de regiões mais vastas do que as da Zona em estudo. Explicam, aliás, em certa medida, a persistência do românico ou de feições romanizadas entre nós, a manutenção das armações de madeira de tipo paleocristão nas coberturas das igrejas góticas da Estremadura, o partido meridional, mediterrânico, da Batalha, a concentração da decoração, mesmo a Manuelina, em certos pontos de edifícios sóbrios e compactos, a secura ordenada do Pombalino, a feição comedida do nosso Barroco, e várias outras facetas portuguesas da Arquitectura erudita, além das que mais acentuadamente, evidenciam as feições regionais da Arquitectura popular.” (Keil do Amaral *et al.*, 1988, pág. 118) Pode assim traçar-se uma ligação entre a arquitectura granítica vernacular e a sua marca na cultura arquitectónica nacional.

A vila de Loriga é neste contexto, o paradigma do povoado no maciço central da Serra da Estrela, com a sua estreita relação com a morfologia do terreno e a rede hídrica, “sobre uma pequena superfície à cota média de 700m, que se desenvolve no topo de um apertado interflúvio, definido pelas ribeiras de S. Bento e da Nave e que, ao juntarem as suas águas imediatamente a jusante deste domo, fecham a forma e dão lugar à ribeira de Loriga.¹⁵” Reúne o carácter de montanha da Serra da Estrela, como referência da vivência no seu seio. É assim, um lugar que *concentra* a compreensão da Serra numa totalidade de existência, numa união indissociável.

A Serra da Estrela sempre foi em si motivo de estudo e visita, como demonstram os vários estudos científicos e culturais produzidos sobre esta região. As suas qualidades físicas e poéticas são incontornáveis, desde as características geográficas, geológicas, antropológicas ou etnográficas, à sua rica cultura popular. É lugar de viagem, de passagem e paragem essencial no conhecimento do território nacional, inspirando a literatura de viagens em viajantes aqui lembrados. Actualmente, continua a ser motivo de visita, até em maior escala, com o aumento de actividade turística e ampla divulgação nacional. O que ainda falta na serra são soluções para o seu desenvolvimento interno, mantendo a sua personalidade, que é o seu valor.

¹⁵ Fernandes de Sá, Manuel *et al.* - *Loriga, Uma Intervenção*, pág. 8.



5 Loriga por Suzanne Daveau, 1966

O turismo é um meio, mas não pode ser o único meio, é necessário pensar a ocupação, repartição e soluções para o funcionamento da sua terra. Pequenos contributos podem ajudar a pensar uma região, com a reunião das suas características próprias e as complexidades das suas dinâmicas. O desenvolvimento, de certa forma, pode até passar por um retorno, ao agarrar neste movimento aspectos contemporâneos.

Encontro

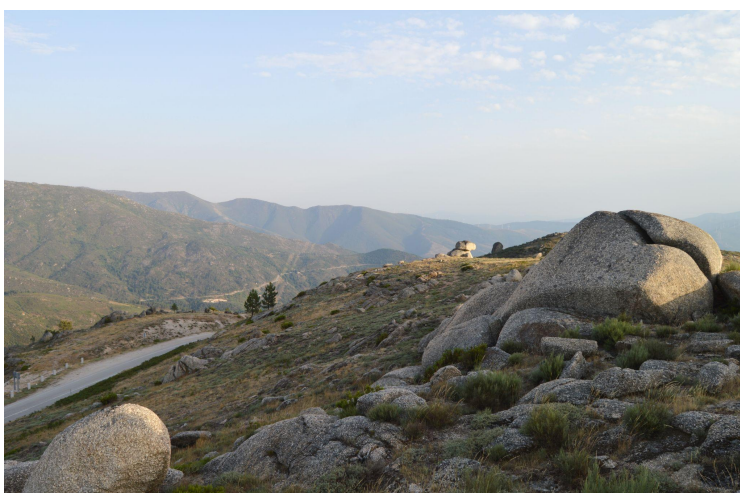
Uma vez no seio da Serra, compreende-se assim a sua natureza. Concluem-se os motivos da sua referência montanhosa nacional, não só geográfica como cultural, o seu magnetismo concentrador. A Serra reúne. Destaca-se o seu apelo, tanto científico, físico, como literário ou místico. De antigo compasso astronómico à orientação terrestre. A Serra concentra, como limita.

É uma massa telúrica agarrada ao chão e igualmente desperta altas inspirações. A sua ingenuidade convive com a sua elevação, na simplicidade sublime da sua configuração. A arquitectura da Serra molda e imprime a sua marca na Arquitectura nacional. É um factor de cultura. A Serra é uma fonte dos seus limitados, mas abundantes recursos no território interior, a par de constrangimentos de igual medida. A água, a pedra, a madeira, o ferro, a sua matéria fornece e abastece o seu território.

A arquitectura da serra é pesada, a acompanhar o chão e a seguir o terreno, de muros, paredes, socalcos, escadarias e declives. De aberturas contidas e massa ortogonal, na horizontalidade quando segue as linhas da terra e alguma verticalidade quando se eleva no mar de pedras da serra.

A Serra encontra-se em necessidade urgente de actividade, de continuidade, dentro da sua economia e das suas regras e imposições. Com o estímulo da agricultura, pastorícia ou novas formas de viver e trabalhar a serra. Assim, a Serra da Estrela necessita tanto de cultivar os seus socalcos, como de actividade e cultura, visita e partilha, de cultivar a gente, de volta à sua terra.

É importante, evidente e cada vez mais urgente uma reunião destes aspectos, concentrando o potencial que podem oferecer para o desenvolvimento em continuidade, em pequenos contributos, cultivando esta terra com a reunião de actividades no seu seio, de forma sustentada e com as suas formas e características próprias.



6 Barragem da Lagoa Comprida

7 Alto de São Bento, Loriga

8 Mirante de Loriga

A Quinta

Enquadramento

O terreno da quinta encontra-se afastado do centro urbano, no limite da Vila de Loriga¹, entre o final superior da povoação e a base do Vale Glaciar da Garganta de Loriga, cruzado pela Ribeira da Nave e trespasado em quase semicírculo pela Estrada Nacional 231, com a ponte² a fazer a sobreposição entre o curso hídrico e a via terrestre. “A vinte quilómetros da sede de concelho, à margem da estrada nacional 231, que une Seia à Covilhã, Loriga surpreende pela dimensão, pela cor predominantemente branca das construções e pela forma como se adaptou ao sítio, quase lembrando uma maquete, quando se vê de longe.³”

Aquí encontram-se em evidência quintas semelhantes, constituídas igualmente por palheiras com terrenos de cultivo, pastoreio e pinhal, a fábrica metalomecânica, o edifício de maiores dimensões, de carácter industrial, e, em destaque, a praia fluvial (uma represa sazonal de vigas móveis de madeira), com espaço de lazer e recreio, entre rebolas graníticas, vegetação e pinhal.

As quintas ladeiam as margens deste enquadramento, entre manchas de pinhal na linha de base do vale. Algumas destas áreas de mato e floresta foram outrora também quintas cultivadas, agora reclamadas pela serra, engolidas pelo mato e quase imperceptíveis.

Estes elementos assentam na base encaixados no panorama geral, de forma orgânica, agarrando um lugar de convergência e reunião de ambientes, na transição entre o edificado e o natural, a visita turística e o trabalho da indústria pesada, metalúrgica e metalomecânica, o usufruto balnear e a actividade agrícola, a modelação do terreno cultivado por socacos e as grandes massas graníticas em escadarias geológicas de geometrias desconcertantes. Sobressai nesta imagem a abundância de água e os afloramentos graníticos imponentes, além da imagem impressionante da Garganta cavada no vale.

Todos estes aspectos contribuem para um lugar singular que, por causa e apesar desta conjugação de factores, reúne de forma harmoniosa várias actividades e realidades numa paisagem inspiradora. Esta reunião cria um *lugar*, uma *realidade* que enquadra numa imagem arquetípica a paisagem, a vivência e convivência do mundo ancestral e contemporâneo de montanha na Serra da Estrela.

A terra envolvente do centro urbano da vila de Loriga é assim dividida em minifúndios, reconhecíveis no parcelamento do terreno e nas palheiras que encimam cada propriedade, como edifício-marco de cada parcela⁴. Da materialidade partilhada com o terreno, resulta uma vista uniforme.

Além das coberturas zincadas, que se tornaram parte da cultura visual local, ou do pontual uso do tijolo à vista, a linguagem é comum, a mesma desde sempre, de geometria robusta e murada a granito. A irregularidade convive com linhas regulares, contribuindo para a organicidade do edificado, dando continuidade ao que é natural, quase espontaneamente. A rudeza que esta configuração transmite reforça, sem paradoxos, a generosidade, sensibilidade e gentileza, honesta e desarmante deste local.

¹ “...um povoado erguido ao longo duma crista montanhosa, de uma e outra banda da rua principal, que se lhe segue os contornos, extenso e estreito (Loriga, na Beira Alta)”.

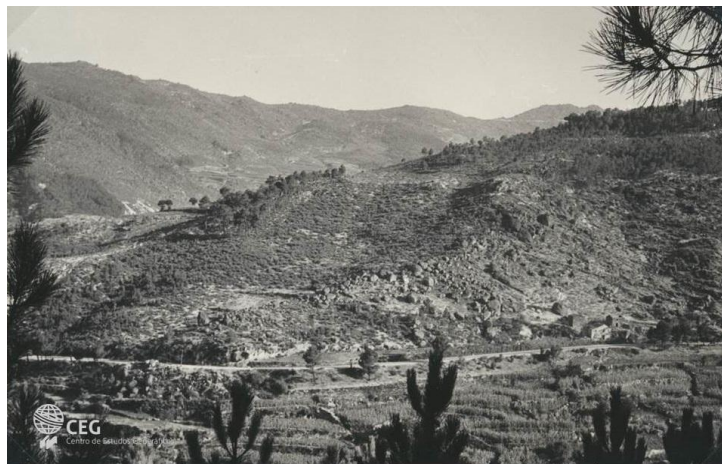
Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3 - Os «Porquês», pág. 48. 2º Volume, 3ª Ed., Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988.

² Um dos exemplos de Heidegger e de Norberg-Schulz, de uma *coisa* que reúne um *lugar*, em *Poetry, Language, Thought e Genius Loci*.

³ Fernandes de Sá, Manuel *et al.*, - *Loriga, Uma Intervenção*, pág. 8. Seminário de Pré-Profissionalização, Estudos, Universidade do Porto - FAUP, Parque Natural da Serra da Estrela, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Porto, 1988.

⁴ “(d)uma terra retalhada em propriedades minúsculas (...) heranças sucessivas, a pobreza geral e uma ânsia de possuir terreno, pouco que seja («fome de terra», chamou-lhe alguém) (...)”.

Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 10.



- 1 Vista frontal da quinta, em *Os vales de Loriga e Alvoco na Serra da Estrela*, 1966
- 2 A EN 231 com parte da quinta abaixo, por Suzanne Daveau, em 1967
- 3 A quinta lavrada, retratada por Suzanne Daveau, em 1966

A água é o elemento omnipresente, na sua relação íntima com a pedra granítica e a vegetação frondosa e verde nos meses frios, seca e loura nas estações quentes e ainda de tons terrosos e avermelhados na queda de outono.

Aquí outrora se cultivou o milho, centeio, batata, ao longo dos seus socalcos⁵, com a agricultura de subsistência de vegetais e leguminosas a ocupar a sua parte no terreno, para sustento familiar. As quintas minifundiárias desta zona funcionavam assim como células autónomas, embora com constante cooperação, produzindo culturas que abasteciam a freguesia, nas zonas limites da vila.

“A agricultura, incipiente e praticamente reduzida ao cultivo do centeio até à introdução do milho, sofre com o novo cereal (já com certa importância no séc. XIX), profundas alterações. O milho obrigou à construção de socalcos, que mudaram a paisagem, e permitiu obter alimento para pessoas e gados numa área reduzida. O sistema tornou-se um pouco mais individualista, em que, a rega obrigatória e a competição da água com as fábricas, levou à sua partilha rigorosa, que, para evitar desperdícios fatais a agricultores e industriais, obrigou também a uma organização rígida na utilização da água nas ribeiras, bem como, à construção de represas e levadas.”⁶ Estas levadas correm ainda hoje pelas encostas e atravessam as ruas da vila de Loriga, num complexo sistema hídrico, que até tinha regulador, o *Girador*, responsável pelo seu funcionamento e distribuição, através de bifurcações, represas e escapes entre terrenos. Loriga marca ainda a transição entre o granito, predominante nas cotas mais altas da vila, e o xisto, que começa a aflorar na parte baixa da freguesia, ao longo do curso descendente da altimetria do vale e do curso hídrico⁷.

Condições

A quinta é configurada em socalcos, a acompanhar a descida da terra até à margem da Ribeira da Nave. Aquí se cultivou desde sempre, encontrando-se inactiva, exceptuando quando alguns rebanhos a visitam por cedência, para lhe aproveitar o mato e ervas silvestres. “Os cultivos em tão diminutas propriedades fazem-se, em geral, à escala familiar, com métodos primitivos e sem contas quanto à relação entre o valor do tempo despendido e o dos produtos colhidos.” (Keil do Amaral *et al.*, pág. 12. 1988). Possui ainda nascentes naturais de água, sendo o recurso preponderante para a sua configuração de socalcos e eiras. A água corre em abundância, quer na ribeira, como entre o sistema de levadas da quinta. Contém algumas árvores de fruto dispersas pela propriedade. Está delimitada pela EN231 na cota superior e pela ribeira na sua cota inferior. Acima da quinta, a Praia Fluvial de Loriga limita a sua extensão. Em direcção à vila de Loriga, faz fronteira com uma levada e outra quinta.

A quinta enquadra-se numa área que conjuga favoravelmente os recursos que se encontram no seu terreno, contando ainda com a rede eléctrica que trespassa a propriedade. O seu declive, com diferenças da ordem dos 30 metros em certas zonas, pode até ser vantajoso para a distribuição agrícola e a diferenciação de sectores, além do aproveitamento da pressão hídrica e parcelamento de actividades por patamares.

A actual condição em que se encontram, tanto a quinta como o terreno de pasto, dificultam a sua leitura, por estarem cobertos de massa silvestre. Apesar disto, a palheira evidencia-se sempre como o centro deste sistema.

⁵ “(...) entre os pinhais, penedias e linhas de água, crescem o milho, o centeio, a batata, e, em espaços menores, a oliveira e a vinha (...)”

Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 5.

⁶ Fernandes de Sá, Manuel *et al.*, - *Loriga, Uma Intervenção*, pág. 15.

⁷ “As casas, irregulares, são de granito, onde há granito, ou de xisto, onde o solo é xistoso, ou ainda de granito e xisto, nas zonas de transição; e, com o tempo, tomam a cor geral da região em que assentam. Os materiais mais usados nas coberturas - telha de canudo, lajes de xisto e colmo - também adquirem uma «patine» terrosa. Dessa circunstância, aliada à adaptação do casario ao terreno, ressalta uma associação tão íntima entre as casas e a paisagem que, de longe, é por vezes difícil distinguir a aldeia perdida entre penedias e árvores.”

Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 15.



4 Zona frontal do terreno, com a extensão inferior da quinta

5 Quinta e palheira abaixo da EN231

6 A quinta em estação fria

Recursos

Nesta configuração, a quinta contém e é rodeada por várias infraestruturas e recursos que devem ser ponderados no seu planeamento. Desde logo os acessos, com a passagem da rodovia nacional. As quintas vizinhas, em actividade e ainda com rebanhos, mantêm uma relação intemporal de coexistência e cooperação, cedência de pasto e troca de serviços. A metalúrgica fornece acesso próximo a trabalhos em metal, assim como reparação, construção, estruturas, entre outros.

A praia fluvial acolhe turismo e comércio, banhar e de recreio, contendo serviços de restauração. A recente falta de estacionamento, pela grande afluência turística estival é um dos problemas já identificado. A abundância da água fornece ainda uma estação de abastecimento hídrico para o combate a incêndios e ainda uma fonte informal de uso público, proveniente de uma nascente pertencente à propriedade. Ao longo da estrada e ramificados pelo vale acima, existem ainda acessos aos terrenos circundantes. A Ribeira da Nave é assim o corpo hídrico principal, proeminente nos meses frios, com o caudal torrencial a passar entre estes campos, mais calma nos meses quentes. Cria aqui a Cascata das Lamas, que durante a época fria corre de forma imponente, com a água a precipitar-se em força e volume sobre o vale.

A propriedade é igualmente composta por um terreno de pastoreio no vale acima, além da quinta onde se insere a habitação. Este terreno difere na configuração e usos, logo estatuto, em relação à parcela principal da propriedade, a quinta em foco.

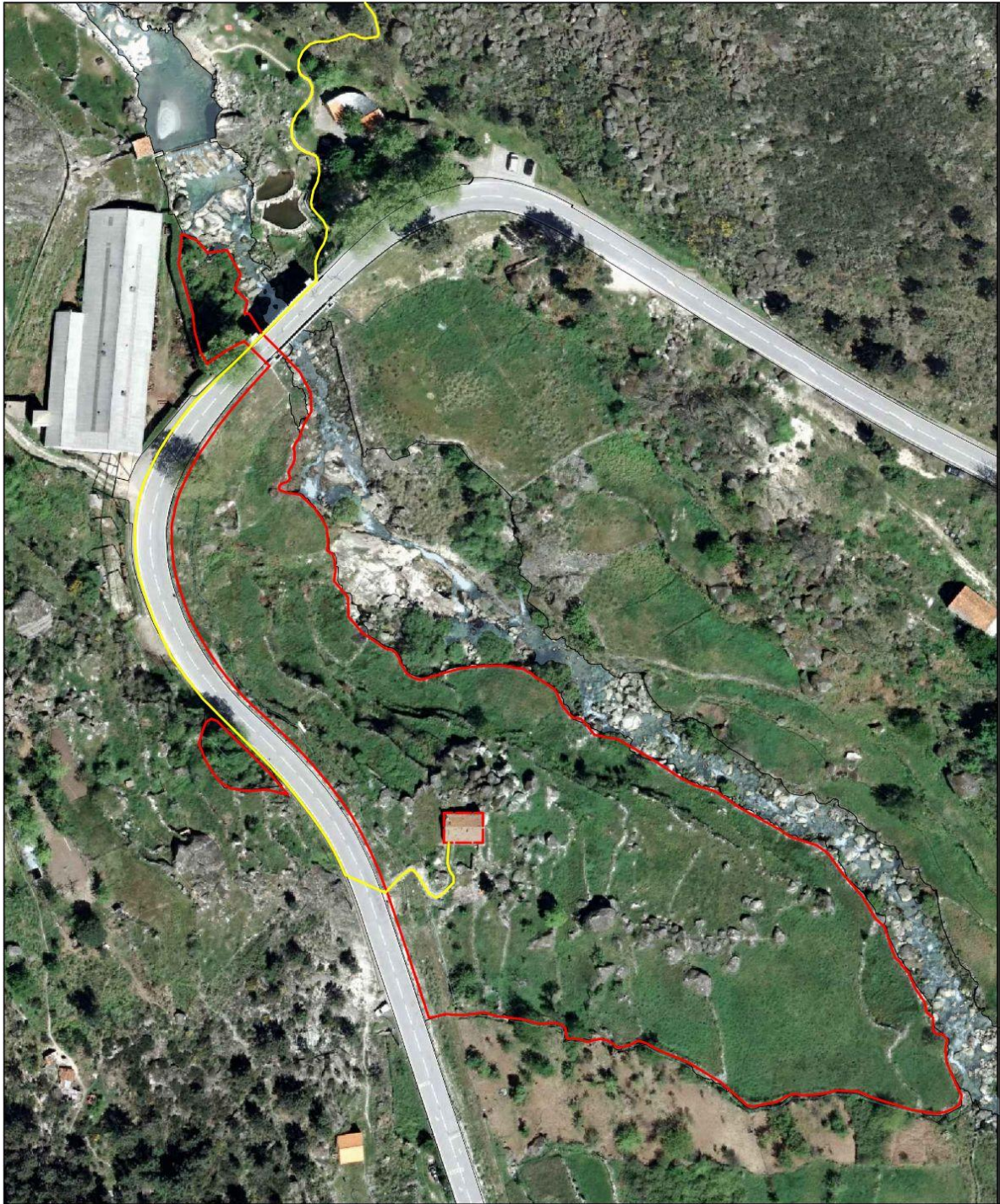
Este é constituído por zonas graníticas que afloram entre um mato denso e caótico, pinhal e alguns castanheiros⁸, entre vegetação autóctone. Esta área insere-se em zona protegida, sendo delicada a sua manutenção. A exploração apícola de flora de altitude e a matéria vegetal podem ser recursos a considerar.

Aqui, apenas a limpeza florestal e cuidado da sua vegetação, além de pequenas intervenções e gestão da paisagem, tal como a exploração não invasiva e não intensiva, permitem a sua manutenção, em terra semi-selvagem (por onde serpenteia o percurso adiante) labiríntica e, quando dela emergidos, de vistas excepcionais. Os seus recursos residem assim na sua grande massa silvestre e configuração geológica.

Assim, enumerando os seus recursos, podemos salientar as suas características principais: A abundância de matéria geológica, com blocos graníticos de diferentes proporções, desde grandes rebolas a pequenos calhaus, a repartição de terreno cultivável em socalcos, em secções e zonas distintas, a matéria vegetal, árvores de fruto como limoeiros, castanheiros, laranjeiras, cerejeiras, macieiras, videiras, ou outras como pinheiros e carvalhos, além de vegetação fluvial. De realçar ainda a omnipresente abundância de água, com a ribeira, o sistema de levadas e alguns nascentes e fontes no terreno, a rede eléctrica, trespassante da propriedade, a via nacional e os acessos internos e circundantes, as fronteiras com quintas, a orientação em anfiteatro voltada a Sul-Poente, a exposição solar, a vista, a cascata e o desenho, o declive e a posição favorável no terreno, o edifício como corpo central e demarcador, entre as estruturas como muros, taludes, pontes, escadas e rampas, poços e eiras.

Podemos ainda enumerar as qualidades sensoriais do lugar, como o som da água, dos pássaros e das folhas, os chocalhos, o som de veraneio dos visitantes da praia, o som poderoso da cascata no inverno. Os cambiantes acentuados de luz e ambiente ao longo das épocas, as amplitudes térmicas contrastantes entre estações quentes e frias, o vento norte e suão, a subir o vale, a paisagem melancólica de chuva e romântica de neve, quente e simultaneamente refrescante de verão, entre paletes intermédias.

⁸ “A Beira Alta estende-se (...), em terrenos acidentados e pedregosos, onde o granito imprime uma configuração da maior importância. Numerosos cursos de água retalham-na, vivificam-na, e contribuem para o rude encanto das suas paisagens. Os pinhais cobrem extensas áreas da parte ocidental da província e restam ainda alguns dos muitos sotos dos castanheiros que noutros tempos existiam.”
Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 3.



QUINTA
PERCURSO
HABITACÃO



Lembrança

A quinta encontra-se na posse de familiares há gerações. Os avós maternos trabalharam esta terra desde sempre, apesar de nunca terem possuído qualquer terreno. O trabalho nestas quintas era (e ainda é nos casos activos) dividido por amizade, familiaridade, troca de serviços ou empréstimo de terra por quem a tinha a quem a trabalhava, a troco de uma (por vezes substancial) parte dos seus frutos. Ainda hoje o seu terreno serve de pasto - e abrigo na *loja* - a rebanhos de outros agricultores e pastores, por via de cedência.

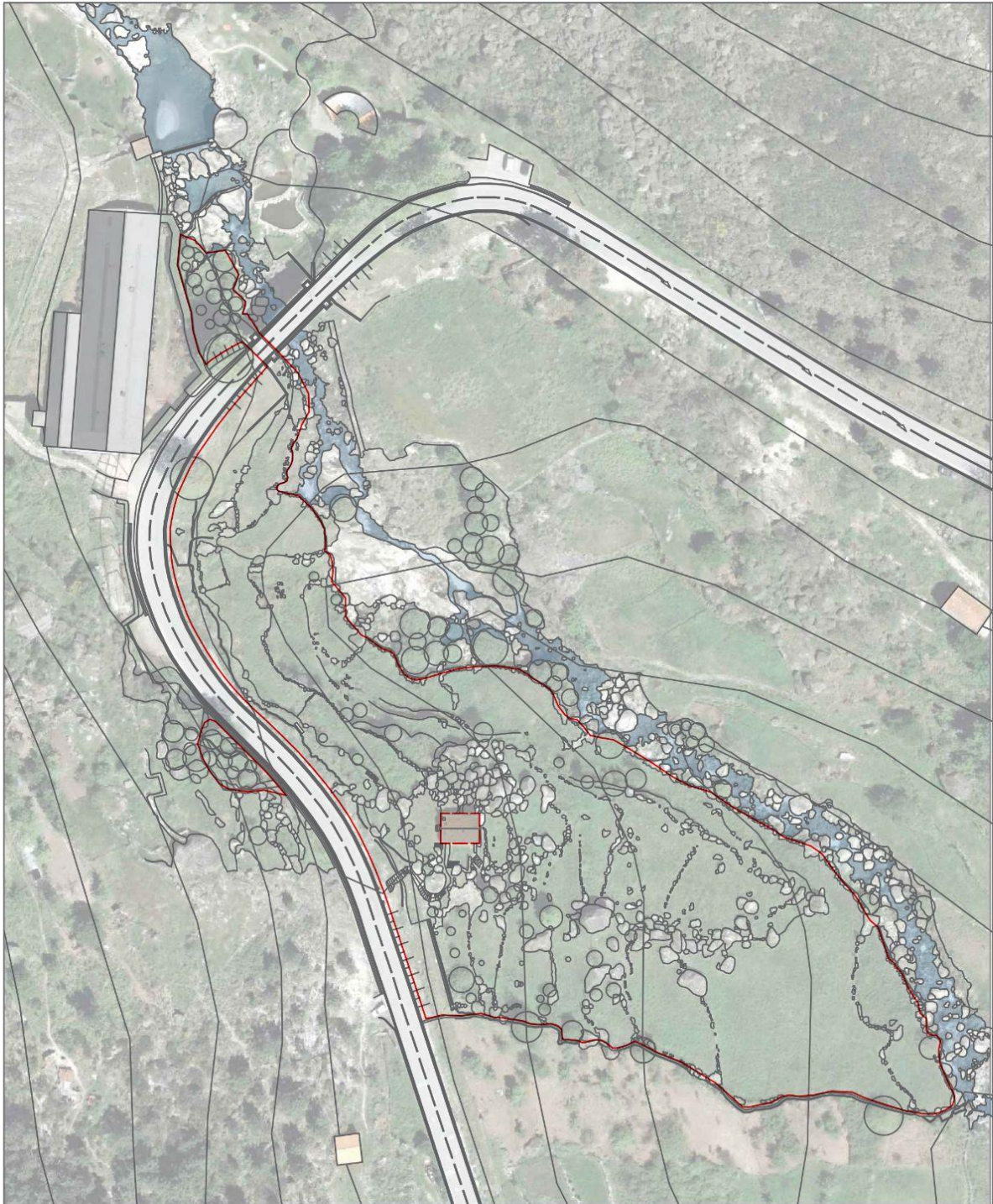
As lembranças pessoais da quinta advêm dos seus últimos proprietários activos, tios maternos emigrados em França que, quando voltavam de férias ou por temporadas, aqui residiam e cuidavam da sua terra. Apesar de décadas de emigração, aqui continuava a ser o seu centro e o seu mundo, como se a emigração fosse uma suspensão temporária desta relação com a terra.

Algumas vezes serviu de acampamento, durante a infância, quando nas noites de verão aqui acampava com um primo, numa igual suspensão da realidade por uma aventura fora da vila. Os filhos destes tios, já com outra relação com a terra diferente dos pais, também aí acampavam nas férias de verão passadas na terra, numa forma lúdica de aproveitamento do seu terreno e das suas férias. Ainda na memória ficam impressos os muros, taludes, *cômbaros*, *courelas* e *leiras* com que se cresce na serra, numa arquitectura de muros e patamares, pontes e pedras. Aqui existe uma arquitectura de muros, de degraus e escadarias, de acompanhamento do terreno e desenho dos seus contornos. Desde os saltos para as *malhadas* para ir caçar grilos ou subtrair fruta, ou os jogos em declive, da escola primária ao ciclo, nos muros graníticos, que despertavam mais interesse de exploração do que a arquitectura da escola.

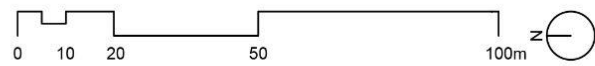
Ponderação

Neste caso, trata-se de uma reconversão parcial, pois mantém o seu carácter agrícola, ou seja, o caminho passa por uma reconfiguração e reunião de usos, conciliando o uso ancestral com o actual. A agricultura e a arquitectura são duas disciplinas que se intersectam. Ambas edificam e recriam a natureza para a possibilidade de existência humana. Duas culturas essenciais, de constante recriação do mundo⁹. Uma e outra acrescentam-se e devem coexistir. A agricultura beneficia com um planeamento e visão arquitectónica e a arquitectura desenvolve a sua extensão com a inclusão da agricultura na sua esfera. Sem agricultura não teria havido evolução da sociedade e da sua arquitectura. Sem planeamento, a agricultura perderia muitos dos seus frutos. A multidisciplinaridade, inclusão e ecletismo beneficiam estas disciplinas e alargam os seus horizontes. A agricultura ficou nas margens, a alimentar a civilização e a cultura. A sua importância esteve longe de quem a consome, especialmente depois da aceleração industrial e tecnológica. Recentemente, voltou a valorizar-se o seu papel fundamental de sustento da sociedade. A arquitectura voltou a incluir no seu discurso o planeamento agrícola. Os edifícios ganham vasos verdes e hortas de cobertura, na vontade de suprir os desafios do futuro. No meio rural, com a falta de planeamento e de cultura, de arquitectura e agricultura, vai chegando tarde o futuro, embora tenha condições para a reunião de disciplinas. Algumas filosofias que conjugam a arquitectura e a agricultura surgiram há décadas, nas margens do discurso geral, mas começam a ganhar terreno num mundo cada vez mais carente de algumas soluções para demasiados problemas. A agricultura como parte integrante de uma célula doméstica autónoma ganha preponderância no planeamento que assim o permita.

⁹ "In this way, that mortals nurse and nurture the things that grow, and specially construct things that do not grow. Cultivating and construction are building in the narrower sense." Heidegger, Martin - *Poetry, Language, Thought*, IV - Building Dwelling Thinking, pág. 149.



QUINTA
PERCURSO
HABITACÃO



Algumas abordagens, como a Antroposofia e os ramos de arquitectura e agricultura biodinâmica, os movimentos ecologistas, agro-anarquistas, de regresso à terra, de independência do capitalismo, de cultura *DIY* e *off-the-grid*, *Open Source Technology*, *Woofing*, entre outros, a Permacultura e, mais recentemente, a *Permatectura*, vêm nestas margens desenvolvendo as suas respostas. Ora incorporando algum esoterismo e radicalismo (que é necessário à evolução), ideologia ou crenças, esta marginalidade sempre criou algum descrédito, até recentemente.

Pondo de parte a parte ideológica e metafísica anteriormente descrita, algumas respostas parecem válidas, ou, pelo menos, dignas de crédito. Assim, começam a ser absorvidas pelo discurso geral. Estas ideias são criadas tendo em vista a descentralização, ou seja, favorecem escalas menores, o que é uma via de desenvolvimento pertinente para um futuro incerto. Favorecem também as margens, a ruralidade e a pobreza, ou *economia*. Incorporam mesmo soluções de terceiro mundo (onde a necessidade aguça o engenho), onde a sustentabilidade não é ainda uma palavra, mas uma necessidade.

O mundo deve aprender com o conhecimento das margens, onde o apocalipse anunciado muitas vezes já chegou. Não é um regresso à tecnologia arcaica, mas sim uma evolução a uma tecnologia *actual*, aliando esta sustentabilidade à tecnologia, ao alcance de um computador, por exemplo.

Nunca tanto poder esteve nas mãos das pessoas, com o acesso à informação e possibilidade de conhecimento (embora a desinformação seja igualmente um problema). Alguém pode construir a sua própria turbina, gerar a sua energia, com a ajuda de amigos e acesso à internet (e alguma possibilidade económica, embora a uma fracção do custo comercial), de colaboração local e recursos próximos. O meio rural é quem mais tem a ganhar com estas perspectivas de vida, de trabalho e de desenvolvimento.

A partir daqui, devem ser procuradas respostas que incluam os constrangimentos que se enfrentam: os limites económicos, físicos, geográficos, humanos, ou os limites como factor de desenvolvimento e evolução. Além da auto suficiência e sustentabilidade, pode-se até gerar produção suficiente para fornecer a sociedade de volta, sendo-se não apenas consumidor e gestor de recursos, mas até criador de bens para introduzir na sua sociedade, sem fundamentalismos. Assim, partindo desta visão, a quinta deve ser uma célula independente, mas integrada num sistema local e de perspectivas globais.

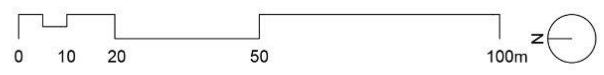
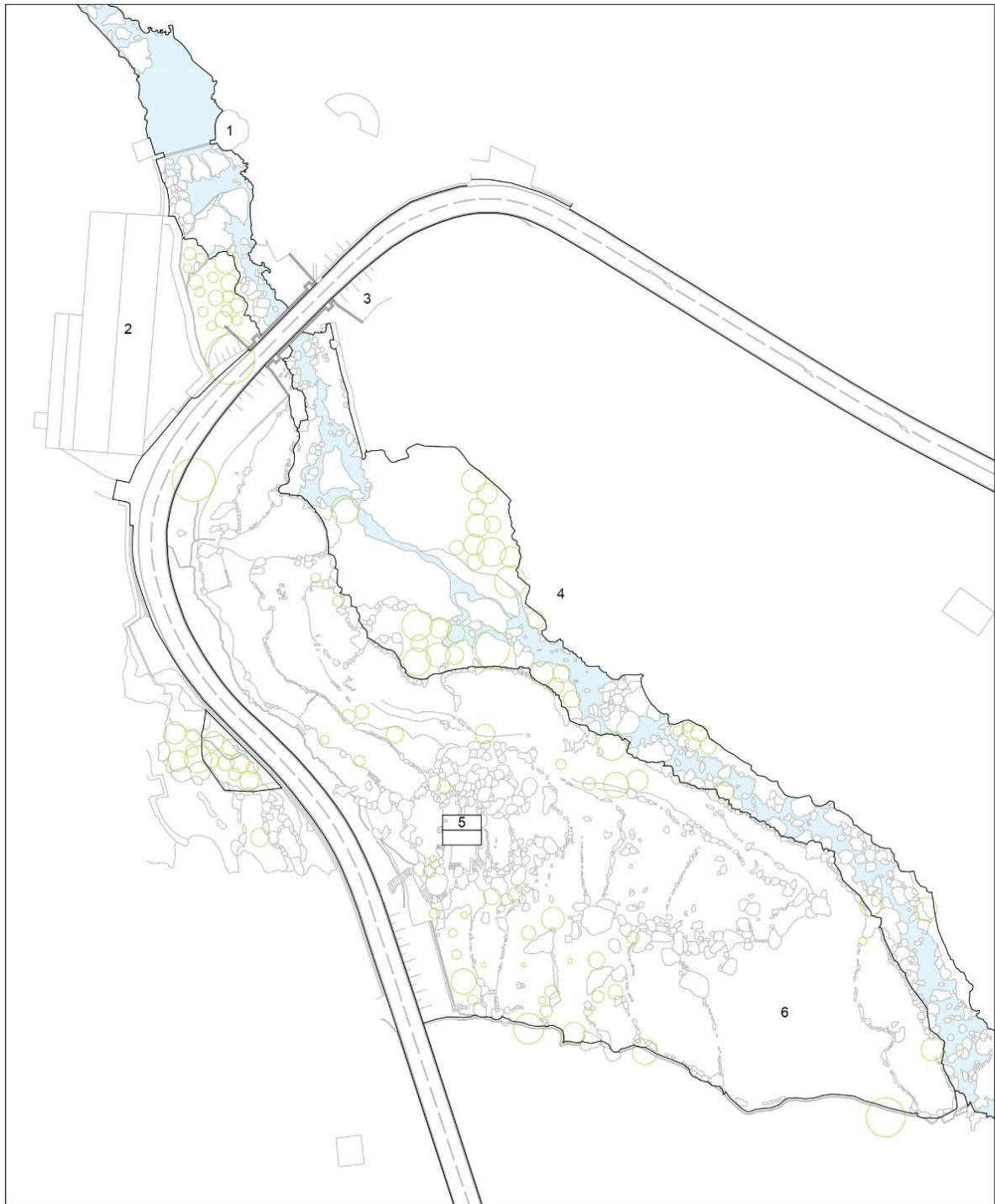
Plano

O plano passa por criar condições para a sua actividade, através do planeamento rural, independentemente do seu tipo de uso, ou seja, adaptável a diferentes tipos de uso, circunstâncias, economia e dinâmicas de ocupação. Passa deste modo por criar possibilidades de desenvolvimento em várias direcções e adaptabilidade a diferentes usos, dentro do mesmo sistema.

A visão para a reactivação desta propriedade, a partir do modelo de minifúndio, é como célula autónoma, progressivamente autossuficiente e sustentável, com produção própria e possibilidade de escoamento para o consumo local, de vários tipos de culturas. Assim, promove-se a organização em zonas e sectores de diferentes tempos e modos de ocupação, tais como: ocupação pontual, ocupação temporária e ocupação permanente.

As medidas primárias passam por limpeza de matos, asseios, recuperação e criação de acessos, como escadas e rampas, passagem de eventuais alfaías agrícolas, muros de sustentação e contenção de patamares. É necessário recuperar a sua forma e trazer de volta da montanha a ocupação humanizada, optimizando o seu funcionamento através de uma limpeza e ordem geral, para a sua definição e orientação espacial, física e visual, como medidas primárias de requalificação, construindo com contenção.

- 1 PRAIA FLUVIAL DE LORIGA
- 2 FÁBRICA METALOMECÂNICA
- 3 PONTE E ESTRADA NACIONAL 231
- 4 CASCATAS DAS LAMAS
- 5 PALHEIRA
- 6 QUINTA



Para as fontes energéticas, deve ser planeado o seu sistema de abastecimento e recursos, de forma progressivamente renovável e autónoma, além da rede pública e dependências de grelha. A criação de uma central interna de armazenamento eléctrico e de recursos, num sistema integrado, deve ser planeada. Assim, estuda-se o aproveitamento hídrico para abastecimento humano e de terras, geração de energia micro-hidroeléctrica, viveiro em represa, armazenamento de águas fluviais e pluviais, entre outros. Com a exposição solar, a recolha de energia fotovoltaica por painéis solares e ainda o aproveitamento das correntes do vale através de turbinas micro-eólicas. Esta rede deve servir progressivamente o sustento da quinta de forma autónoma e renovável, com a continuada optimização da sua capacidade de produção.

Nesta medida, pretende-se o planeamento de central energética doméstica para armazenamento e distribuição das várias fontes de energia utilizadas; energia solar, eólica ou micro-hidroeléctrica, além do planeamento e posicionamento dos componentes geradores e da rede de distribuição, com vista à conservação e minimização de perdas, a optimização energética, em conjunto com a inicial alimentação pela rede eléctrica nacional.

Depois destas infraestruturas de base, promove-se a inclusão dos diferentes tipos de ocupação neste sistema: Na ocupação pontual, organizando uma zona de parque, campismo ou visita, com definição de área de ocupação, com centros de campo estabelecidos, área de serviços de apoio básico, como alimentação e lavabos, área de acesso fluvial e ainda uma área intermédia lúdica e de recreio.

Na ocupação temporária, deve ser planeada uma zona de residência ocasional, com atelier, estúdio ou escritório, como local de residência e trabalho em modo de residência artística ou em trabalho remoto. Ainda entre estas zonas, há a possibilidade de adaptação dos muros dos socalcos para um anfiteatro com palco móvel ou convertível.

Na zona de ocupação permanente, deve ser promovida a habitação familiar em complexo agrícola minifundiário, funcionando como casa-mãe da quinta e rodeada com estruturas de apoio ao seu funcionamento, como equipamentos agrícolas de escala familiar, para criação de energia alimentar ao consumo interno, com agricultura de baixa manutenção.

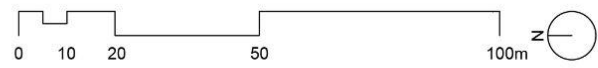
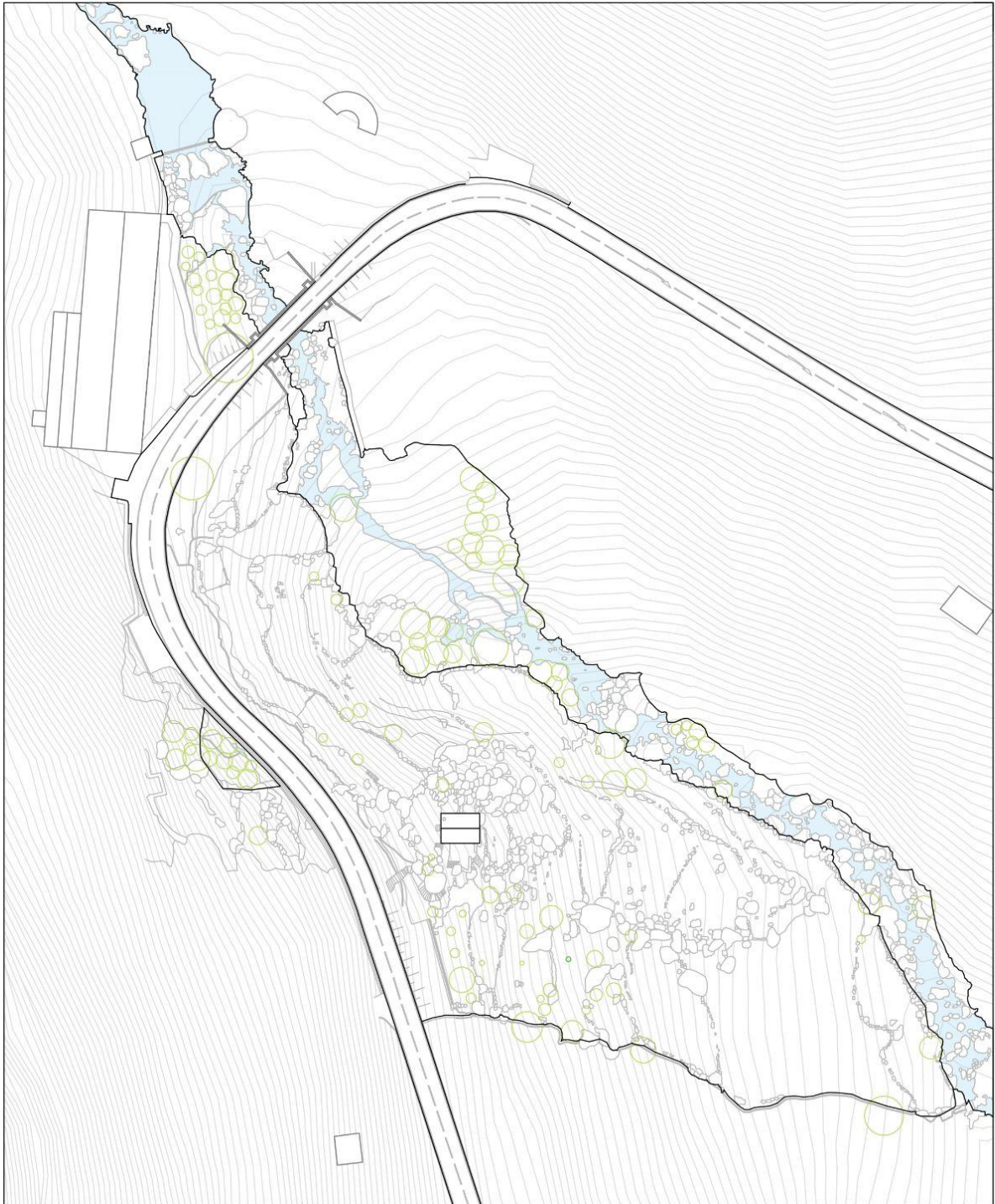
Assim, deve ser ponderada a produção de vegetais, hidratos de carbono, proteínas e gorduras, através de horta e árvores de fruto, capoeiro, colmeias (no terreno de pasto), represa-viveiro sazonal amovível, curral, entre outros. Ainda, devem ser estabelecidos equipamentos de armazenamento, como depósitos de lenhas e tanque, de utilidade mista, quer como depósito, como piscina.

Além destas estruturas, deve existir oficina mecânica, técnica e reparação e armazém de utensílios e ferramentas de trabalho, espaços de clima induzido, como estufa e fungário.

Esta zona pode ser encarada com igual possibilidade de conversão em aproveitamento turístico, sazonal, cooperativo, artístico e cultural, apoiado em parcerias ou programas institucionais ou iniciativas culturais. Os materiais próximos devem ser predominantes, com uso de pedra local, madeira do terreno e metais da indústria metalomecânica vizinha, além de outros, de fornecimento regional.

Estudo

Desta forma, pretende-se um sistema integrado e em comunicação e constante evolução, que reúna e promova diferentes aspectos de ocupação e desenvolvimento, adaptável a variáveis e preparado para alterações de funcionamento futuras, mantendo o seu carácter autónomo, que não desvirtue o seu génio e envolvente. Cria-se uma célula, um microcosmos, um mundo na montanha, com a inclusão das suas vertentes e variadas características, além das várias formas de a sentir e viver.



10 Composição

Continuação

Este é um dos sistemas possíveis para o seu funcionamento. Com algumas alterações, o seu carácter tenta ser mantido. Apesar do plano, é necessário permitir a adaptação a diversas variáveis, permitindo em contínuo a sua evolução.

Assim, contém estruturas que possibilitem uma evolução rumo à autossuficiência global, como uma célula independente, embora inserida num mundo local e com aspirações mais abrangentes. Pode permitir a actividade no seu seio e a constante adaptação à realidade ao longo do tempo, absorvendo estas dinâmicas sem perder o seu carácter, que é indissociável deste sítio onde se insere, sempre tendo em conta a sua forma particular de enraizamento neste lugar, a sua singularidade¹⁰.

O estudo do plano para a quinta segue adiante, no lugar, onde continua e igualmente se pondera a sua habitação. Nessa secção inclui-se o plano de reactivação da quinta e a habitação. Esta continuação na secção *O Lugar* enquadra ainda as várias formas de habitar a quinta.

¹⁰ “Vernacular architecture, that is, farms and villages, brings the immediate meanings of the local earth and sky into presence. Hence it is ‘circumstantial’ and intimately connected with a particular situation.”
Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, pág. 170. Ed. Rizzoli, New York, 1979.



11 Caminho de acesso, da quinta à estrada

CAPÍTULO II

Caminho

O Caminho, A Garganta e O Percorso



O Caminho

Partida

Inicialmente, é seguido o caminho como conceito ou modo existencial, como condição, processo e percurso, como a materialização de aspectos de uma condição. O caminho é uma ideia ampla, percorrida por diversas vertentes, que se estende em significado.

O caminho é assim um *estado* entre referências, num movimento relativo. Na sua forma elementar, qualifica o tempo e simboliza a vida¹, a marcha da existência e a sua travessia. O caminho é o movimento de um *corpo* num sistema referencial, inclui-se *num sistema*, em relação a este e às suas referências. Insere-se numa cosmologia, num universo, no decorrer do seu *tempo*. Se a montanha é o mundo deste trabalho, o caminho é a sua travessia.

Estado

O caminho é um estado, físico ou não, de um *corpo* num *espaço* percorrido no *tempo*. Não é tanto, ou apenas, a travessia do espaço, antes essencialmente uma condição, de mudança da ordem cósmica no sistema em que o corpo caminhante se inclui. A viagem, ou transformação, é mais uma experiência de movimento, de transição de estado, aliada à dimensão do tempo. Ou seja, o caminho é um processo, uma transformação, aliada ao tempo e à transição, do que percorre e do que é percorrido.

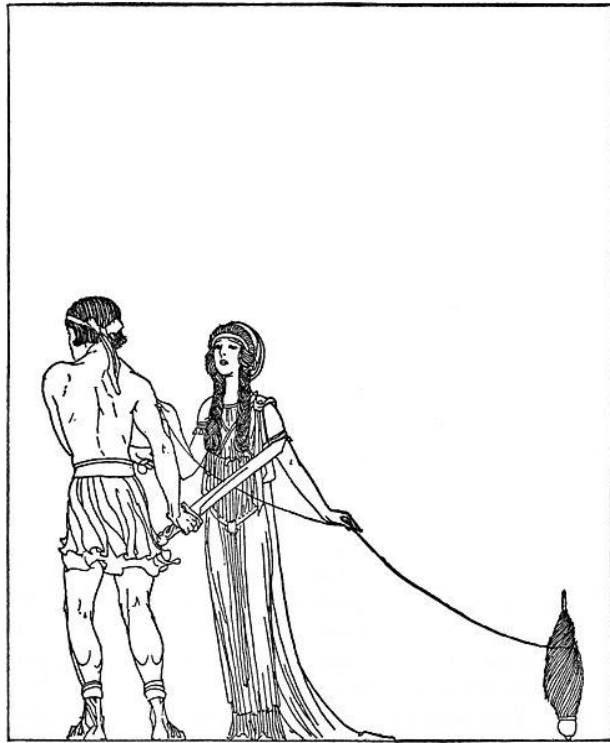
Desta forma, o caminho é composto por pontos, vectores, dimensões e planos, do tempo unidireccional (que até ver pode apenas ser presente, embora com carácter *retrospectivo* e *prospectivo*) e do espaço, num sistema de referências, providos de *sentido*: “To say that mortals *are* is to say that *in dwelling* they persist through spaces by virtue of their stay among things and locations. But in going through spaces we do not give up our standing in them. Rather, we always go through spaces in such a way that we already experience them by staying constantly with near and remote locations and things. When I go toward the door of the lecture hall, I am already there, (...) I am never here only, as this encapsulated body; rather, I am there, that is, I already pervade the room, and only thus can I go through it.” (Heidegger, pág. 155. 2001)

Uma linha é a união contínua de pontos indissociáveis. O caminho é igualmente um conjunto de *lugares* num contínuo indivisível². Um *lugar* feito de um conjunto de *lugares*, investidos de significado ou simbologia e sentido intrínseco, referencial³.

¹ “Buildings and settlements, however, are static, apart from certain mobile elements of secondary importance. Nonetheless man has succeeded in ‘building’ time, by translating basic temporal structures into spatial properties. Primarily life is ‘movement’, and as such it possesses ‘direction’ and ‘rhythm’. The path is therefore a fundamental existential symbol which concretizes the dimension of time.” Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, III - Man-Made Place, pág. 56. Ed. Rizzoli, New York, 1979.

² “[Anthropological place] is geometric. It can be mapped in terms of three simple spatial forms, which apply to different institutional arrangements and in a sense are the elementary forms of social space. In geometric terms these are the line, the intersection of lines, and the point of intersection. Concretely, in the everyday geography more familiar to us, they correspond to routes, axes or paths that lead from one place to another and have been traced by people; to crossroads and open spaces where people pass, meet and gather; (...) and lastly, to centres (...) defining a space and frontiers beyond which other men are defined as others, in relation with other centres and other spaces. (...) A route may pass through different points of interest, all of which may be places of assembly; sometimes markets define fixed points on a route; and although the market itself may be the centre of attraction, the space where it is held may also contain a monument (the shrine of a god, the palace of a sovereign) marking the centre of a different social space. (...) As for routes, they cross an assortment of frontiers and limits which are obviously not intrinsic or self evident, and are therefore known to need special economic or ritual arrangements to make them work.” Augé, Marc - *Non-Places - Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, From Places to Non-Places, págs. 56, 58. Trad. John Howe, Ed. Verso, London, 1995.

³ “As a result, we might be tempted to contrast the symbolized space of place with the non-symbolized space of non-place.” Id., *Ibid.*, pág. 82.



2 William Pogany - *Theseus and Ariadne*, 1921

“If a place can be defined as relational, historical and concerned with identity, then a space which cannot be defined as relational, or historical, or concerned with identity will be a non-place.” (Augé, pags. 77, 78. 1995) O caminho é um *lugar* (ou *o seu contrário*) abstracto, comum à realidade⁴. É significante desta, incluído no tecido da existência, fornece matéria à construção de uma realidade. “(...) [A]ll are places whose analysis has meaning because they have been invested with meaning, the need for which is endorsed and confirmed by every new circuit and every ritual reiteration. These places have at least three characteristics in common. They want to be - people want them to be - places of identity, of relations and of history. The layout of the house, the rules of residence, the zoning of the village, placement of altars, configuration of public open spaces, land distribution, correspond for every individual to a system of possibilities, prescriptions and interdicts whose content is both spatial and social.” (Augé, págs. 52, 53. 1995)

O caminho, além de outros factores, faz-se então dos lugares que o compõem⁵, na construção de um lugar, ou seja, de uma referência. O caminho é neste sistema simultaneamente uma via de ligação e uma fronteira, igualmente um marco referencial, num sistema de situação espacial e existencial. “A boundary is not that at which something stops but, as the Greeks recognized, the boundary is that from which something *begins its presenting*.” (Heidegger, pág. 152, 2001)

O caminho, como parte de um sistema, pode sempre inserir-se um sistema maior ou de um caminho maior. O caminho pode ainda ser encarado como fechado ou aberto, na encruzilhada de visões distintas: entre *destino*, ou determinismo; e *escolha*, ou livre-arbítrio.

Ascensão

Assim, o caminho é uma metáfora permeável a quaisquer actividades: o caminho da vida, da obra, do projecto, do desenho, do pensamento. Neste trabalho, segue-se o caminho da obra, da experiência que lhe dá origem. Neste caso, o caminho é materializado no trabalho e no percurso que se encontra neste estudo, em vários níveis de realidade, como um eixo do seu sistema.

Existe a afinidade umbilical entre o caminho e a montanha, o caminho é o que possibilita transformar a montanha num lugar habitado, na sua incursão. A afinidade estende-se ao uso e partilha de simbologias e elementos arquitectónicos semelhantes na sua representação e materialização.

Se a montanha anteriormente é um cosmos, o caminho é a sua travessia, a quinta é o microcosmos deste sistema, a transformação do *espaço natural* em *espaço cultural* (Norberg-Schulz, 1979) o trabalho e o propósito da vida neste mundo; o percurso é o acesso entre estes planos, a materialização do caminho. O abrigo transfigura-se na habitação, o lar, ponto de partida e de chegada deste microcosmos, a sua referência, seu ponto de partida e de destino. O caminho, sempre referente à passagem do tempo⁶ e à arquitectura de uma realidade.

⁴ “In the concrete reality of today’s world, places and spaces, places and non-places intertwine and tangle together. The possibility of non-place is never absent from any place. Place becomes a refuge to the habitué of non-places (who may dream, for example, of owning a second home rooted in the depths of the countryside). Places and non-places are opposed (or attracted) like the words and notions that enable us to describe them.”

Augé, Marc - *Non-Places - Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, From Places to Non-Places, pág. 107.

⁵ “The spaces through which we go daily are provided for by locations; their nature is grounded in things of the type of buildings.”

Heidegger, Martin - *Poetry, Language, Thought*, IV - Building Dwelling Thinking, pág. 154. Trad. Albert Hofstadter, Harper Perennial Modern Classics, New York, 2001.

⁶ “To some extent the character of a place is a function of time; it changes with the seasons, the course of the day and the weather, factors which above all determine different conditions of *light*. The character is determined by the material and formal constitutions of the place. We must therefore ask: *how* is the ground on which we walk, *how* is the sky above our heads, or in general; *how* are the boundaries which define the place. How a boundary is depends upon its formal articulation, which is again related to the way it is ‘built’.”

Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, Place?, pág. 14.



3 Titian Vecellio - *Sisypho*, 1549

Alegoria

Sendo um lugar existencial, o caminho é um símbolo universal e presta-se a alegorias, mitologias e parábolas, que reúnem aspectos fundamentais da condição humana. Este sistema fornece significado e um sistema de orientação implícito, impalpável⁷. No seu nível elementar, pode significar o ciclo de nascimento e morte (alegórica ou não). Esta dimensão está presente na visão cósmica dos ciclos naturais, dos astros, da agricultura e da cultura, tal como um conceito fundamental da experiência religiosa, espiritual ou transcendental.

Pode significar o aperfeiçoamento humano, da criação, da ascensão e aproximação ao divino, ao encontro, ou, inversamente, de descida à escuridão. Aqui se reúne com a montanha na simbologia da peregrinação, de ascensão e descida, o caminho ou o atravessamento de montanhas, florestas, zonas inóspitas e árduas. Esta é também a simbologia da Via Sacra, da procissão (“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”) e peregrinação, outros caminhos investidos de significado. É a recriação de um momento inicial, eterna recriação de fé.

Na mitologia clássica, Hermes é o deus dos caminhos, das estradas, de viajantes e comerciantes, pastores e rebanhos. Igualmente transpositor de planos de existência, nos caminhos verticais entre eixos (uma vez mais o nome clássico da Serra da Estrela, *Herminius Mons*). Outros mitos carregam o caminho como significantes; o trabalho de Sísifo, que sobe eternamente à montanha com uma pedra destinada a cair infinitamente, como a condição humana, o trabalho e o eterno retorno na recriação infundável da *tarefa*. Pode-se traçar um paralelo com o trabalho do pastor, da transumância entre os altos montanhosos e os planos, ou mesmo com a vida quotidiana.

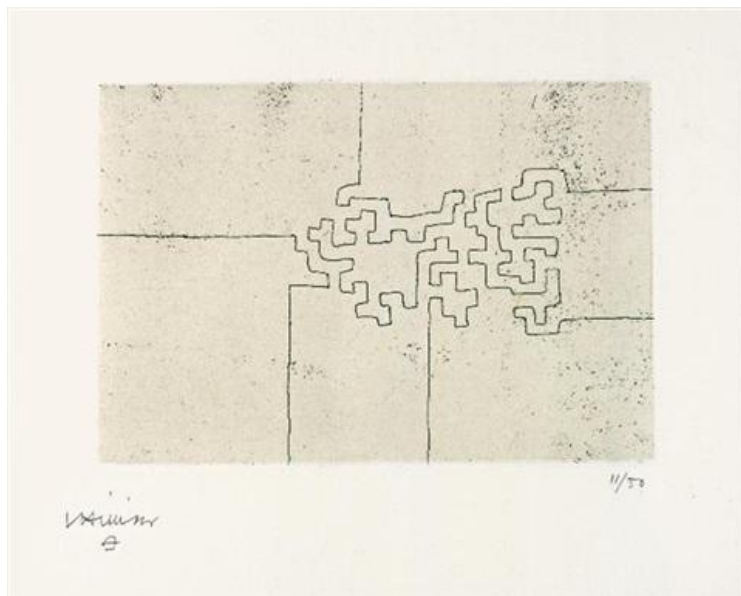
Ainda o mito de Teseu, o fio de Ariadne, no labirinto arquitectado por Dédalo para albergar o Minotauro e a fuga de Ícaro, incluindo questões essenciais da condição humana no caminho destes mitos. Além de que as mitologias, tal como as histórias e contos, criações artísticas e literárias, a música e o ritmo, tal como a natureza e a sua ordem parecem seguir caminhos comuns.

Os conceitos de eterno retorno, recorrência e recriação do mundo também giram à volta do caminho circular ou pendular, do *Ouroboros* (a *pescadinha de rabo na boca* portuguesa), que se pode manifestar na visão do mundo, como um *feedback loop* de interferência entre o humano e o natural, em que o meio natural influencia o humano, que por sua vez influencia o seu meio e *vice versa*, o que mais não é a natureza a (re)criar-se a ela própria. “We shape our buildings, thereafter they shape us.”⁸ A natureza, a realidade, a alimentar-se na recriação própria, no fluxo contínuo da emergência da natureza e a marcha da existência, a interação que faz parte da totalidade.

⁷ “The place held in common by the ethnologist and those he talks about is simply a place: the one occupied by the indigenous inhabitants who live in it, cultivate it, defend it, mark its strong points and keep its frontiers under surveillance, but who also detect in it the traces of chthonian or celestial powers, ancestors or spirits which populate and animate its private geography; as if the small fragment of humanity making them offerings and sacrifices in this place were also the quintessence of humanity, as if there were no humanity worthy of the name except in the very place of the cult devoted to them. The ethnologist, on the contrary, sets out to decipher, from the way the place is organized (the frontier always postulated and marked out between wild nature and cultivated nature, the permanent or temporary allotment of cultivable land or fishing grounds, the layout of villages, the arrangement of housing and rules of residence - in short, the group's economic, social, political and religious geography), an order which is all the more restrictive - in any case, the more obvious - because its transcription in space gives it the appearance of a second nature.”

Augé, Marc - *Non-Places - Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, Anthropological Place, págs. 42, 43.

⁸ Frase atribuída a Winston Churchill.



4 Eduardo Chillida - *Bideak* (Caminho), 1979

Linguagem

Os centros (e o corpo como um centro⁹), os limites, os pontos de referência, ritmos e quebras na continuidade constituem a estrutura de um caminho, reunidos com o corpo¹⁰ que os percorre. O caminho é uma linguagem, ou feito de linguagens, um discurso e um diálogo, feito de símbolos, signos e pontuações. Este sentido de linguagem pressupõe um contrato entre caminhante e caminho, regras implícitas deste sistema. O caminho inclui um fio condutor, é um lugar metafísico, um lugar *liminal*, em constante transição de estado, que se torna um estado em si.

O caminho pode tomar várias formas e desenhos. Pode ser linear, circular, labiríntico, ortogonal ou orgânico, ramificado e fractal, um novelo ou espiral (caminho inevitável, emergente e centrípeto ou centrífugo), e por aí fora.

Caminhos emergem do caminho, dando como exemplo as novas vias de informação, dos circuitos integrados, da era digital, da computação, da saturação da informação, o mundo virtual e a realidade aumentada, a existência de novos lugares, ou, mais uma vez, o seu contrário: “Place and non-place are rather like opposed polarities: the first is never completely erased, the second never totally completed; (...) But non-places are the real measure of our time; one that could be quantified (...) by totalling all the air, rail and motorway routes, the mobile cabins called ‘means of transport’ (aircraft, trains and road vehicles), the airports, (...) and finally the complex skein of cable and wireless networks that mobilize extraterrestrial space for the purposes of a communication so peculiar that it often puts the individual in contact only with another image of himself.” (Augé, pág. 79. 1995)

Representações arquetípicas do caminho são a viagem, no labirinto para o seu centro ou para a sua saída (que pode ser unicursal ou multidireccional), a peregrinação ao centro do cosmos, para a terra santa ou o paraíso utópico, a inalcançável e sempre perseguida perfeição, o paraíso ou o regresso a casa, a concretização, a escadaria (associados à montanha), o acesso à caverna, ao abrigo, ao seu cume ou interior, e de novo surge a figura da mandala, os meandros no plano e a orientação espacial num sistema, numa visão do mundo.

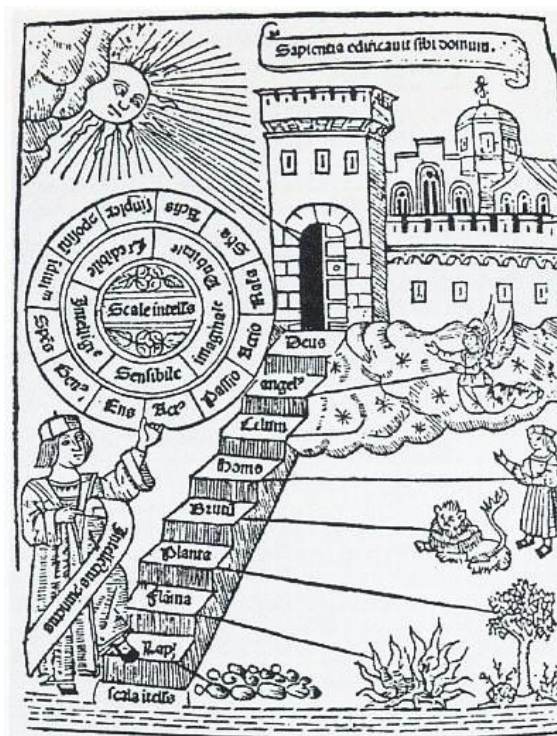
Elementos que constituem um lugar dão sentido e referência a um caminho. Estes elementos podem ser naturais ou humanos, do tipo de edifícios que reúnem qualidades existenciais: “To be sure, the bridge is a thing of its *own* kind; for it gathers the fourfold in *such* a way that it allows a *site* for it. But only something that is itself *a location* can make space for a site. The location is not already there before the bridge is. Before the bridge stands, there are of course many spots along the stream that can be occupied by something. One of them proves to be a location, and does so *because* of the bridge. Thus the bridge does not first come to a location to stand in it; rather, a location comes into existence only by virtue of the bridge. The bridge is a thing; it gathers the fourfold, but in such a way that it allows a site for the fourfold. By this site are determined the localities and ways by which a space is provided for. Only things that are locations in this manner allow for spaces” (Heidegger, págs. 151, 152. 2001)

⁹ “This centered body is also the site of the convergence or meeting of ancestral elements, a meeting possessing monumental value because it involves elements that existed before the ephemeral carnal envelope, and will survive it. Sometimes the mummification of a body or the erection of a tomb complete the transformation of the body into a monument after death. Thus, starting from simple spatial forms, we see how the individual thematic and the collective thematic intersect and combine.”

Augé, Marc - *Non-Places - Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, Anthropological Place, pág. 62.

¹⁰ “The social space bristles with monuments - imposing stone buildings, discreet mud shrines - which may not be directly functional but give every individual the justified feeling that, for the most part, they pre-existed him and will survive him. Strangely, it is a set of breaks and discontinuities in space that expresses continuity in time. This radical effect of spatial construction can be attributed without hesitation to the fact that the human body itself is perceived as a portion of space with frontiers and vital centres, defences and weaknesses, armour and defects. At least on the level of the imagination (entangled in many cultures with that of social symbolism), the body is a composite and hierarchized space which can be invaded from the outside.”

Augé, Marc - *Non-Places - Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, Anthropological Place, págs. 60, 61.



As Formas (o *mundo das Formas* de Platão) que representam o caminho são estruturas que reúnem os aspectos formais da realidade. “(...) man makes a landmark or a house, which *a posteriori* are used to ‘understand’ the environment. To be meaningful, however, the inventions of man must have formal properties which are structurally similar to other aspects of reality, and ultimately to natural structures.” (Norberg-Schulz, pág. 169. 1979) Significam o mundo e com a sua existência, conferem existência.

Este discurso pode ser reunido em alguns elementos que lhe dão sentido de lugar¹¹; o piso que se percorre¹² (alcatrão, gravilha, terra, erva pisada e até mesmo brasas em rituais iniciáticos), a escada, a ponte¹³, a partida e a chegada, o portal e a meta, o túnel, a corda e o nó (a *linha da vida* dos alpinistas), o traçado e os seus limites, os cursos hídricos. A pontuação, como sinais, *mariolas*, estelas, *alminhas*, bóias, bandeiras, gravações, sinais de fumo, marcos geodésicos e territoriais. Pontuações de ritmo e pausa, de avistamento, miradouros, descansos, a importância da hidratação, das fontes, muros e ainda mesmo faróis ou focos de luz. O ritmo como caminho, as suas pontuações, o seu discurso e os seus componentes, entre escalas. “The man-made parts of the environment are first of all ‘settlements’ of different scale, from houses and farms to villages and towns, and secondly ‘paths’ which connect these settlements, as well as various elements which transform nature into a ‘cultural landscape’.” (Norberg-Schulz, pág. 10. 1979)

A linguagem do caminho é assim composta por construções, lugares, por sinais e símbolos que o tornam presente e inteligível¹⁴. O caminho é também composto por referenciais como a orientação, solar, astral e magnética. “Man-made places are related to nature in three basic ways. Firstly, man wants to make the natural structure more precise. That is, he wants to *visualize* his ‘understanding’ of nature, ‘expressing’ the existential foothold he has gained. To achieve this, he *builds* what he has seen. Where nature suggests a delimited space, he builds an enclosure; where nature appears ‘centralized’, he erects a *Mal*; where nature indicates a direction, he makes a path. Secondly, man has to *compliment* the given situation, by adding what is ‘lacking’. Finally, he has to *symbolize* his understanding of nature (including himself). Symbolization implies that an experienced meaning is ‘translated’ into another medium. A natural character is for instance translated into a building whose properties somehow make the character manifest. (...) All the three relationships imply that man *gather* the experienced meanings to create for himself an *imago mundi* or *microcosmos* which concretizes his world.” (Norberg-Schulz, pág. 17. 1979)

O caminhante, nesta linguagem pode ser viajante, turista, peregrino, explorador, comerciante, refugiado, migrante; É igualmente investido de objectos que auxiliam a viagem; calçado (as botas), cantil (e.g. a concha de Santiago), merenda, mochila (a sua casa às costas, o seu peso no mundo, o habitar mínimo), mapa (o caminho representado, o mundo como representação, simulação, desenho), bússola, lanterna, faca, os itens também investidos de significado, do viajante.

¹¹ “Since ancient times the *genius loci*, or ‘spirit of place’, has been recognized as the concrete reality man has to face and come to terms with in his daily life. Architecture means to visualize the *genius loci*, and the task of the architect is to create meaningful places, whereby he helps man to dwell.”

Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, Preface, pág. 5.

¹² “An ‘enclosure’ may even be created by a mere change in the texture of the ground.”

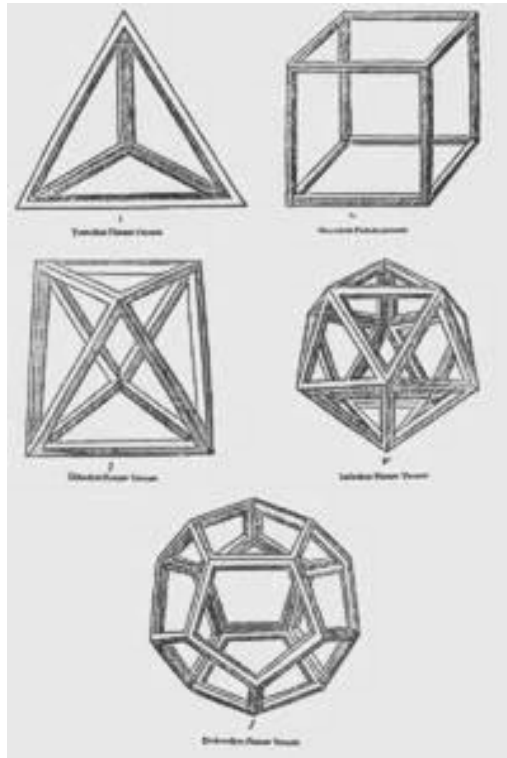
Id., *Ibid.*, pág. 58.














¹³ “The bridge is a location. As such a thing, it allows a space into which earth and heaven, divinities and mortals are admitted. The space allowed by the bridge contains many places variously near or far from the bridge. These places, however, may be treated as mere positions between which there lies a measurable distance;”

Heidegger, Martin - *Poetry, Language, Thought*, IV - Building Dwelling Thinking, pág. 153.

¹⁴ “We mean a totality made up of concrete things having material substance, shape, texture and colour. Together, these things determine an ‘environmental character’, which is the essence of place. In general a place is given as such a character or ‘atmosphere’. A place is therefore qualitative, ‘total’ phenomenon, which we cannot reduce to any of its properties, such as spatial relationships, without losing its concrete nature out of sight.”

Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, Place?, pág. 6, 7.



	Pictorial	Associative	Abstract
Points	 School  Train Station	 Mountain  Hospital	 Rest Stop  City
Lines	 Railroad  Highway	 Boundary	 Railroad
Polygons	 Forest	 Marsh	 Tundra

6 Leonardo Da Vinci - Sólidos Platônicos, 1509

7 Símbolos comuns de representação Cartográfica, a *simulação* dos fenômenos espaciais

Propósito

O caminho tem o seu propósito como meio de acesso, trabalho, lazer e turismo, desporto, transporte, rapidez, tal como dever, exploração, aventura, destino e procura. Pode ser pendular, circular, sazonal, ocasional, como contínuo, único, inicial, entre outros. Como os pastores e os caminhos da transumância, nos ciclos anuais da agricultura e pastorícia, do mundo e dos astros, tal como o quotidiano, a vida comum ou alguma incursão especial no ritmo da vida. O caminho está ligado ao caminhar, ao percorrer, à viagem, jornada, peregrinação; desejo de mudança, fortuna, perigo e descoberta, experiência, iniciação, informação, conhecimento e sabedoria.

O Caminho é tanto físico, como mental: a viagem interior, a exploração interna, o caminho do lápis no mapa, da caneta no labirinto. No plano do mundo, pode ser uma viagem subterrânea, terrestre, na superfície e aérea, tal como no plano interior. Caminhar está intimamente associado ao pensar, dando como exemplo a escola peripatética e a relação entre fluxo de pensamento e caminhada, tantas vezes descrita em episódios sobre processos de descoberta por figuras históricas. Pode ser a *promenade architecturale* da experiência arquitectónica. Pode ser uma viagem na sua terra, ou mesmo no quarto, aludindo a Almeida Garret ou Xavier de Maistre, podem ainda ser devaneios de um caminhante solitário, como Rousseau. Ou o eterno caminho para casa.

Na actualidade, os trilhos de montanha estão associados ao lazer, derivados da visão romântica e moderna da natureza, (embora exista igualmente essa visão clássica e intemporal), derivada também da visão de saúde da natureza e da montanha. Existe assim uma história comum entre caminho e montanha na percepção cultural.

Unem-se as novas formas de caminhar na montanha, os seus motivos e finalidades, a união da visão romântica e romantizada do caminho e da montanha, com a sua prática, a evolução para práticas e desportos, com consciência conservacionista e ecológica da montanha e dos trilhos, como o *trekking*, *rapel*, escalada, orientação, entre outros.

Chegada

O caminho é no final um conceito extenso, um lugar existencial, um estado físico ou não, uma condição. Qualifica o tempo e simboliza elementarmente a vida. É um lugar entre lugares, ou a experiência que se tem de lugar. Contém as decisões, as experiências ou as direcções seguidas. O caminho é também o caminhante, na transformação recíproca e simultânea. É feito de uma linguagem, pontuações e referências, num contrato entre o caminhante e as regras do caminho, um diálogo entre estes. É fácil perder-se nesta linguagem, nos caminhos de montanha, entre os labirintos da vegetação e das cicatrizes de pedra nos seus meandros, aliados ao clima turvo. Por isso a surpresa quando se encontra um objecto, uma *construção*, uma identificação, no caminho da montanha.

O caminho é reclamado de volta à natureza quando deixa de ser percorrido. É preciso manter o seu curso para manter as suas linhas. Actualmente, existe bastante interesse pela forma e acto de percorrer, em várias visões culturais. As pessoas sempre procuraram caminhos para passar o seu tempo, para explorar, mas nunca como nesta época essas actividades estão estabelecidas e procuradas, talvez por uma necessidade de fuga (ou outra realidade) ao mundo *ligado* contemporâneo.

Esta constante busca e descoberta de caminhos pode ser uma forma de procurar um propósito, o seu caminho no mundo, ou uma procura pela natureza, pela sua natureza, ou por lugares que possuam e transmitam significado à vida quotidiana.



8 O caminho da água e do gelo gravado no Vale

A Garganta

Configuração

A Garganta de Loriga foi moldada pela última glaciação da Serra da Estrela, apresentando-se como um vale pronunciado em U, escarpado de granito e acompanhado de vegetação de altitude. Possui elevado interesse científico, em particular geomorfológico e ecológico. Desde o planalto da Torre, até à vila de Loriga, encontra-se ladeado das Penhas do Gato à direita, e dos Abutres, à sua esquerda. Este conjunto forma uma onda sinusoidal que divide o céu sobre a vila de Loriga.

“Diferentes na origem e consequentemente no traçado, os vales [das ribeiras de S. Bento e da Nave] partilham o granito como material geológico comum. São vales abertos, de paredes abruptas, que, em virtude da erosão química e mecânica, recuam paralelamente a si próprias. Estes processos erosivos, sobretudo os químicos, são facilitados pelas características climáticas da Serra; abundância de água em virtude da frequência de precipitações, de neve, e de chuva; formação de gelo, que pode permanecer no solo durante vários dias, semanas, ou até meses, em função das baixas temperaturas de Inverno, que contrastam com o calor, às vezes tórrido, do Verão, sobretudo, nos lugares mais expostos. A areia, que resulta da desagregação da rocha, deposita-se no fundo dos covões e dá origem a um solo húmido, onde cresce uma erva fresca no Verão, apesar das altas temperaturas.¹”

A sua vista forma assim uma onda sinusoidal negativa, omnipresente na área urbana da vila, como duas colunas, ou abóbadas sob o céu. Ao longo do vale, quatro *plateaus* ou anfiteatros naturais, denominados geologicamente como circos glaciários (Vieira, 2004), os Covões do Boieiro, do Meio, da Nave e da Areia, intercalam o seu rasgo. Contém ainda os Poços de Loriga, lagoas naturais transformadas em barragens para aproveitamento hídrico.

Entre o vale corre a Ribeira da Nave, que se esconde no seu recorte, por esta ajudado a criar, entre as duas penhas monolíticas. Com o caudal de torrente variável, entre o explosivo nas alturas de maior precipitação e degelo, e o curso calmo dos meses quentes, é fonte de água sempre fresca e corrente, que irriga a vila e dá origem à Ribeira de Loriga, afluente do rio Alva.

Este vale sempre deu passagem a rotas de transumância para patamares superiores da serra e, embora já quase não existam estes movimentos, ainda hoje é usado como terreno de pastagem e passagem sazonal de rebanhos, embora em escala reduzida, além de ser percorrido anualmente, cada vez mais, por turistas e desportistas de actividades de montanha. O vale tem uma altimetria pronunciada, com quedas abruptas e fragas vertiginosas, que acaba de forma mais suave por escoar até à sua base, no Chão da Ribeira, a montante da vila.

“As ribeiras da Nave e de S. Bento, que dão origem à ribeira de Loriga, nascem respectivamente na área do Planalto da Torre, a cerca de 1800 metros e no monte de S. Bento, a cerca de 1400 metros, descem rapidamente a vertente e atingem, em escassas centenas de metros de percurso, a cota 850, retalhando bruscamente as encostas, o que lhes acentua o carácter imponente de verdadeira montanha. (...) A ribeira da Nave corre num antigo vale glaciário, onde existem numerosos covões de fundo plano (...). A forma em U e a presença de moreias laterais confirmam a origem glaciária do vale.²”

Notam-se claramente os tons de transição da sua textura, desde o tom granítico à mancha de vegetação florestal, até aos campos divididos, de aspecto retalhado, no seu sentido descendente.

¹ Fernandes de Sá, Manuel *et al.*, - *Loriga, Uma Intervenção*, pág. 9. Seminário de Pré-Profissionalização, Estudos, Universidade do Porto - FAUP, Parque Natural da Serra da Estrela, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Porto, 1988.

² Id., *Ibid.*, pág. 9.



- 1 Vale Glaciar a partir do alto de S. Bento
- 2 Garganta de Loriga avistada de posição superior no Vale Glaciar, em *Os vales de Loriga e Alvoco na Serra da Estrela*, 1966
- 3 Garganta de Loriga actualmente, a partir do maciço central

Esta clara separação visual e geográfica, a acompanhar os patamares altimétricos, contribui para a sua vista singular e ordenada, para a sua leitura e compreensão das suas dinâmicas actuais e ao longo do tempo: “Para as aldeias mais serranas há, portanto, separação nítida entre três zonas de pasto: a) a dos cumos, pastos de altitude, parte nos granitos meio nus, meio cobertos por uma areia de alteração, e parte nos fundos dos covões mais ricos em água e mais verdejantes, aproveitados no estio; b) a da meia encosta, por entre penedos escavados, aproveitada na Primavera e Outono; c) a mais vizinha das povoações, constituída pelos terrenos de cultura entre uma colheita e a sementeira seguinte, e pelos prados cultivados, que dão alimento durante o Inverno. Junte-se-lhes algumas tapadas particulares quando são muito arborizadas.” (Cavaco, Marques, pág. 200. 1966) Este modelo encaixa perfeitamente na configuração em que se encontra o vale da Garganta. É um exemplo paradigmático, tanto da formação geomorfológica da Serra, como da relação humana com os vales da Serra da Estrela.

Assim, possui vários motivos de visita, desde o trabalho na sua base, o interesse analítico, a exploração desportiva e recreativa, até à visita turística. Compreende-se, pela sua figura singular, o seu chamamento como lugar de valor próprio.

Base

A base do Vale encontra-se numa zona de transição, entre o granito (que dá lugar ao xisto³ em cotas inferiores), a vegetação florestal⁴ e as áreas humanizadas, entre o limite da área urbana da freguesia e a zona natural da Serra, onde se intersectam a Estrada Nacional 231 e a Ribeira da Nave.

Contém a Praia Fluvial de Loriga, conhecida pela pureza das águas e a panorâmica, terrenos de cultivo e pastoreio, o edifício industrial de metalurgia, mato, floresta e vegetação, entre terrenos ainda cultivados e outros abandonados, alguns já imperceptíveis pela reconquista da vegetação da montanha. De momento, regista grande afluência de pessoas na época de Verão.

Esta área foi desde sempre ocupada pela agricultura e a pastorícia. “Loriga foi um dos centros importantes de pastoreio da Serra da Estrela pelo número de cabeças de gado que pastoreava, mas principalmente, pela grande quantidade de rebanhos de outras freguesias que, no Verão, pastavam na relva dos covões, localizados nos vales das ribeiras, subindo a serra, até ao planalto culminante da Torre.”⁵ Tal como moinhos de cereais à sua beira, a indústria aproveitou o fluxo hídrico para fornecimento de energia. Actualmente, existe uma afluência, maioritariamente sazonal, considerável a esta zona, pela projecção turística da sua Praia Fluvial.

Aqui se formou outrora um importante núcleo agrícola da vila, aproveitando as zonas aplanadas do vale, a irrigação pela ribeira, a acessibilidade antes da escadaria tectónica superior e os ténues microclimas que possibilitam a agricultura e alguma frescura de pasto nos quentes meses de verão. A pastorícia foi progressivamente perdendo terreno para a agricultura e o conseqüente fraccionamento de terra, e estas para a indústria, que resta agora em reduto, a par do crescente turismo.

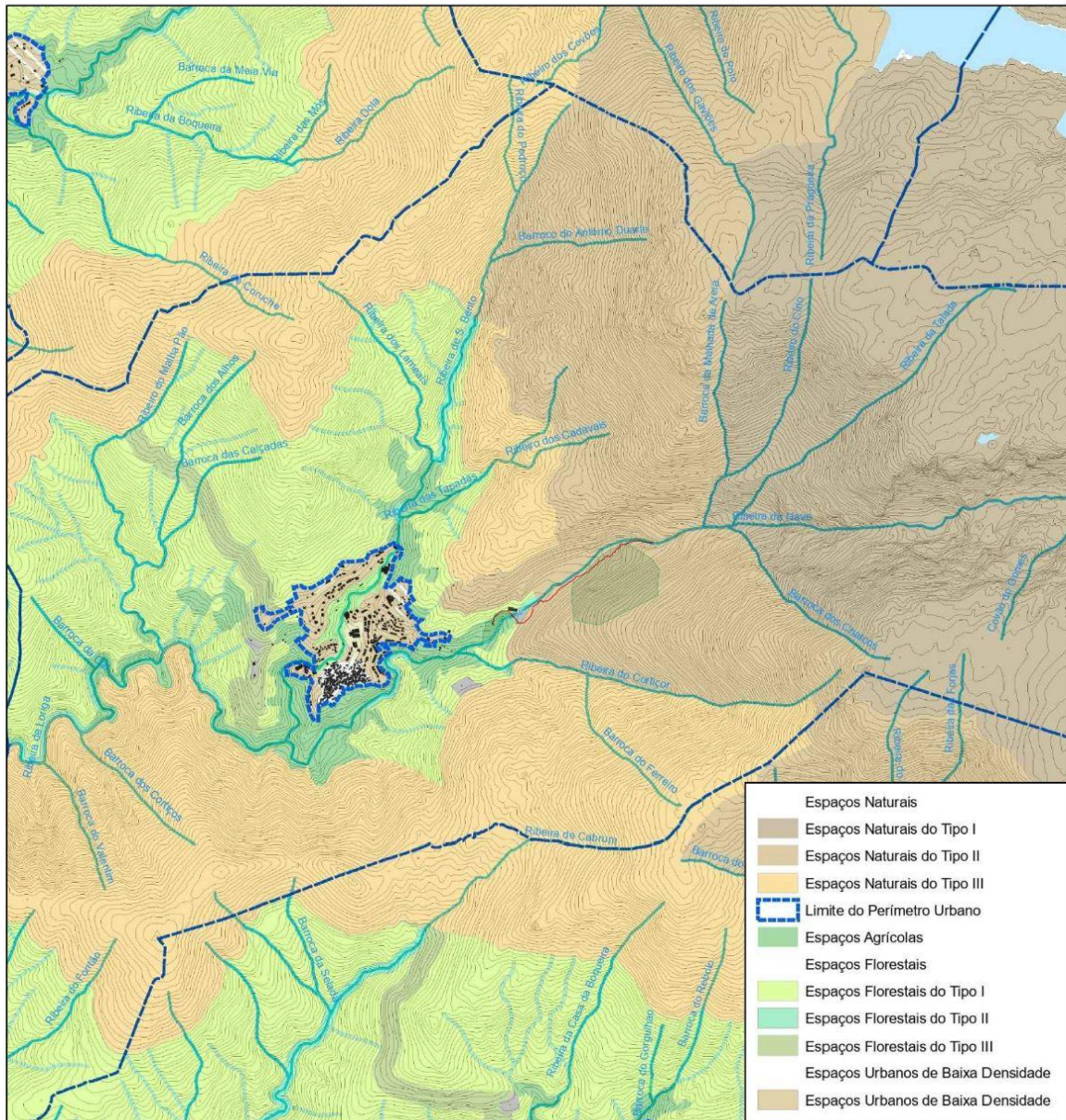
³ “O granito é pois a rocha dominante. Loriga assenta nele o seu aglomerado, os seus socacos e o perfil inicial da ribeira que lhe dá nome, mas um pouco a juzante [sic.] da confluência que a origina, o vale aperta-se e desenha-se em V indicando a presença de xisto.”

Fernandes de Sá, Manuel *et al.*, - *Loriga, Uma Intervenção*, pág. 9.

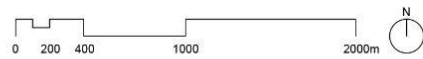
⁴ “A floresta mudou a imagem das encostas e introduziu alterações e regras no modo de utilizar aquelas áreas. Hoje é uma importante fonte de rendimentos e oferece algum emprego, se bem que, pode tornar-se perigosa e instável se não for acautelada da calamidade dos incêndios que, nos últimos anos, tem dizimado catastróficamente enormes extensões de floresta no nosso país.”

Id., *Ibid.*, pág. 15. Declarações premonitórias em 1988 e ainda actuais, face ao flagelo dos incêndios, infelizmente tão recorrente nesta zona.

⁵ Id., *Ibid.*, pág. 15.



INTERVENÇÃO ■
PERCURSO ■



No entanto, estas práticas continuaram a coexistir, num misto de dependência, cooperação e condicionalidade. As quintas desta zona eram ocupadas ou como terra de trabalho e mesmo como residências, em épocas do ano que assim o necessitavam.

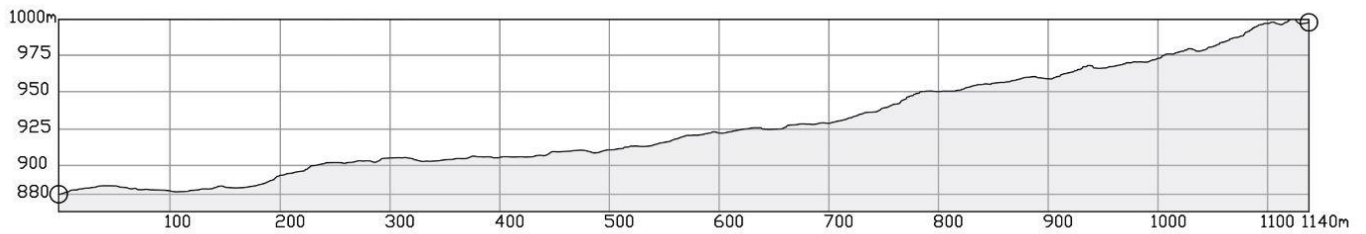
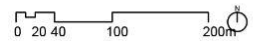
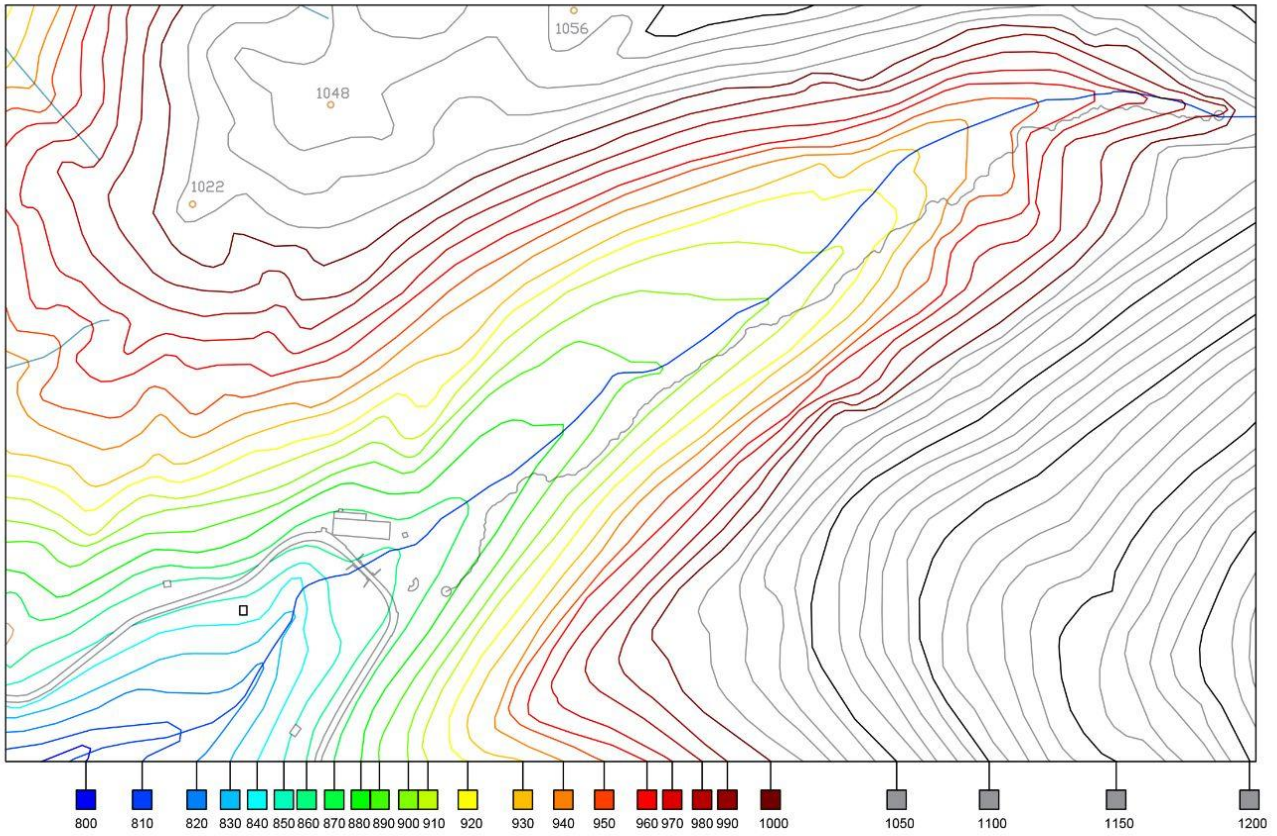
Uma vez entre o vale glaciário, é-se envolvido por uma garganta de pedra, mato e floresta, numa paradoxal desorientação desimpedida. As paredes laterais e a vista acima são claras e omnipresentes, embora no solo, entre a vegetação, o caminho seja por vezes indecifrável. “O relevo da serra da Estrela salienta-se pois pela oposição entre os retalhos de velhas superfícies de aplanção, deslocadas e igualmente soerguidas, (...) algumas cristas descarnadas fazendo lembrar ruínas de castros, e os vales profundos que, divergindo dos cumos, dão à paisagem, pelo vigor do encaixe, uma grandeza de montanha.”⁶

Apesar de antigamente ocupado e percorrido regularmente pelo trabalho, hoje em dia é maioritariamente visitado por lazer, salvo alguma actividade ainda presente na sua base. Os avós maternos, carregando molhos e mato, subiram e desceram incontáveis vezes estes vales, conheciam a serra como as palmas das suas mãos, e, com as névoas de desorientação, não se cansavam de avisar dos seus perigos, apesar do seu apelo.

A sua subida ocorre em patamares, em contacto íntimo com a pedra e a água, como que subindo degraus de gigante. Por vezes, esta aplanção dá lugar a espaços amplos que logo contrastam com caminhos apertados e árduos anteriores. Por estas características, o caminho é especialmente ritmado e pontuado. Os solos, de igual modo, contrastam entre estas secções, ou de erva alta de montanha, ou blocos graníticos por onde tem de se descobrir uma escadaria natural que permita o seu trespasse. “A secção inicial do seu perfil longitudinal apresenta, muitas vezes, uma sucessão de covões onde se alojam lagoas ou abrigados tapetes relvosos. Aquelas constituem reservatórios de água que permitem o abastecimento permanente às culturas das encostas e vales mais próximos; estes, pastagens frescas e verdejantes, mesmo durante o Verão, quando o sol resseca as ervas das terras baixas.” (Cavaco, Marques, págs. 188,189, 1966)

Apesar de se elevar sobre a vila, o vale glaciário sempre foi considerado como parte integrante de Loriga, contribuindo para isso o facto de ser uma presença marcante da sua paisagem geral e mesmo cartão de visita emoldurado em postais e cartões de visita, até mesmo no periódico impresso da vila, a *Garganta de Loriga*. A sua importância como principal enquadramento paisagístico alia-se à sua função antiga como centro de cultura agro-pastorícia e fonte de recursos locais. “Loriga desempenhou com grande relevo este papel de aldeia-comando da transumância estival. Na verdade, os limites da freguesia abrangem grandes extensões de bons pastos, junto dos seus numerosos covões, assim como lugares de abrigo para pernoitar. (...) Os proprietários tinham também algumas tapadas e leiras de cultivo, muitas vezes escalonadas desde as terras mais fundeiras do vale até à meia encosta. Depois de cortado o milho, muitas ficavam devolutas ou só com pequenos cantos ocupados pela horta (...). Nos dias tempestuosos, ficavam estabulados nas «palheiras» que se dispersavam amiúde por todo o vale; eram alimentados à mangedoura, tarefa que obrigava, mesmo então, os donos a deslocarem-se e por vezes a permanecer nelas dias seguidos, tal como no Verão quando a água de rega calha de noite. Convertiam-se deste modo as «palheiras» em habitações ocasionais (...).” (Cavaco, Marques, págs. 188, 189. 1966)

⁶ Cavaco, Carminda e Marques, Isabel - *Os vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela, Estudo de Geografia Humana*, pág. 188. Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol. 1 (nº 2), Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1966.



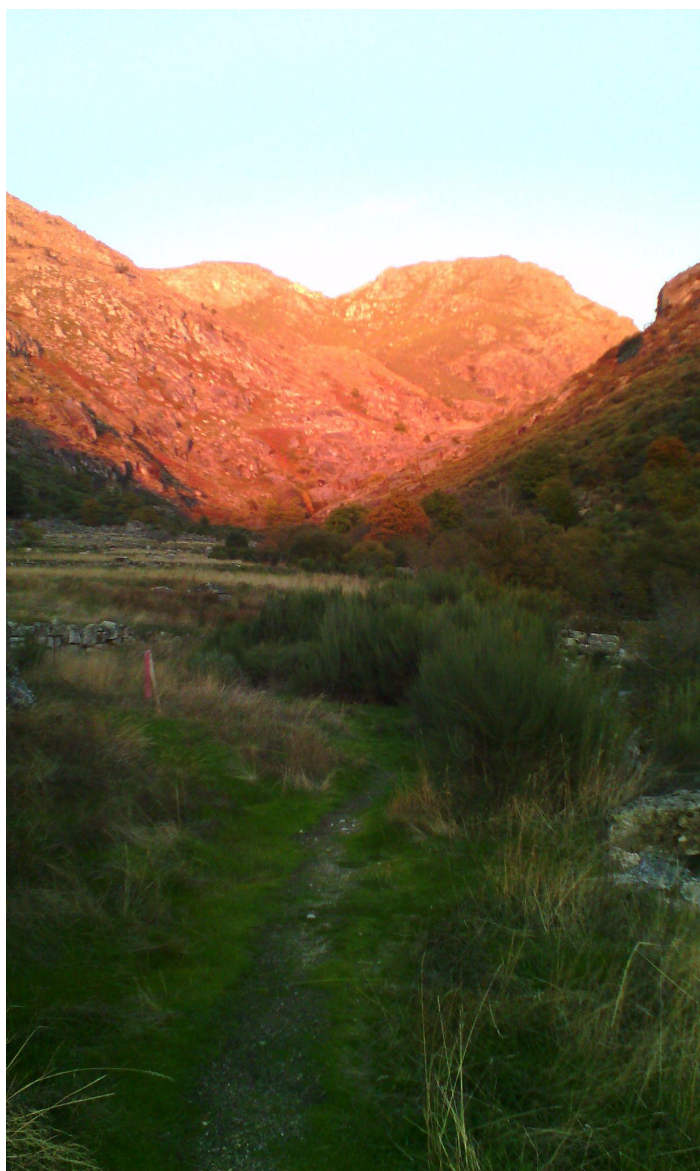
5 Planta altimétrica do vale e perfil de elevação do trilho

Visita

A Garganta é um testemunho geológico da glaciação da Serra da Estrela, que conta no seu relevo tanto a história geomorfológica da Serra e da glaciação do Quaternário, como da sua ocupação humana, numa harmonia de coexistência e equilíbrio. O seu perfil narra a erosão sofrida ao longo do tempo, através do gelo glaciário e da corrente fluvial, tal como a ocupação humana, a modelação do terreno e as suas construções, entre eras e tempos geológicos diferentes, no ritmo do tempo da Terra e no tempo humano.

É um dos mais importantes e extensos da Serra da Estrela, com uma configuração de covões e anfiteatros morénicos. Além dos aspectos geológicos, possui fauna e flora variada e particular. É ainda uma imagem cultural desta zona, rica de interacção entre natureza e civilização que na sua base se desenvolveu e vai desenvolvendo, uma referência na paisagem cultural da vila e desta encosta da Serra.

A Garganta de Loriga possui assim elevado interesse científico e geomorfológico, tal como enquadra uma vila de montanha e lhe oferece uma vista e visita que faz parte da sua identidade e identificação. A sua figura envolve a vista e convida a ser contemplada e explorada, merecendo oferecer condições para a sua visita, com consciência da sensibilidade deste lugar.



6 Vista da Garganta, com reflexo no granito da luz poente

O Percurso

Partida

O percurso seguido tem como base o trilho existente no vale, que parte ramificado da estrada nacional, ultrapassando o parque da praia fluvial. Acima desta, fica o seu ponto de partida, num trilho que segue ao longo da margem o curso da ribeira, nunca se distanciando muito desta, atravessando grande parte do terreno de pasto pertencente à quinta.

Penetra no vale até ao estreitamento da Garganta, apertada por paredes graníticas amuralhadas, de perfil recto e rasgado. Segue serpenteado no sentido ascendente, por vezes em subidas íngremes e obstáculos naturais, pontuado entre lugares abertos e a confusão espacial da mata densa. Sobe até atingir a cota de mil metros, ao longo de aproximadamente um sinuoso quilómetro e mais alguns metros, onde é atenuado pelas paredes graníticas da Garganta.

Orlando Ribeiro descreve deste modo a morfologia do lugar percorrido pelo trilho e da sua cascata, ponto final deste percurso: “constituem-nos uma sucessão de bacias, dispostas em degraus, de paredes escarpadas e fundo aluvial perfeitamente plano e regular donde emergem, a espaços, ilhotas rochosas arredondadas. A montante, cada bacia é limitada por uma escarpa, e a mais elevada por uma espécie de circo aberto no bordo do planalto. Para jusante, o fundo do vale eleva-se também numa ladeira suave contrária ao escoamento das águas, atravessado pelo ribeiro numa garganta pequena mas muito apertada, a que se segue uma cascata e uma bacia inferior¹”

Carminda Cavaco, com Isabel Marques, segue este curso descrevendo a continuação até à base do vale, correspondente ao início do percurso: “Depois, uma perfeita e grandiosa garganta em U, no rebordo do planalto mais elevado, correspondente ao perfil transversal do Covão da Areia, indica o caminho seguido pela língua de gelo. Moreias laterais contínuas e um pequeno anfiteatro morénico removido evidenciam o limite máximo da descida do glaciar; em secção transversal, são acompanhadas de um nível rochoso desenvolvido por erosão das neves à altura da massa do gelo. Actualmente, o curso da ribeira talha, depois da garganta, um vale apertado, meio embutido no velho fundo glaciário de superfícies nuas e alisadas.²”

Assim, a sua partida começa na Cascata das Lamas, com início formal definido acima da praia fluvial e a sua meta situada na cascata do Calhão Mogueiro. Neste exercício, é considerada a partida informal desde o edifício na quinta, ou seja, entre cascatas. A cascata das Lamas como início e a cascata do Calhão Mogueiro como destino, e conseqüente ponto de retorno, em rota linear pendular.

Ambiente

Este trilho é um literal *caminho de cabras*, atravessando vários estatutos desta área. Assim, trespassa espaço público e privado, particular e comum (ou partilhado), várias zonas demarcadas, como o final da área urbana, o curso fluvial, a área rural e agrícola, florestal, e a zona maciça granítica.

Estas são zonas de categorização específica, de vários tipos ecológicos e naturais, com diferentes protecções ambientais e inúmeras frações de terreno de estatuto dúbio ou devoluto, apesar de algumas marcas de ocupação. “Até as matas (...), que dão grandeza e unidade à paisagem, revelam, a quem

¹ Ribeiro, Orlando - *Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela*, pág. 225. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, VII, nº 1-2, Lisboa, 1941.

² Cavaco, Carminda e Marques, Isabel - *Os vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela, Estudo de Geografia Humana*, pág. 188. Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol. 1 (nº 2), Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1966.



1 Início formal do percurso

for capaz de lhes desvendar a densa rede de extremas, vinculadas com marcos e valas mal perceptíveis a um leigo, uma infinidade de belgas minúsculas, pertença de uma infinidade de donos, alguns dos quais com diversos bocadinhos esparsos, mas só raros com um pedaço de pinhal de superfície apreciável.” (Keil do Amaral et al., pág. 10. 1988)

Igualmente atravessa diversos ambientes, estruturas e os seus pavimentos, como a quinta, a estrada, a ponte, a área balnear, os pequenos e secretos poços superiores da ribeira, algum silvado e matagal, fragas desafiantes, eiras aplanadas e finalmente a estreita e recortada cascata do Calhão Mogueiro, uma quelha entre as paredes rochosas da Garganta, envolvendo um poço recipiente das quedas de água.

A vista que se vai desvendando é tão surpreendente como a que se deixa para trás. Olhando adiante, próxima e desafiante, espontânea e volumosa. Olhando o que fica para trás, o contraste da vista vasta e desimpedida, aberta ao vale que vai descendo, avistando a Serra do Açor e os vales do Alva.

Nesta incursão, destacam-se os diversos planos que se vão atravessando, desde o mundo humanizado, da estrada, da ponte e dos veículos, do burburinho veraneante da praia fluvial quando repleta, ao movimento vagaroso das quintas e dos rebanhos em trabalhos compassados, até à quietude dos pequenos poços descobertos entre a vegetação, passando pelo silêncio das quintas e palheiras abandonadas.

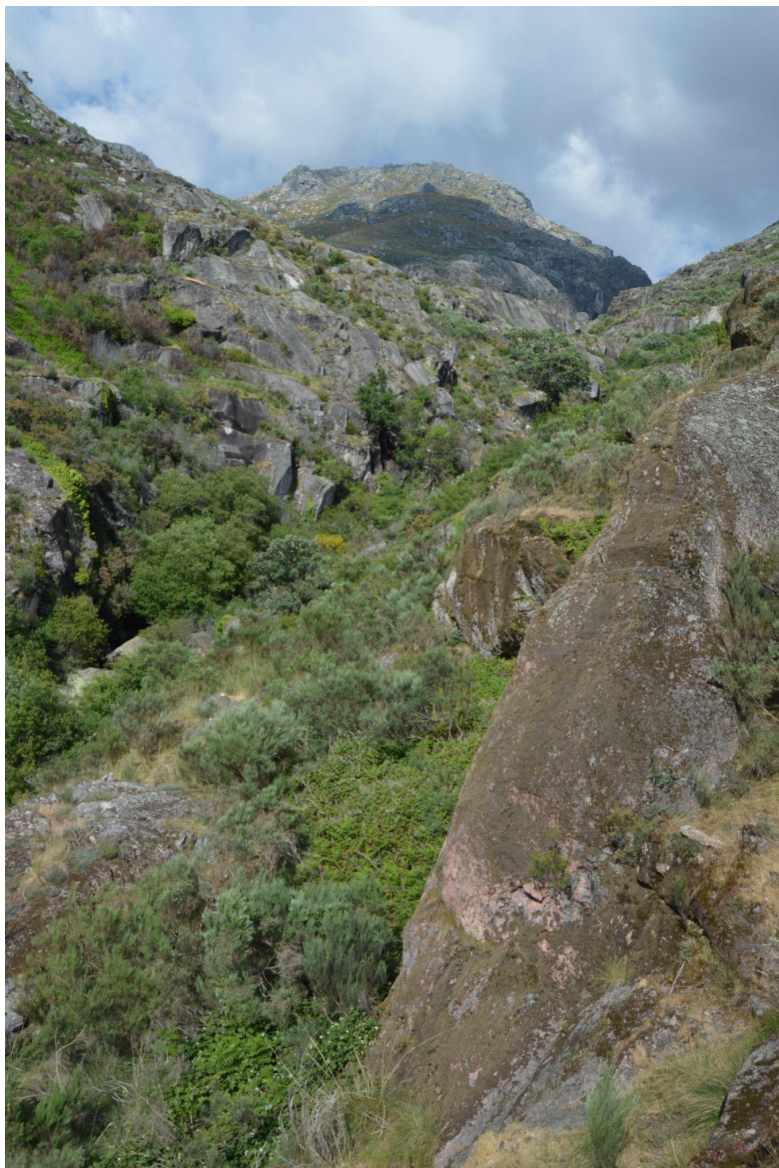
A partir daqui, apenas se ouve o som da água na ribeira abaixo e da natureza que envolve a visão periférica. O trilho começa a aparecer em traços intermitentes e, quando não há chão pisado mas antes declives ou blocos graníticos, o caminho é pontuado por pequenas pirâmides empilhadas de pedra que indicam a direcção, mariolas que competem com as geometrias regulares e lineares dos maciços rochosos, sobre se feitas por alguém ou dispostas assim naturalmente.

As constantes sensoriais são o som da ribeira, ora furioso, ora fluido e decorrente, conforme a época, a neve, a precipitação e os temporais, os sons das quintas, os chocalhos, os comandos de línguas próprias só compreendidas pelos pastores e o seu rebanho, assobios, ladrars e pequenas alfaias e motoserras, o martelar metálico da metalúrgica, o vento e os pássaros entre a vegetação, além da agitação balnear sazonal.

“Em Março e Abril a vida no campo reanima-se com os trabalhos de preparação da terra para a sementeira do milho. O gado aproveita entretanto as leiras mais altas (e portanto mais serôdias), vizinhas das tapadas, e as encostas baldias que rodeiam aqueles campos. Nesta época, tal como em Setembro e Outubro, é ainda hoje frequente ver, dum e doutro lado das vertentes dos ribeiros do Círio, da Tapada, etc., ou perto das Fragas do Padre Nosso e do Azogue, pequenos rebanhos dispersos que, pelo tilintar dos chocalhos, pelos assobios dos pastores e pelos latidos dos cães, quebram a nostalgia impressionante desses recantos da montanha.” (Cavaco, Marques, págs. 199, 200. 1966)

A luz varia com as estações e com o dia, tal como as cores. Desde o verde húmido e musguento ao louro e seco, das camadas de névoa a vestir as penhas, o chão ensopado e cachos de orvalho nas ervas, numa paisagem de terra alta, ao brilho de quartzo da pedra prateada sobre azul, ou o aspecto de granito em brasa do entardecer, a acompanhar o espectro do poente. Cada dia e cada variável tornam cada visita única, no mesmo enquadramento.

Os pisos variam igualmente de humidade, de aderência, de suporte. Desde o alcatrão às lajes irregulares, passando pela erva rente e alta, a terra pisada, os degraus camuflados e os muros cobertos,



2 Afloramentos graníticos, entre a vegetação e o rasgo do vale

até aos silvados, penhascos, declives e escadarias tectónicas, onde por vezes se tem de caminhar com as mãos ou agarrar à vegetação, no auxílio à subida ou descida deste trilho.

O ambiente convida ao agasalho enxuto nas estações frias e ao banhar nas águas correntes, refrescantes ou *sempre* frescas, na estação quente. É pontuado por momentos que ritmam a sua travessia, poços, eiras, penedos, lugares que se vão descobrindo, sempre musicados pela água da ribeira.

Propósito

A existência deste trilho deve-se à função primária de acesso a estas terras, para expansão agrícola e da pastorícia, com abundante pasto, que se mantém no verão com a altitude, acesso a quintas e terrenos, além de mato e lenha. Não fosse a densidade vegetal actual e mais terrenos, muros, palheiras e parcelas se descobririam nestas encostas, hoje abandonadas.

Usado indefinidamente desde sempre para a actividade na Garganta, este trilho foi percorrido para chegar a terrenos superiores do vale, tal como passagem pendular de rebanhos (maioritariamente ovinos e caprinos) às pastagens semi-selvagens (até há pouco tempo, pastores provocavam anualmente incêndios ilegais nesta zona, hoje controlados e acompanhados de perto por autoridades de combate a incêndios, embora sendo um recurso ancestral, para fertilização e renovação de pasto).

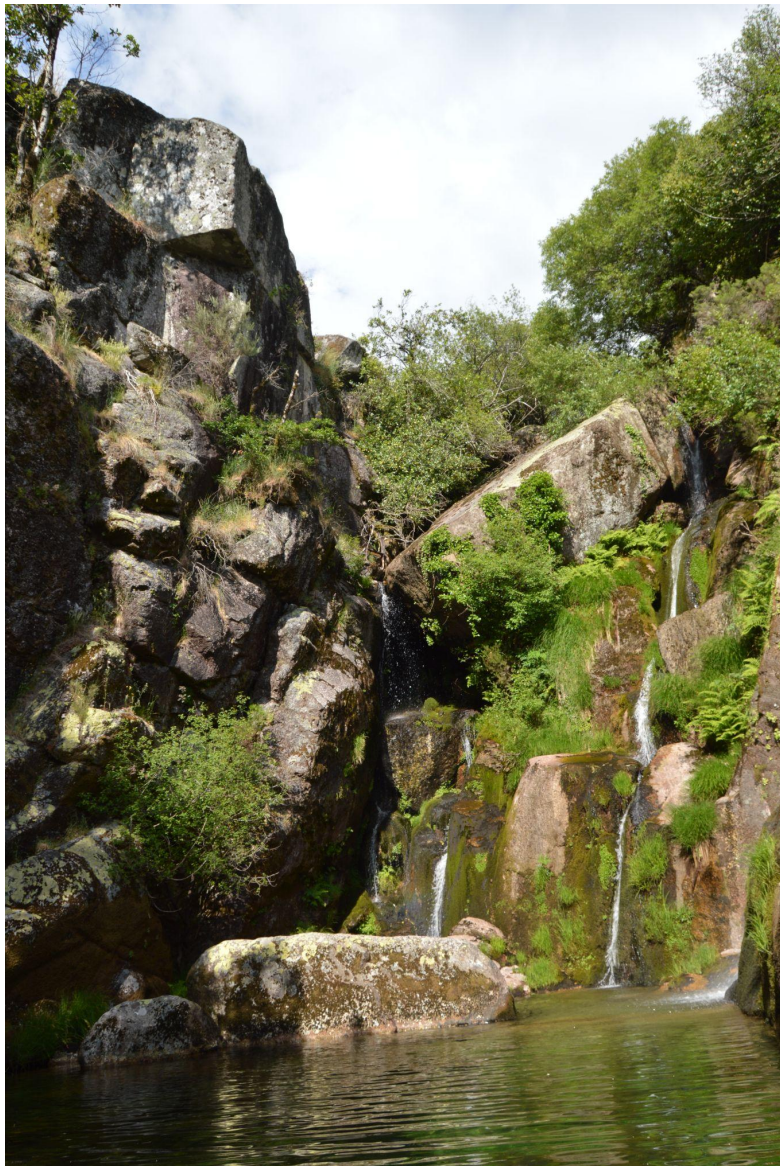
Era um acesso cuidado, tanto pelo asseio promovido pelos seus caminhantes, como pela terra tantas vezes pisada que se tornava assente “ (...) deixando livres (...) os caminhos por onde todos têm de passar na luta diária para um sustento escasso e medido: - os homens levando ao ombro a enxada (...) e conduzindo as ovelhas dos rebanhos; e as mulheres carregando à cabeça os cântaros (...) ou molhos enormes de lenha... Os caminhos tortuosos, estrangulados aqui e além, que atravessam o povoado e levam aos campos onde se semeia e cria, ou a outras povoações. Caminhos que em certas sub-regiões são lajeados com grandes pedras - herança romana - à prova das rodas desgastadoras dos carros de bois; noutras, pavimentados só com terra batida; e noutras ainda, calcetados com pedra miúda.³”

Nesta zona, estes caminhos serviam a transumância sazonal de acesso ao planalto superior do maciço central. Entre muros, escarpas, moreias laterais, valas e blocos graníticos, o trilho serpenteia por vezes evidente, outras labiríntico. Serviu vários *trabalhos de Sísifo*, como pastores e agricultores no acesso às quintas de última linha de altitude, carregamento braçal (e à cabeça) de molhos de mato e lenha.

A par deste serviço laboral, era igualmente percorrido em passeios dos habitantes locais mais exploratórios ou aventureiros, gente que conhecia e queria conhecer a sua serra e a sua terra. Era passagem regular dos escuteiros da vila, que nestes caminhos organizavam uma das actividades favoritas, *pistas*, com *sinais de pista*, exercícios de orientação em caminhada, através de sinais desenhados com a natureza, como paus e pedras.

Era ainda uma rota de juventude, tal como a caminhada ao Covão da Areia, entre outras, como programa de fim de semana e até mesmo rito de passagem, do conhecimento dos recantos da serra e de si, pelos adolescentes da terra, além do campismo habitual. “Um grande amor à terra, mesmo certo «bairrismo», prende aqueles que, nascidos aqui, organizaram a vida noutros lugares, e Loriga e a serra são para eles os sítios ideais para passar as férias. Assim, no Verão, a vila reanima-se com os estudantes de ontem e de

³ Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 18. 2º Vol., 3ª Ed., Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988.



3 Cascata do Calhão Mogueiro

hoje e o clube, o café e os passeios à Torre, de automóvel ou a pé, em direcção à Garganta, unem, numa incomparável camaradagem, loriguenses e gente de fora que a visite.” (Cavaco, Marques, p. 226. 1966)

Actualmente, além de já poucos trabalhadores e proprietários locais, é percorrido por turistas, viajantes ou desportistas que vão conhecendo a localidade e os seus recantos, quer por *passa-palavra* ou descoberto em fontes especializadas de divulgação de caminhadas, roteiros e desportos de natureza⁴.

O seu propósito é habitualmente a chegada à cascata do Calhão Mogueiro, onde se descobre a sua refrescante beleza natural, com ares de lugar secreto, além do caminho em si, recompensador pelos vários momentos surpreendentes e do contemporâneo, romântico ou atemporalmente enriquecedor contacto com a natureza.

Antes sinuosa linha destinada ao trabalho, agora mais desgrunhida via de recreio, este trilho nunca deixou de ser generoso na sua surpresa para quem o atravessava e dele falava com admiração, mesmo quando o suor da sua travessia era aigo de trabalho.

Definição

O percurso deve ser pontuado por elementos que, com a pontuação natural que o terreno contém, com os pontos que se criam no diálogo com a envolvente, permitam criar um lugar definido, na conjugação da linguagem natural com a construída.

Adicionalmente, afastado do percurso, pode ser estabelecido um sistema de colmeias para uso apícola da quinta, através da recolha de mel proveniente da flora de altitude, nomeadamente, da flor de urze. Esta medida seria facilmente implementada numa zona paralela ao percurso, embora um pouco afastada por razões óbvias.

Assim, a colocação de pequenos equipamentos que estabeleçam um fio condutor, locais de referência, que permitam uma acção no contínuo do percorrer e que o pontuem com convites ou sugestões da sua presença, é a via seguida na definição do percurso. Com esta abordagem, podem ser ainda adicionados posteriormente elementos a este discurso, com outras peças que se acrescentem ao discurso do percurso.

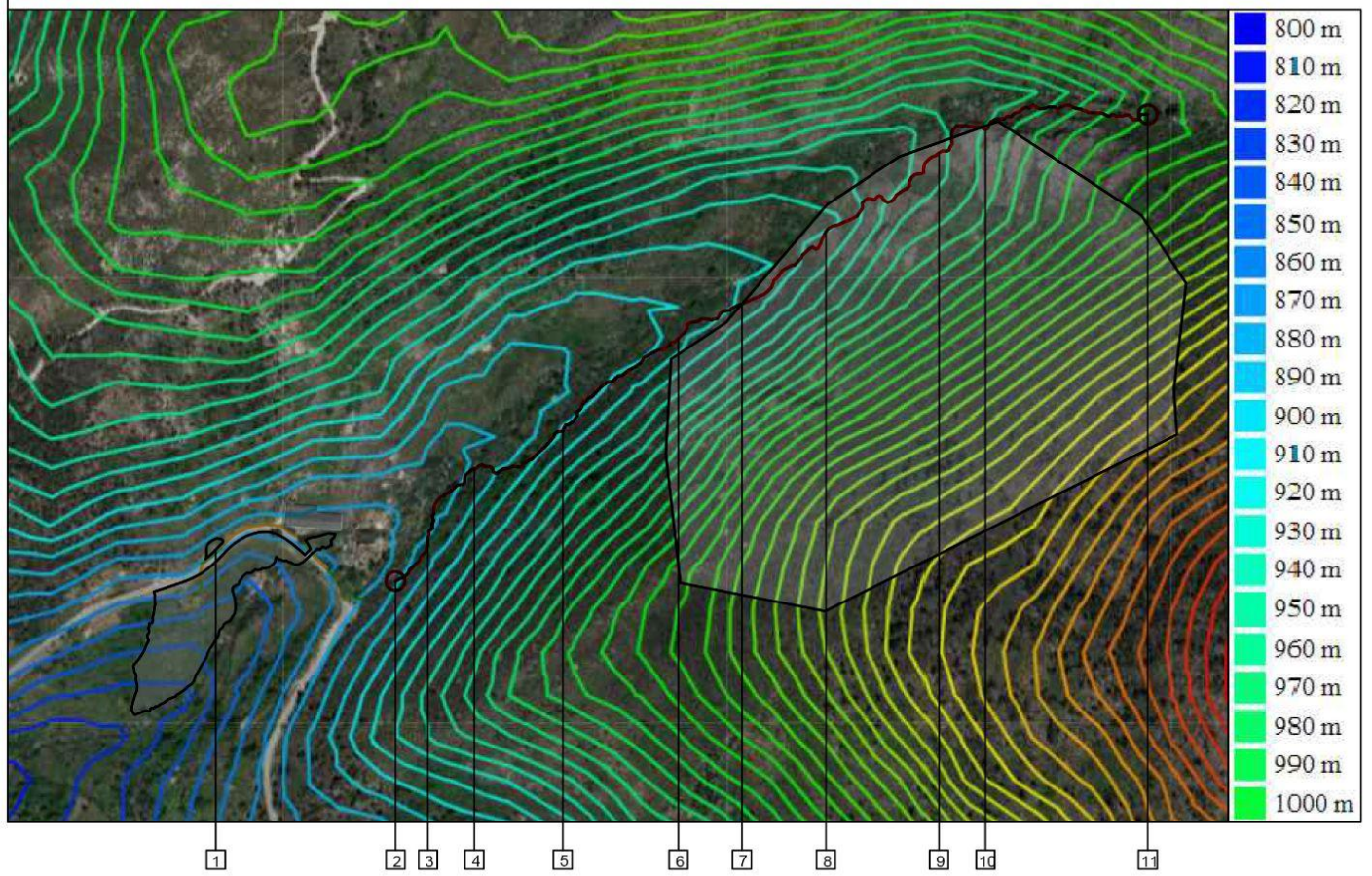
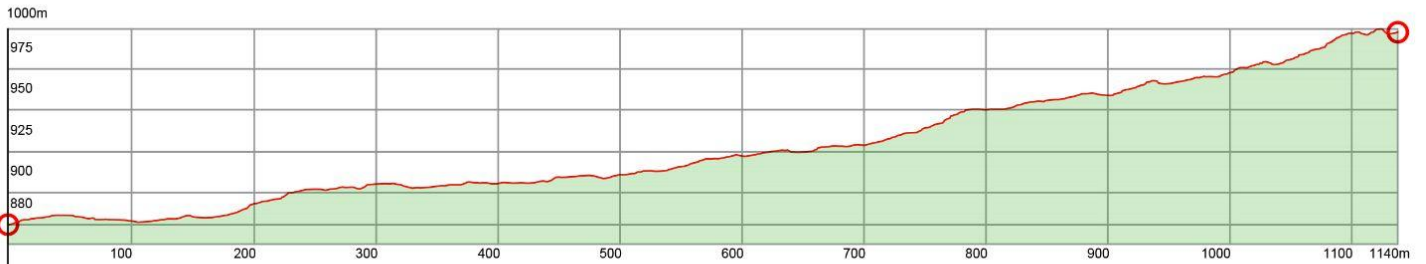
A colocação e montagem de equipamentos tipológicos in situ, esparsos, não invasivos, de fácil transporte e construção local e no local, em escala e em sintonia com o que o terreno pede para cada lugar, em conjunto com o diálogo entre envolvente, construção e caminhante, fornece uma interacção com o meio e uma comunicação com o trilho.

Alguns tipos de equipamento que podem ser desenvolvidos, de acordo com as características dos locais são a fonte, o pórtico, o banco, a mariola, entre outras medidas, como as mais imediatas como asseios de mato, melhoramento de pisos, além de equipamentos técnicos em locais específicos para práticas especiais, tal como *plaquetes* de ancoragem e mosquetões para escalada ou *rapel*, nas escarpas e fragas que se destacam como ideais para essas práticas.

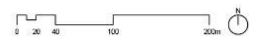
⁴ “Modern tourism proves that the experience of different places is a major human interest [aqui também incluímos o movimento migratório como uma igualmente maior necessidade humana], although also this value today tends to get lost. In fact modern man for a long time believed that science and technology had freed him from a direct dependence of places. This belief has proved an illusion; Pollution and environmental chaos have suddenly appeared as a frightening *nemesis*, and as a result the problem of place has regained its true importance.” Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture, Place?*, págs. 18, 19. Ed. Rizzoli, New York, 1979. De referir o contributo para o pensamento de N.-S. de Kevin Lynch em *The Image of The City* para esta compreensão espacial da percepção humana no seu meio ambiente, em especial na navegação urbana.

ALGUNS PONTOS DE INTERESSE

- 1 - FONTE E DESCANSO - MIRADOURO
- 2 - INÍCIO FORMAL DO PERCURSO
- 3 - PONTE ANTIGA
- 4 - POÇO DO AÇUDE
- 5 - ANTIGO EDIFICADO AGRÍCOLA
- 6 - PONTO DE OBSERVAÇÃO RETROSPECTIVA
- 7 - INCURSÃO NA PROPRIEDADE
- 8 - PASSAGEM ESTREITA ENTRE MUROS E PENEDOS
- 9 - EIRA E ZONA DE APLANAÇÃO ENTRE FRAGAS
- 10 - PASSAGEM ÍNGREME POR ROCHAS
- 11 - CASCATA E POÇO DO CALHÃO MOGUEIRO



QUINTA
 PERCURSO
 HABITAÇÃO



ROTA LINEAR PENDULAR
 SENTIDO INICIAL ASCENDENTE
 INÍCIO DO PERCURSO - CASCATA DAS LAMAS
 FINAL DO PERCURSO - CASCATA DO CALHÃO MOGUEIRO
 DURAÇÃO APROXIMADA 45min ASCENDENTE

INÍCIO FORMAL - CHÃO DA RIBEIRA
 FINAL FORMAL - CHÃO DA RIBEIRA

4 Mapa altimétrico informativo

Uma fonte convida a beber, um banco convida a sentar, um miradouro convida a contemplar. Através de um discurso entre o meio e o construído, é sugerida uma acção que permita definir um caminho, dando possibilidades de criar lugares com os quais é feito um lugar, que partilhem e participem do discurso e do diálogo deste trilho.

No plano do percurso, são sugeridos diversos pontos de interesse, apesar do seu interesse não se restringir a estes aspectos. São escolhidos estes pontos pela diversidade de características e também diferente interesse por várias razões, desde a construção existente, a características naturais.

Assim, define-se a zona da quinta que contém uma fonte e descanso como um ponto de pré ou pós-caminhada, ainda em área “urbana”. Este situa-se ainda numa área de movimento, perto da estrada. Aqui é o ponto informal do início do percurso, ou um ponto independente deste.

Seguidamente, e através de diferentes pontos de acesso, dependendo da posição inicial, caminha-se para o seu início formal, acima da praia fluvial. Pode ser acedido através da passagem por baixo da ponte rodoviária, se se partir da quinta, subindo até à praia e daqui passar um muro que a limita, até chegar a este ponto. Pode-se também partir da estrada, ou da fonte descrita e atravessar ou contornar a praia fluvial. A demarcação de um início formal reúne estas opções de chegada.

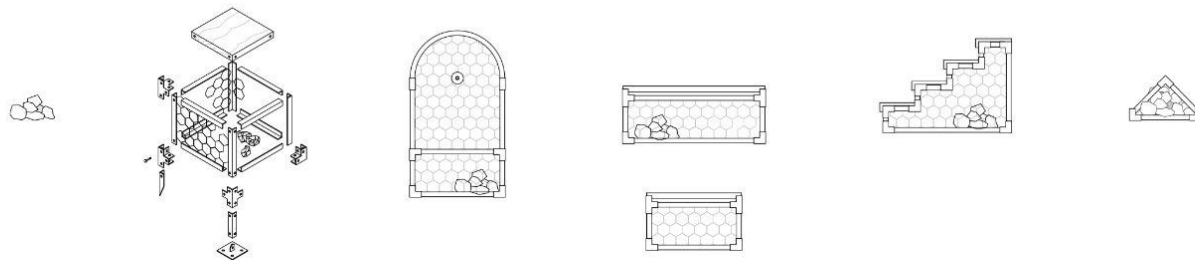
Aqui tem início o percurso, ainda com um trilho bem definido no chão e o som de verão dos visitantes da praia fluvial, ou, de inverno, o som vivo das águas torrenciais. De seguida, o trilho passa ao lado de uma antiga ponte inteiramente granítica, em ruína e inutilizada por falta de uma parte suspensa, das duas que a compunham. Esta ponte acedia aos campos planos da outra margem. Aqui podem ser ainda observadas actividades agrícolas, pois é o limite em que se mantêm quintas activas.

Adiante chega-se ao Poço do Açude, uma represa de abastecimento dos campos inferiores com características recônditas de poço secundário à praia fluvial, embora visitado por quem o conhece. Este costuma ser um ponto de destino em si, podendo o percurso habitualmente terminar aqui. Estas opções de desvios e retornos são igualmente válidas e devem ser incluídas na sua ponderação. Seguindo o trilho, encontram-se construções, como muros e palheiras devolutos, entre a vegetação, a acompanhar já o silêncio humano e o som do vale. Com apontamentos surpreendentes na descoberta entre o mato de construções curiosas, algumas aproveitam as grandes rebolas graníticas e os seus recantos para aí encostar a sua construção.

Acima deste ponto e já entre mato denso, emerge-se acima de uma massa granítica amaciada em declive, que permite observar o percurso já percorrido e a continuação do vale abaixo. Na incursão na propriedade mais adiante, pode ser ponderado um desvio para acesso a colmeias resguardadas e fonte de matéria vegetal e florestal.

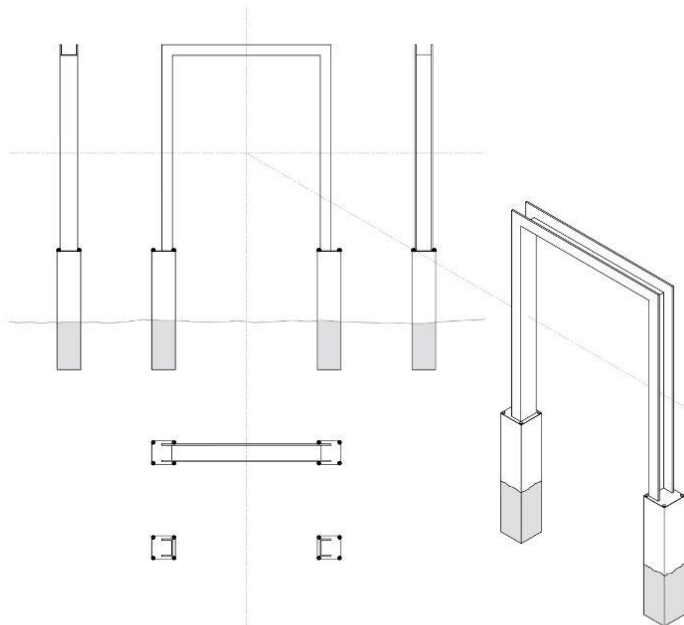
Continuando, a vegetação dá lugar a grandes penedos contornados por muros, pelos quais é necessário atravessar a sua cumeeira. Depois desta passagem mais desafiante, volta-se a emergir numa eira ampla, onde se avista mais uma construção agrícola em ruína, solitária entre as paredes graníticas circundantes e os castanheiros. Esta é uma zona de descanso dos sentidos, pelo movimento anterior e pelo preenchimento envolvente, feito por um anfiteatro de muros monolíticos e apenas recortado pelo rasgo do vale, na tomada de forma da Garganta.

Depois deste ponto amplo, mas circunscrito, é necessário atravessar estes elementos. Aqui, pela irregularidade e subida, com posterior descida acentuada ao vale, deve ser instalada uma corda, entre camarões embuchados na rocha, para auxílio à aderência. Esta zona é igualmente ideal para instalação de plaquetes de rapel e conseqüente exploração futura de pontos de exercício deste tipo.



MÓDULOS - TIPO

- Fontinha
- Banco, Mesa
- Escada
- Mariola



CONSTRUÇÕES SINGULARES

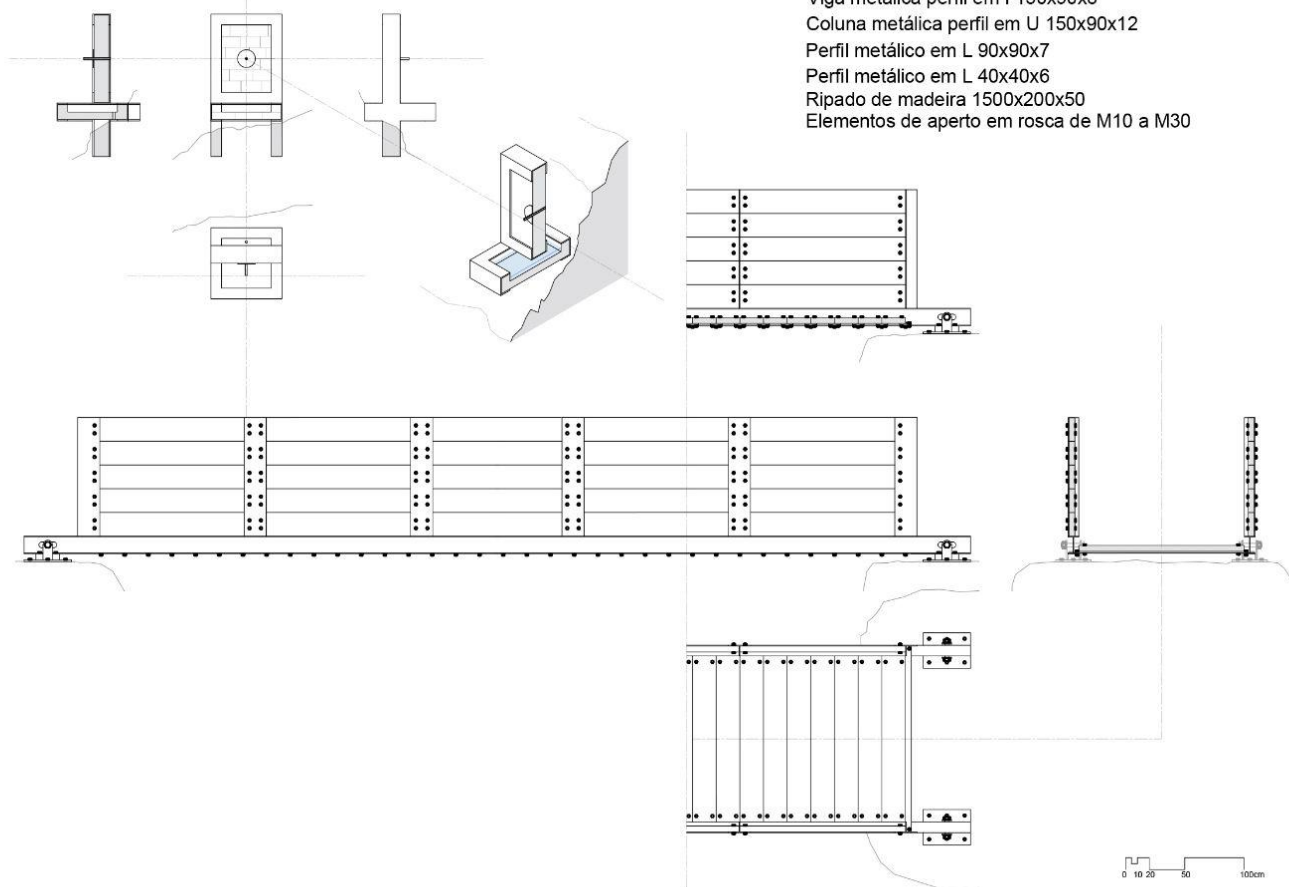
- Pórtico Inicial
- Fonte da Quinta
- Ponte Auxiliar

MATÉRIA

- Pedra
- Metal
- Madeira

MATERIAIS

- Granito em bruto picado
- Granito rugoso em bloco regularizado
- Viga metálica perfil em I 150x90x8
- Coluna metálica perfil em U 150x90x12
- Perfil metálico em L 90x90x7
- Perfil metálico em L 40x40x6
- Ripado de madeira 1500x200x50
- Elementos de aperto em rosca de M10 a M30



Finalmente, após ultrapassagem deste obstáculo, desce-se no vale até chegar à ribeira que corre no fundo do vale, encontrando um poço escondido primeiro, olhando abaixo, e depois, uma vez perto da água, a cascata do Calhão Mogueiro, enquadrada entre fragas, escondida no interior do vale. Aqui é o ponto de chegada do percurso.

Ponderação

Os elementos propostos são algumas peças específicas, como a fonte, o pórtico e a ponte; e peças-tipo, a partir de um sistema modular adaptável, criados tendo em conta os lugares de origem, de montagem e implementação. As peças específicas correspondem ao mundo ainda humanizado, da base, ainda em território “urbano”, na sua transição. Estes objectos transitam entre o agarrado ao solo e o elevado e suspenso, contêm a matéria ou aprisionam-na de forma solta, intercalam regularidade com a matéria em bruto.

As matérias utilizadas são a pedra, a madeira e o metal, com união mecânica por aperto e alguma solda. A partir destes pressupostos, os equipamentos podem ter uma linguagem formal, coerência e unidade construtiva comum, participando com a sua existência num discurso compositivo paralelo à pontuação do caminho e da envolvente.

Este sistema parte das matérias, dividindo-se pelos componentes, as construções e as excepções. Assim, os componentes são as partes padronizadas, as construções aquilo que é feito destas partes e as excepções as peças singulares para lugares particulares. Estes materiais estão disponíveis localmente, tal como os meios para os trabalhar. Estes são exemplos de várias formas que podem ser implementadas no percurso, tanto adaptadas às suas variáveis, como outras formas eventualmente adicionadas progressivamente ao seu discurso.

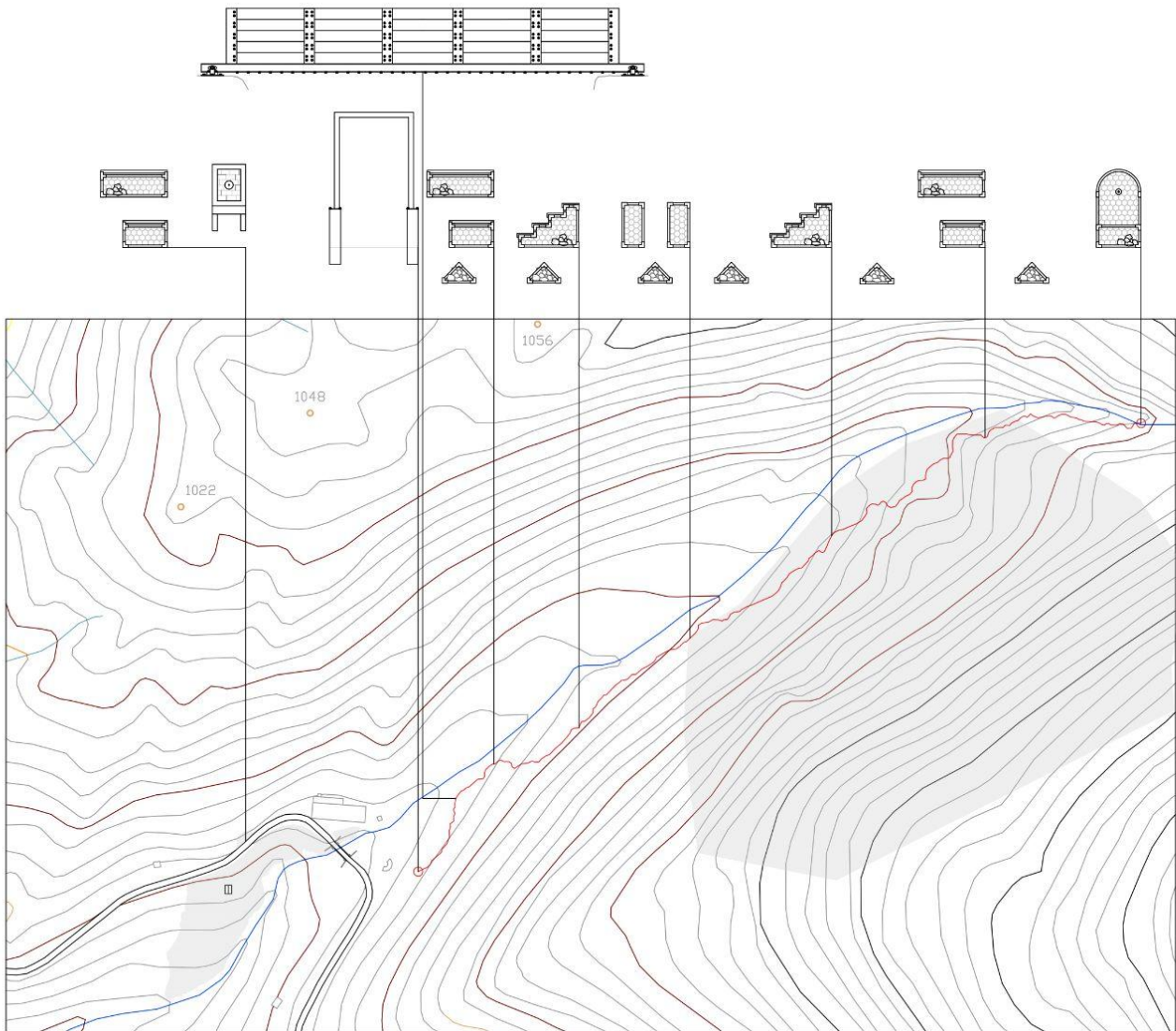
Assim, com o uso limitado de matéria, disponível em abundância na proximidade, tal como a inclusão dos elementos como a água através destes, trabalha-se a partir dos materiais mais próximos. O aço, na forma de perfis correntes, é proveniente da indústria metalúrgica vizinha. A madeira e a pedra são produtos autóctones e mesmo dos próprios pontos de implantação, que podem ser aproveitados no local ou, se mais elaborados, trabalhados na povoação.

Com esta abordagem, pretende-se a construção local ou no local, a facilidade de montagem pela baixa tecnologia, o emprego de escassa mão de obra, não especializada, podendo em certos casos ser transportada e construída por uma pessoa apenas. Consequentemente, é procurado o relativo baixo custo e a facilidade de manutenção, além do eventual desmantelamento, podendo os materiais ser desmontados, removidos e reutilizados posteriormente, com a igual opção de realocação destes.

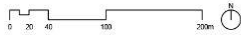
Além destes aspectos, procura-se a unidade e a fundência com o meio, com a integração da envolvente nas matérias, em simultâneo com a demarcação construtiva desta envolvente, através da sua regularidade e técnica. A par destes equipamentos, devem ser instalados outros de carácter técnico, como os pequenos acessórios de escalada de fixação na rocha e a necessária melhoria da pavimentação em certas zonas que o necessitem. Estas são algumas premissas para a ponderação dos elementos que fazem parte da definição do percurso.

Distribuição

A partir destas opções, podem ser definidos os tipos de equipamentos. As peças singulares, como a fonte, o pórtico e a ponte têm um carácter particular. Assim, a fonte é construída com recurso



QUINTA _____
 PERCURSO _____
 HABITAÇÃO _____



CONSTRUÇÕES SINGULARES

- Fonte - Zona pública, com miradouro e descansos
- Pórtico - Início do percurso
- Ponte - Desvio, acesso à margem oposta

MÓDULOS - TIPO

- Fonte - Final do percurso, ponto de reunião
- Banco, Mesa, Marco - Conjugação de partes, marcação de entrada
- Escada - Perto de construções e na transposição de patamar
- Mariola - Ao longo do percurso, pontuação regular

a uma coluna metálica em U, que soldada envolve blocos graníticos regulares rugosos e os contém, tanto no espelho granítico de moldura vertical, como na pia e espelho de água. Estas colunas funcionam também como fundações, permitindo ainda a sua ancoragem ao solo e à lateral, perto do limite da via. A água é canalizada directamente da proveniência, na sua retaguarda.

Seguidamente, na demarcação do início formal do percurso, o pórtico define a entrada neste, constituído por dois blocos de granito rugoso, que funcionam como fundação e suporte, através de união por aperto mecânico, às colunas e viga em U, que completam o enquadramento, a partir do fundo das ombreiras.

No último exemplo, a ponte é instalada sobre a parte assente da antiga ponte granítica, a partir de duas vigas em I, assentes em fundações metálicas, com juntas de dilatação nestas e ao longo da estrutura, que são percorridas por ripado de madeira, tal como as laterais, igualmente encaixadas em colunas perfiladas.

Para os módulos variáveis, é definido um sistema construtivo que emprega perfis metálicos em L, de dimensões longitudinais variáveis, unidos por vértices de aperto mecânico, que permitem a construção de formas poligonais regulares. Quando montados, estes formam caixas que contêm forro de malha hexagonal galvanizada ou de liga zincada inoxidável, formando uma gaiola para contenção de pedra picada granítica e enchimento no local, fechados no topo por tabuleiros de madeira. A ancoragem é adaptável, entre espigões como fundação, ou sapatas multidireccionais de aperto mecânico, consoante a situação e piso onde assentem. Estas estruturas podem ser transportadas em partes, ou mesmo já completas, sem enchimento. A sua natureza permite que sejam permeadas pela vegetação e fauna, integrando-se com estas.

Assim, alguns dos tipos que podem ser construídos são o banco e a mesa, (que também pode ser feita de dois bancos e uma placa), o marco ou pino de demarcação, a escada, junto a muros e obstáculos e a fonte, a pontuar o final de percurso, tal como no seu início, em que partilham igualmente da mesma água, por exemplo. Estes objectos podem ainda ser conjugados para criar um lugar de reunião, como por exemplo, um pequeno parque com fontenário, bancos e mesas, escadas de acesso a patamares e marcos delimitadores de perímetro, com ou sem cordas. O objecto recorrente será a mariola, pois indica o percurso. Esta diferencia-se ainda das mariolas dos pastores, para não confundir as suas rotas próprias e as suas marcações.

As mariolas podiam ainda conter pequenos dispositivos entre as suas pedras, com um feixe de luz, alimentado por energia solar, que funcione como marco em condições de visibilidade reduzida, por nevoeiro, intempérie ou queda de noite, de modo a facilitar a orientação e retorno. Estas serão o elemento mais recorrente, funcionando como pontuação e guia, um apontamento tecnológico que pode ter grande utilidade.

Este é um modelo económico e geral, aberto a alterações e evolução, de simples implementação. As suas medidas podem ser reajustadas e acrescentados elementos. A durabilidade é igualmente considerável, tendo em conta o seu carácter desmontável. A implantação não causa impacto significativo na envolvente, embora visível na escala humana. Assim, pode ser uma forma de ajudar a definir o percurso.

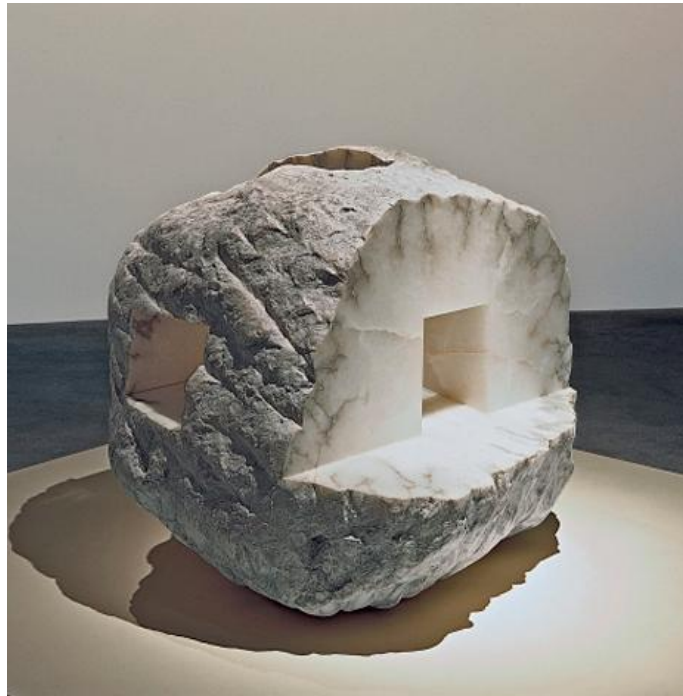


7 A casa entre os penedos

CAPÍTULO III

Abrigo

O Abrigo, O Lugar e A Habitação



1 Eduardo Chillida - *Lo Profundo Es El Aire*, 1996

O Abrigo

Origem

Se a montanha é o mundo e o caminho a sua travessia, o abrigo é o lugar de ancoragem neste mundo, ponto de partida e de retorno, uma referência. É *ter* um lugar no mundo, entre a sua passagem. O abrigo e a sua origem são questões fundamentais da arquitectura, da sua própria génese, do seu sentido e, além desta, da filosofia à antropologia e na literatura, uma questão essencial. Pensadas desde sempre, sobre estas questões já foi bastante escrito, em tratados e artigos e ainda na actualidade. É uma matéria em constante reformulação e reflexão, a que se volta sempre, desde que se constrói e quando se constrói.

O abrigo faz parte da natureza, do suporte da vida e a habitação é igualmente uma constante humana, define-a enquanto espécie e quanto à sua cultura. O abrigo é uma necessidade elementar da vida como um todo, da existência.

“Architecture represents a means to give man an ‘existential foothold’. A partir do abrigo, a habitação, a casa ou o lar, a arquitectura pode ser a base para a concretização do espaço existencial (Norberg-Schulz, pág. 5. 1979) que define o abrigo, gravado na ordem humana. A habitação é um abrigo do mundo, um arquétipo de retiro, de espaço íntimo do corpo, tão antigo como a sua relação com o mundo. “Within the landscapes, sub-places offer man the possibility of intimate dwelling. Among the sub-places we also find the archetypal *retreat* where man may still experience the presence of the original forces of the earth.” (Norberg-Schulz, pág. 40. 1979)

Assim, se a quinta é um microcosmos, a habitação é o seu centro, a casa onde habita o corpo, como um *corpo* neste sistema. A casa *reúne* a quinta. É igualmente um mundo dentro do mundo (“a world within a world¹”), um mundo íntimo em si e um corpo que funciona como tal. A habitação é o centro da quinta e da montanha; é um lar, se for o centro do mundo.

Entrada

Abrigo pressupõe a necessidade de refúgio, de recolha, circunscrição, um espaço definido, contido num perímetro, separado e protegido do mundo exterior. É um reduto de protecção. O abrigo é definido por um limite que o separa deste mundo externo, por uma fronteira, na dialéctica entre *exterior* e *interior*². A geometria reaparece, ou permanece, no corpo e no mundo imediato ao corpo, com os conceitos de centro, limite ou plano, completos com o tempo, a memória, a identificação (a *familiaridade*) e as relações. “These simple forms are not characteristic only of great political or economic spaces; they also define village space or domestic space. In his book *Mythe et pensee chez les Crees*, Jean-Pierre Vernant shows how, in the Hestia/Hermes couple, Hestia symbolizes the circular hearth placed in the centre of the house, the closed space of the group withdrawn into itself (and thus in a sense of its relations with itself); while Hermes, god of the threshold and the door, but also of crossroads and town gates, represents movement and relations with others. Identity and relations lie at the heart of all the spatial arrangements classically studied by anthropology. So does history. For all relations that are inscribed in space are

¹ “A building is a world within a world. Buildings that personify places of worship, or of home, or of other institutions of man must be true to their nature.”

Kahn, Louis - *Conversations with Students*, White Light, Black Shadow, pág. 28, 2nd. Ed., Architecture at Rice Publications, Princeton Architectural Press, Houston, 1998.

² A partir de *The Dialectics of Outside and Inside* em Bachelard, Gaston - *The Poetics of Space*, Beacon Press, Boston, 1994.



2 Entradas de Palheira no Vale da Garganta de Loriga

also inscribed in time, and the simple spatial forms we have mentioned are concretized only in and through time.” (Augé, pág. 58. 1995)

É um regresso à identificação, entre *fora* e *dentro*³, incluindo o *entre*, aos centros e limites, às transições, à intimidade e ao mundo privado (num mundo cada vez mais desabrigado deste aspecto, procura-se refúgio, quando as lentes e os olhares alcançam todos os cantos⁴). O abrigo na actualidade é procurado por tantas e outras mais razões que o foi desde sempre, além do espaço físico.

O abrigo é um enrolar sobre si mesmo, o envolver, num buraco, num ninho, num coral, ou recolher a um esqueleto externo, como no meio natural. “It is striking that even in our homes, where there is light, our consciousness of well-being should call for comparison with animals in their shelters. (...) Thus, well-being takes us back to the primitiveness of the refuge. Physically, the creature endowed with a sense of refuge, huddles up to itself, takes to cover, hides away, lies snug, concealed. If we were to look among the wealth of our vocabulary for verbs that express the dynamics of retreat, we should find images based on animal movements of withdrawal, movements that are engraved in our muscles.” (Bachelard, pág. 91. 1994)

No início humano, o abrigo é uma caverna⁵, uma árvore ou um poço, um recanto. O ser sai deste canto, caça ou recolhe (trabalha), regressa onde come e descansa, para de novo repetir a sua vida, com o regresso ao seu canto no mundo como referência. “A montanha foi muito tempo o solar do homem primitivo, vagabundo relapso sem outra telha que o céu estrelado. Ali viveu séculos e séculos entre robles frondosos, castanheiros que lhe davam boa sombra e castanhas, esfomeado crónico, mas livre.”⁶ O canto⁷ ganha um centro, quando o passa a possuir, quando os seus limites ganham uma referência interior. O canto passa a possuir vida em si e a vida ganha um canto no mundo. “For our house is our corner of the world. As has often been said, it is our first universe, a real cosmos in every sense of the word. If we look at it intimately, the humblest dwelling has beauty. Authors of books on “the humble home” often mention this feature of the poetics of space.” (Bachelard, pág. 4. 1994)

O abrigo coloca em evidência a dialéctica entre cheio e vazio, um abrigo é um pequeno vazio habitado, um vazio preenchido por vida demarcada do vazio exterior por fronteiras e percepções, fronteiras físicas e psíquicas com o exterior, um lugar de identificação, ou de procura de identificação na busca por uma *casa* no mundo. “all really inhabited space bears the essence of the notion of home.” (Bachelard, pág. 5. 1994)

A arquitectura como a geometria, ordem, o desenho para acolher a vida, espaço que permita o seu desenvolvimento, embora não o possa completamente garantir. “In this dynamic rivalry between house and universe, we are far removed from any reference to simple geometrical forms. A house that has been

³ “Dwelling in nature is therefore not a simple question of ‘refuge’. Rather it means to understand the given environment as a set of ‘insides’, from the macro down to the micro level.”

Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, pág. 48. Ed. Rizzoli, New York, 1979.

⁴ “For the time we live in is paradoxical in this aspect, too: at the very same moment when it becomes possible to think in terms of the unity of terrestrial space, and the big multinational networks grow strong, the clamour of particularisms rises; clamour from those who want to stay at home in peace, clamour from those who want to find a mother country.”

Augé, Marc - *Non-Places - Introduction to an anthropology of Supermodernity*, págs. 34, 35. Trad. John Howe, Ed. Verso, London, 1995.

⁵ “We have already mentioned the cave as another archetypal natural element. In megalithic architecture artificial caves, *dolmen*, were built to visualize this aspect of the earth. Being simultaneously interior spaces and feminine symbols, the artificial caves were understood as representations of the world as a whole, an interpretation which was completed by the introduction of vertical ‘masculine’ elements, such as a pillar, or an orthogonal system of vertical and horizontal members. The ‘marriage of heaven and earth’ which was the point of departure for ancient cosmogonies was thus concretized in built form.”

Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, pág. 52. Ed. Rizzoli, New York, 1979.

⁶ Ribeiro, Aquilino - *O Homem da Nave - Serranos, caçadores e fauna vária*, pág. 19. Bertrand Editora, Lisboa, 2017.

⁷ “For to great dreamers of corners and holes nothing is ever empty, the dialectics of full and empty only correspond to two geometrical non-realities. The function of inhabiting constitutes the link between full and empty. A living creature fills an empty refuge, images inhabit, and all corners are haunted, if not inhabited.”

Bachelard, Gaston - *The Poetics of Space*, pág. 140.



3 Posto de Vigia, Loriga

experienced is not an inert box. Inhabited space transcends geometrical space. (...) For, in point of fact, a house is first and foremost a geometrical object, one which we are tempted to analyze rationally. Its prime reality is visible and tangible, made of well hewn solids and well fitted framework. (...) But transposition to the human plane takes place immediately whenever a house is considered as space for cheer and intimacy, space that is supposed to condense and defend intimacy.” (Bachelard, págs. 47, 48. 1994) O abrigo transforma-se neste, quando permite abrigar, como uma casa, uma habitação ou um lar, permitem morar, viver, numa transferência de significado entre habitante e habitação, numa troca de influência e transformação mútua, permitida pela identificação entre o espaço e o seu ocupante.

Caverna

O abrigo na montanha é particularmente providencial, num mundo adverso, hostil e inóspito, num canto do mundo. Na montanha, o primeiro abrigo é a caverna, debaixo da terra e entre as pedras, um lugar que oferece alguma segurança subterrânea, numa fuga para cima, num lugar que oferece a vista, a visão elevada sobre o território, “até que o invasor ou o prepotente alcançasse as alturas, havia muitos passos a dar. Depois, os longes têm olhos. Forma-se com isso tudo a carta da independência⁸” .

Habitar a montanha é um acto de desafio, ou de resignação, de teimosia ou curiosidade, igualmente de escape à humanidade, trocando a moral dos homens, as suas leis, pela inclemência amorosa da natureza “(...) o homem subiu para os altos chamado pelo atavismo de montanhês. Claro que este atavismo não é nenhum cesto roto. Na serra o homem estaria sempre mais a coberto do beleguim, do homem da lei, do fidalgo, em suma da violência do forte e da extorsão do rico.”⁹

A majestade e o apelo das montanhas tem o seu lado temerário. É um local de perigo, adverso à vida, com condições especialmente árduas. A montanha, na sua vertente desafiante e ameaçadora, uma vez no seu seio, ilude e engana, por via da desorientação espacial que a sua construção natural provoca. As referências são aqui vitais à sobrevivência. A sua configuração molda quem a habita neste carácter. “A montanha criou pois o rebelde crónico e o lobo sem coleira.”¹⁰

Convive em conjunto com os elementos naturais e as condições atmosféricas que amiúde a acompanham, como a neve e a névoa, o vento, a chuva, o clima frio, a densidade florestal e geológica, as feras e os inúmeros perigos que acolhe, deixando o ser humano em necessidade de protecção e abrigo uma vez neste *habitat*. Estas necessidades são atendidas primeiramente de forma natural, com o acóito providenciado pelas grutas¹¹ e cavernas que se encontram nos seus meandros, depois atendidas pelo abrigo por si edificado.

No entanto, para sair deste parco conforto, por necessidade e vontade, tem de enfrentar o mundo exterior, conhecê-lo e dominá-lo, e posteriormente criar o seu abrigo através do que encontra no caminho deste mundo. Sai da caverna, no entanto a montanha não deixa de ser o seu lugar. Mais tarde, regressando à caverna, esta não será já o seu abrigo, mas uma memória de conforto.

Saiu da caverna, mas não sai da montanha. “Seria ilusório explicar pela densidade populacional este regresso do homem aos píncaros desabridos. Tão-pouco ficaria sem resposta por que modo se agarrou às ravinas e aos cerros com a contumácia e o frenesim dum carvalhiço entre dois fragões. Na planta e no homem as raízes

⁸ Ribeiro, Aquilino - *O Homem da Nave - Serranos, caçadores e fauna vária*, pág. 21.

⁹ Id., *Ibid.*, pág. 20.

¹⁰ Id., *Ibid.*, pág. 21.

¹¹ Na Serra ainda existem, nos covões de pasto, grutas e recantos de pedras empilhadas, pela natureza ou pelo homem, utilizadas pelos pastores para seu abrigar e dos seus rebanhos, escurcidas pelo fumo das fogueiras e *mobiladas* por elementos de pedra que fornecem suporte e descanso.



4 Palheira, levada e ponte, perto do trilho acima da quinta

tacteantes rebentarão a pedra para chegar ao húmus e não haverá depois ventania que os derrube.¹²” Sabe construir a sua casa, construir a sua própria caverna, à sua medida, onde a sente como verdadeiramente sua, como um mundo criado por si, um corpo do seu corpo, pelo seu corpo e pela sua experiência, numa nova luz. “Compreende-se que o homem que teve a madrigueira na montanha ame a montanha. Ela lhe é dilecta como um lar comum e o alicerce da sua psique.¹³”

Com a construção de abrigo, depois da sujeição nua à aspereza das serras, começa o processo inverso de moldagem da serra à vontade e à necessidade humana, com a criação da habitação, edificada através de matéria disponível em abundância, no entanto de limitada variedade, como a pedra e a madeira, perto da água¹⁴, num lugar onde é convidado a ficar, onde sente ser o seu lugar. A habitação é uma pele exterior, e a montanha fornece uma pele grossa e granítica, uma carapaça pesada e massuda.

Mais tarde, cria a edificação para sustento e rentabilização da terra. Declives de parca fertilidade agrícola começam a tomar forma, com a cinzelização das suas encostas criando, no exemplo deste empreendimento, socalcos agrícolas para aumento da área e horizontalidade cultivável, como curvas de nível à escala da vida nos montes, de modo a enriquecer a fraca produção agrícola, habitualmente comum nestas terras. “Basically we may say that he places himself in front of nature as an equal ‘partner’. He is where he is and looks at nature as a friendly complement to his own being. This simple and stable relationship helps to release human *vitality* (...). The union of man and nature is rather expressed through the practical use of agriculture, which accentuates the landscape structure as an ‘addiction’ of relatively independent individual places. The *genius loci* of the classical landscape is therefore first of all manifest where clearly defined natural places are emphasized by the loving care of man.” (Norberg-Schulz, pág. 46. 1979)

Constrói na continuidade do seu lugar, a montanha, que o abriga e o molda. Quem aí constrói é igualmente fruto da montanha, assim é a montanha a construir-se a ela mesma. O abrigo dá lugar à casa na quinta, constrói o seu mundo de recolha, o seu trabalho. Cria a sua quinta, o quintal e o seu jardim¹⁵.

Heidegger recorre a este exemplo da casa na quinta para exprimir o seu morar, habitar (*dwelling*): “The nature of building is letting dwell. Building accomplishes its nature in the raising of locations by the joining of their spaces. *Only if we are capable of dwelling, only then can we build.* Let us think for a while of a farmhouse (...) built some two hundred years ago by the dwelling of peasants. Here the self-sufficiency of the power to let earth and heaven, divinities and mortals enter *in simple oneness* into things, ordered the house. It placed the farm on the wind-sheltered mountain slope looking south, among the meadows close to the spring. It gave it the wide overhanging shingle roof [which] shields the chambers against the storms of the long winter nights. It did not forget the altar corner behind the community table; it made room in its chamber for the hallowed places of childbed (...) and in this way it designed for the different generations under one roof the character of their journey through time. A craft which, itself sprung from dwelling, still uses its tools and frames as things, built the farmhouse.” (Heidegger, págs. 157, 158. 2001)

¹² Ribeiro, Aquilino - *O Homem da Nave*, pág. 20.

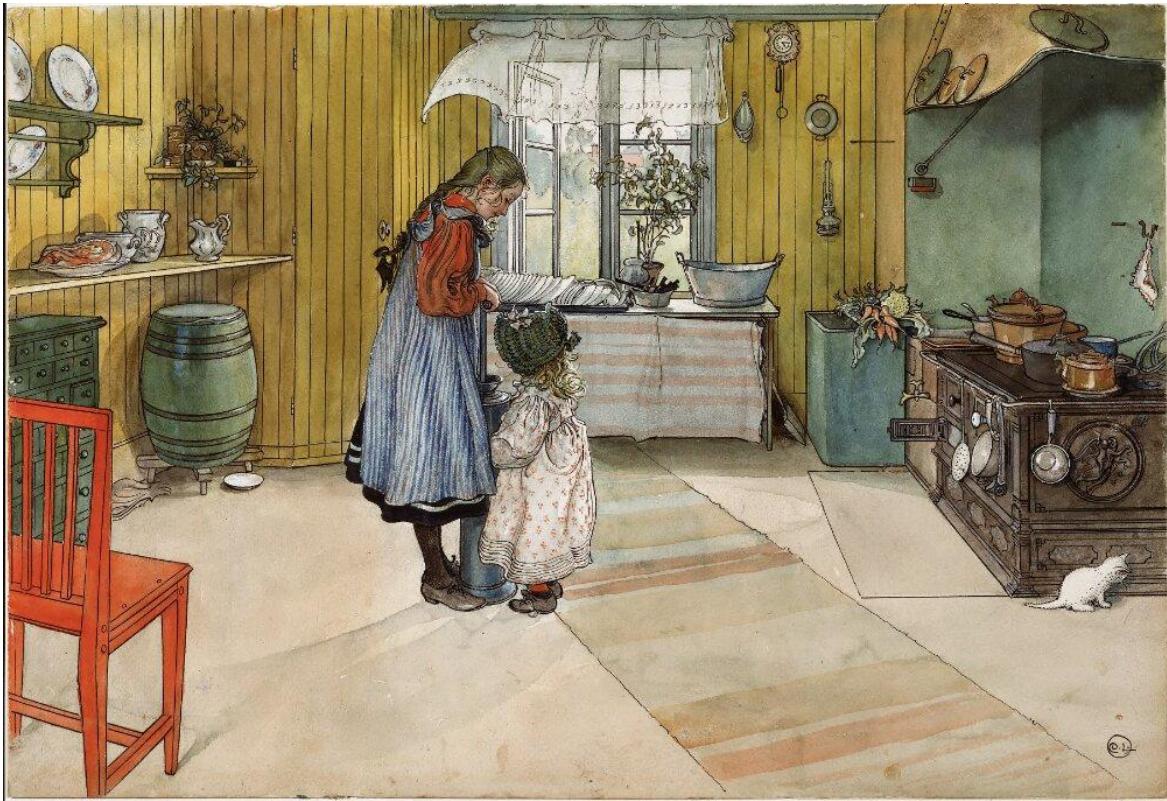
¹³ Id., *Ibid.*, pág. 21.

¹⁴ “From the point of view of character, a natural place which comprises several meaningful things, such as rocks, trees and water, would represent an ‘invitation’.”

Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, pág. 140. Ed. Rizzoli, New York, 1979.

¹⁵ “In general man’s understanding of the fertile soil is visualized through *agriculture*. In the cultural landscape the natural forces are ‘domesticated’ and living reality is made manifest as an ordered process where man participates. The garden is hence a place where living nature is concretized as an organic totality. Man’s image of Paradise was in fact always an enclosed garden. In the garden, the known elements of nature are gathered: fruit trees, flowers and ‘tamed’ water. In Maedieval [sic.] painting it is depicted as a hortus conclusus with the ‘Tree of Life’ and a fountain in the middle, surrounded by a ‘wilderness’ of mountains and forests.”

Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, pág. 52.



5 Carl Larsson - *The Kitchen. From a Home*, Adq. 1900

Casa

O abrigo é assim o lugar de referência no mundo, o lugar seguro de onde inicialmente se parte e onde se tenta sempre regressar, na vida entre a saída de casa e a procura pelo regresso a casa. É em essência um lugar primordial de segurança, conforto, identificação e repouso. O abrigo é o acolhimento do corpo, a sua extensão. Como referência é um centro, um lugar existencial da vida. Assim, constrói o seu abrigo com a percepção da ordem do mundo, mais uma vez um microcosmos, o mais próximo da sua pele, através da sua visão do macrocosmos, ou seja, reunindo as referências que tem do mundo. Constrói os limites, as fronteiras e os seus centros. Constrói vindo de fora, de fora para dentro, nas estruturas naturais ou na ruína do que existe. Constrói e é construído, nas referências e ordem que fazem parte de si.

A habitação é constituída por centros, limites e transições, por cantos e planos. “A house constitutes a body of images that give mankind proofs or illusions of stability. We are constantly re-imagining its reality: to distinguish all these images would be to describe the soul of the house; it would mean developing a veritable psychology of the house. To bring order into these images, I believe that we should consider two principal connecting themes: 1) A house is imagined as a vertical being. It rises upward. It differentiates itself in terms of its verticality. It is one of the appeals to our consciousness of verticality. 2) A house is imagined as a concentrated being. It appeals to our consciousness of centrality.” (Bachelard, pág. 17. 1994)

O centro primordial é o fogo, protegido em igual medida pelo abrigo. O fogo, que necessita de um abrigo também, é o elemento central. A água é o elemento próximo, fundamental. A partir do fogo, o abrigo desenvolve-se à sua volta, o canto de descanso, à roda da comida e da partilha, da segurança e da luz.

A fogueira (depois a lareira, mais tarde a televisão, agora o écran: fogos de chama, logo partilha, cada vez mais diminuta, embora também com vantagens inegáveis, como oráculos substitutos do fogo¹⁶) é um centro, o fogo inicial da caverna. O fogo no abrigo é o seu centro, mais que o centro do corpo, este lar é *pirocêntrico*, o ponto de reunião, transformador do alimento, fonte de conforto e de iluminação. Esta é a fonte de luz, calor e comida, visão e segurança. O fogo é assim o centro de um mundo que acaba nos limites entre o seu círculo e o *exterior*. O fogo é ainda o fenómeno mágico de contemplação hipnótica, criador de sombras, luz e movimento, um foco cénico para a partilha, de histórias e companhia. A lareira é o centro da partilha social, tal como da contemplação introspectiva. O fogo é um centro no abrigo e mais tarde a lareira na habitação.

A mesa é igualmente um centro de comunhão, partilha, alimento e de comunicação. “The evening lamp on the family table is also the center of a world. In fact, the lamp-lighted table is a little world in itself¹⁷”. A mesa é o centro da subsistência da vida, onde se pousam e consomem os frutos da terra e do trabalho. “At the table men come together, it is the *centre*, which more than anything else constitutes the inside.¹⁸” No seu centro se reúne o que é recolhido da terra, para a reunião na alimentação e na partilha, o pão e o vinho na mesa. “But nature also has another side: it offers the grace of growth and blossom. In the image of the ‘golden’ tree, earth and sky are unified to become *a world*. Through man’s labour this world is

¹⁶ “(...) never before have been individual stories been so explicitly affected by collective history, but never before, either, have the reference points for collective identification been so unstable. The individual production of meaning is more necessary than ever.”

Augé, Marc - *Non-Places - Introduction to an anthropology of Supermodernity*, pág. 36.

¹⁷ Bachelard, Gaston - *The Poetics of Space*, pág. 171.

¹⁸ Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, pág. 9. A partir de um poema de Georg Trakl (*A Winter Evening*) reproduzido anteriormente por Heidegger em *Building Dwelling Thinking*, em que Norberg-Schulz baseia a sua fundamentação.



6 Christian Norberg-Schulz - "*Gerüst*", Open Barn in Western Norway

7 Telheiro em Cinco Ribeiras, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira

brought inside as bread and wine, whereby the inside is ‘illuminated’, that is, becomes meaningful.¹⁹” A mesa é um centro, como o fogo e a lareira, tal como a fonte. O banho é o centro de renovação, purificação, como a nascente e o ribeiro do abrigo. A renovação e a limpeza, a passagem da água e o seu som corrente no centro de pátios e claustros, peristilos e entradas de locais sagrados.

A cama é um centro e uma fronteira, entre o mundo acordado e o sonho, a morte diária do sono, nos limites do espaço, onde se repousa, sonha e cria. A cama, no quarto, é o centro da intimidade e da vulnerabilidade do sono. É também o centro da criação, onde a vida se ensaia e se pondera, se sonha e se gera. Os espaços de passagem e transição são os caminhos, a transição entre planos da verticalidade das escadas e horizontalidade das passagens, as fronteiras e as ascensões e descidas interiores, as soleiras e os corredores, além dos cantos, as gavetas onde se arruma a vida. Os vãos e as janelas são a comunicação e convite ao exterior, a entrada permitida do mundo no seu interior.

Um abrigo pode ser uma habitação, uma casa, um lar, onde se habita, mora e vive. As diferenças prendem-se com a identificação, como centro da vida e investimento de significado como tal e, além de questões existenciais, a economia, circunstâncias e possibilidades que as igualem e permitam. Deste modo, um lar pode ser a caverna, uma tenda, um barraco, um solar ou um palheiro.

Um lar pode ser uma memória, um lugar onde se viveu e se queria voltar, que se procura continuamente na recriação desse momento, ou se anseia por já não poder voltar. Pode ser um lugar de memórias, felizes ou não, partilhadas ou solitárias. Uma casa pode ser um lar que só se sabe depois de perdido. Assim, o lar é um eterno retorno ao primeiro lar, uma recriação do mundo, de um mundo como o primeiro abrigo.

A casa é um arquétipo de abrigo, um centro do mundo com centros em si, a fogueira, a mesa, com centros e limiares, como o banho e a cama, planos e transições. A casa é o mundo mais próximo que se cria, que se possui fora do corpo. Um abrigo pode ser efêmero, temporário ou permanente: o efêmero permite habitar, o temporário morar e o permanente viver, um lar. Um lar é uma casa com significado, que faz parte da vida, que cuida e é cuidado, o seu centro entre a saída para o mundo.

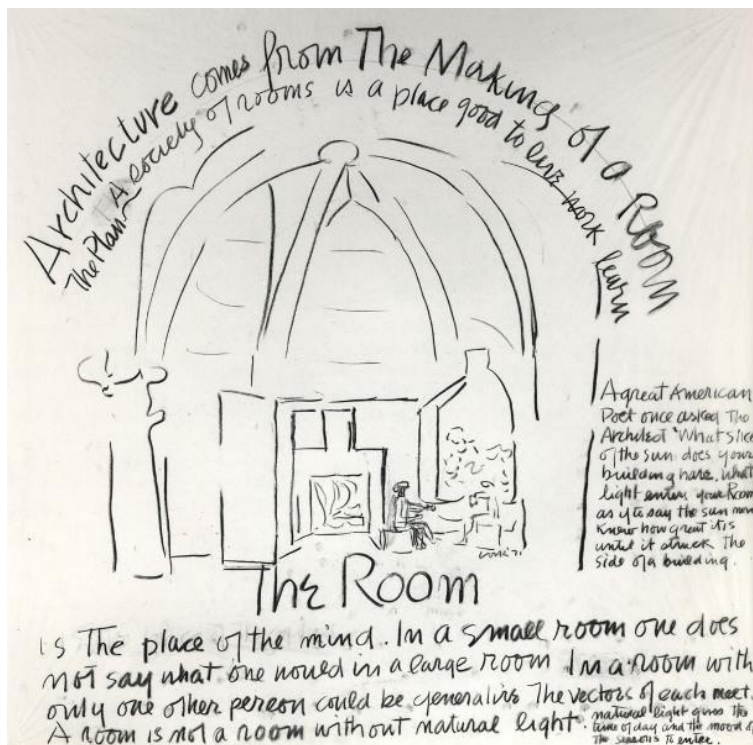
Aconchego

A casa essencial, mínima, contida, é o sonho íntimo do arquitecto, além de monumentos e instituições do homem. O aconchego da matéria próxima da pele, os limites e os centros definidos, a ordem ao alcance da mão, um lugar seguro sem divisões impessoais, uma segunda pele, um pequeno espaço, um enrolar sobre si mesmo.

O arquitecto que cria máquinas de habitar e cidades radiantes cria para si um barraco, volta a um *cabanon*, o mesmo que cria edifícios monumentais, óperas de geometrias petalares, constrói para si ruínas arcaicas de pedra, a cabana é sempre um sonho e um tema do arquitecto, tanto como da arquitectura.

O arquitecto sonha com o abrigo, porque lhe está impresso no âmago, como a qualquer ser. “But in most hut dreams we hope to live elsewhere, far from the over-crowded house, far from city cares. We flee in thought in search of a real refuge. (...) the hut appears to be the tap-root of the function of inhabiting. It is the simplest of human plants, the one that needs no ramifications in order to exist. Indeed, it is so simple that it no longer belongs to our memories-which at times are too full of imagery-but to legend; it is a center of legend.

¹⁹ Norberg-Schulz, Christian - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*, pág. 9.



8 Louis Kahn - *The Room*, 1971

When we are lost in darkness and see a distant glimmer of light, who does not dream of a thatched cottage or, to go more deeply still into legend, of a hermit's hut?" (Bachelard, pág. 31. 1994)

Em criança brinca-se às casas, às cabanas, lugares secretos, em cantos e na natureza. O arquitecto tem, como qualquer pessoa, impresso em si o desejo íntimo de fazer a cabana ideal, voltar ao abrigo inicial, um espaço geométrico físico e psíquico, emocional e existencial. O ser humano pouco deixou de ser primitivo, apenas apurou a sua técnica, a reunião de informação e a sua história e, um pouco e por vezes, a sua moral. "We have also reason to believe that the imagined four posts on which the sky rests are a derivation from an archetypal building with a flat ceiling and a column at each corner. The understanding of the natural environment therefore does not necessarily precede building. The very act of building may become a means to this understanding, and the house may act as a 'model' for the cosmic image, at last if a structural similarity is present. We thus realize the fundamental importance of architecture as a means to give man an existential foothold." (Norberg-Schulz, pág. 52. 1979)

Os seus abrigos, as suas casas, os edifícios influenciam-nos tanto como são obra humana, numa interacção completa entre o ser e o meio. São uma expressão física de uma ordem que se encontra em si e na natureza.



O Lugar

Organização

Na continuação do plano da quinta, o seu terreno é dividido por áreas, zonas e sectores, pelo seu grau de abrangência, estatuto de uso e ocupação, ao longo do sentido descendente do terreno, quer do declive, como do curso da ribeira. A construção, tal como a sua manutenção, devem ter em conta a economia e o baixo impacto, ou sustentabilidade.

A quinta é assim dividida por áreas de ocupação, ou seja, dividida pelo tipo de uso e relação com o terreno e com a terra, correspondentes à relação com a Serra e com a montanha, ou com o mundo, e o motivo de estar neste lugar. Permitindo uma reunião de actividades, pode conjugar o erudito com o popular, razão e emoção, agricultura e cultura.

Assim, divide-se respectivamente em área de ocupação pontual, temporária e permanente, além da área geral de acessos, que possibilite a incursão pedonal, de veículos e alfaías agrícolas e a circulação, nomeadamente junto à via pública. Nomeia-se pontual, como ponto de passagem e vivência efémera, temporária como local de estadia ou residência limitada no tempo, e permanente como lugar de habitação e vivência estabelecida ou familiar.

Pontual

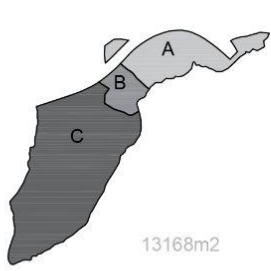
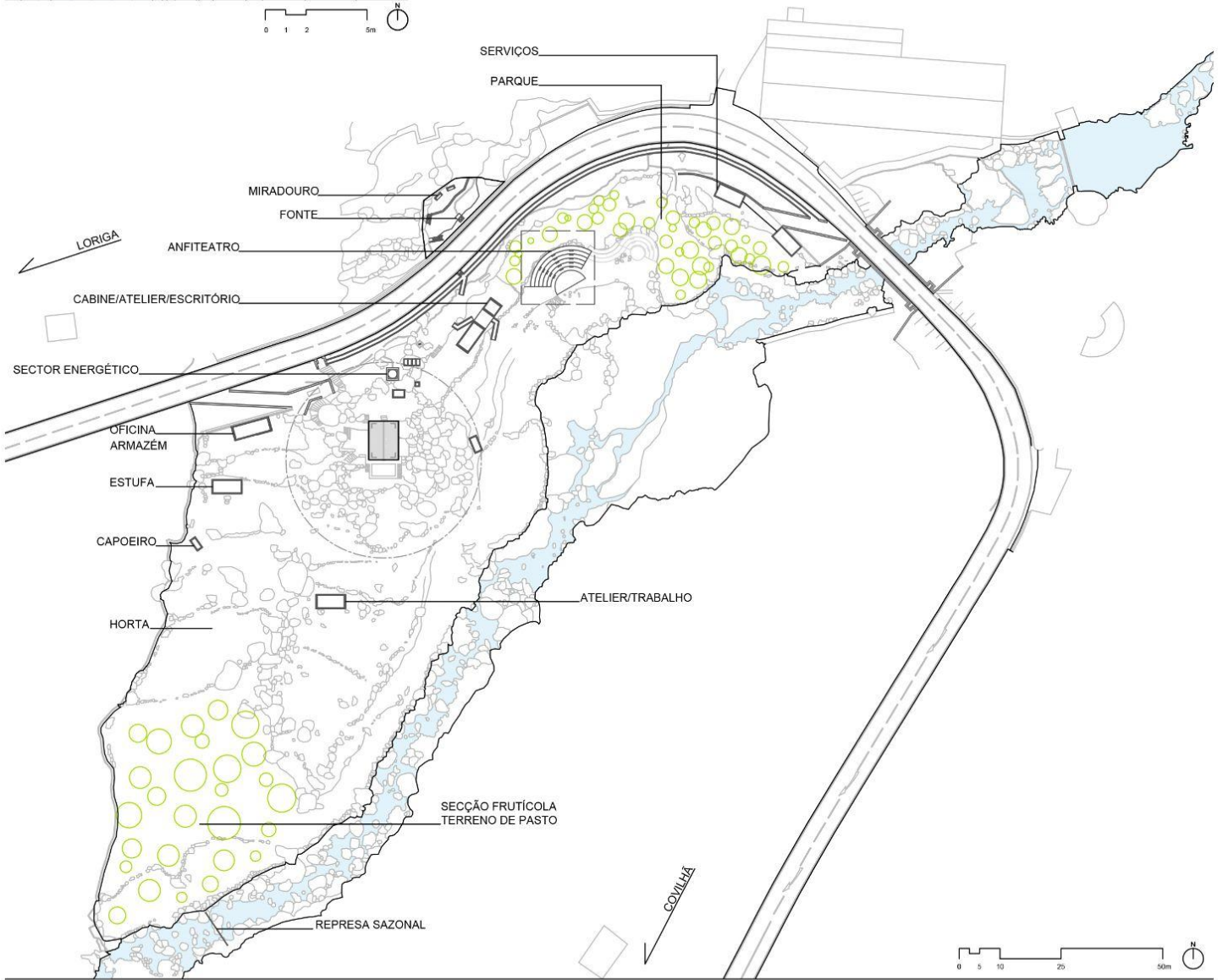
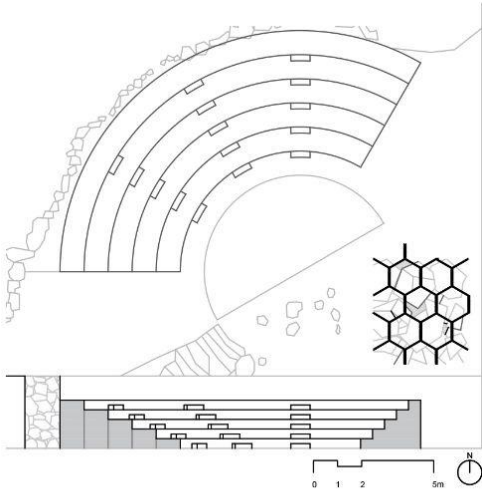
Deste modo, a área pontual ou de trânsito, logo de uso efémero, tem carácter de pendor público, de uso partilhado e colectivo, de relação de passagem pelo local, ou seja, de um contacto transitório. O seu parque, o espaço principal, em conjunto com o pequeno anfiteatro, podem ser convertidos ou funcionar como espaço de campismo, quer anual como sazonal, ou convertido pontualmente para esses e outros fins, adaptando-se a vários cenários de ocupação.

Com estas características, apela a um público de visita, a uma estadia precária ou provisória, turismo de campo, campismo, visitas de estudo e grupos ou instituições de exploração, expedição e recreação. Com o anfiteatro, pode apelar a grupos de teatro e etnologia, como por exemplo o GEFAC¹ de Coimbra, que aqui queiram fazer um campo de ensaio ocasional, por exemplo. Pode funcionar como base dos percursos de montanha, viagem de aventura, base para a prática de *rapel* e escalada no vale, estudos geológicos, escutismo ou mesmo participantes em eventos culturais pontuais.

Muitos dos principais eventos culturais, especialmente de música, começaram em quintas e ainda hoje vários festivais têm como configuração anfiteatros naturais em zonas rurais. Este local poderia permitir esse tipo de eventos pontuais, de música e teatro, em pequena escala. Neste sentido, esta é uma faceta da montanha, lúdica e alegórica, através do potencial do anfiteatro, de sentido popular ou erudito, aventura e emoção, de sentido físico e contacto sensorial, ou a montanha *dionisiaca*.

O anfiteatro é aqui a construção de maior relevância, pelo seu tipo, o centro anímico desta área. A sua existência deve-se não só, ou principalmente ao seu destino, mas antes disso, a uma função estrutural, ao nascer da necessidade de contenção de muros, que, no local da implantação e adiante, se

¹ O Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, como exemplo de grupo performativo de carácter itinerante.



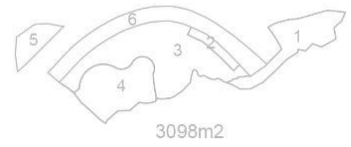
A - ÁREA DE OCUPAÇÃO PONTUAL
B - ÁREA DE OCUPAÇÃO TEMPORÁRIA
C - ÁREA DE OCUPAÇÃO PERMANENTE



C
1 ZONA DE HABITAÇÃO
2 ZONA AGRÍCOLA
3 ZONA DE TRABALHO
4 ARMAZENAMENTO
5 ZONA ENERGÉTICA
6 ACESSOS



B
1 ZONA DE HABITAÇÃO
2 ZONA DE TRABALHO
3 ZONA LIVRE
4 ACESSOS



A
1 ZONA (ACESSO) BALNEAR
2 ZONA LOGÍSTICA
3 ZONA DO PARQUE
4 ZONA PERFORMATIVA/RECREATIVA
5 ZONA DE USO PÚBLICO
6 ACESSOS

encontram progressivamente deitados abaixo pela erosão². A pré existência, o muro, já é em si arqueado e o terreno tem algum declive. Entretanto uma parte ruiu.

A sua reconstrução é uma necessidade primária, e aproveitando a construção dos taludes de sustentação dos acessos rodoviários à quinta, com técnicas de gabião, terra armada outra, para em conjunto reabilitar estes muros, permitem ir além da construção estrutural e criar uma forma que sirva essa função física e adicionar uma função cultural, um uso além da função. Além disto, o lugar parece pedir esta construção, um acompanhamento recente dos socalcos arcaicos e das escadarias tectónicas. Assim, o anfiteatro surge como uma reunião de factores. E, se não for usado, a vegetação encarregar-se-á de o ocupar.

Esta área é constituída assim pelo parque arborizado, com árvores de fruto e outras, pequenas construções de serviço que possam acomodar cozinha ou grelha e casas de banho (abastecidos pela água do terreno e com coberturas de aquecimento solar e alimentação por energia fotovoltaica), um pequeno anfiteatro que serve também como local de reunião, recreio, descanso, desporto ou actividades performativas. Além disto, tem acesso balnear ao curso da ribeira, mesmo antes da cascata, e acesso directo à praia fluvial, com passagem por baixo da ponte (acampando aqui, torna-se literalmente *viver debaixo da ponte*). O parque, se e quando convertido em espaço de campismo, pode ter as suas árvores a funcionar como *centros* de campo, ou seja, árvores como lugar central para montagem das tendas dos viajantes, sendo a árvore o marco, referência de cada posição de estabelecimento.

Além deste espaço, faz parte ainda desta configuração o pequeno terreno, junto e acima da estrada, que contém uma fonte de nascente e pode ser convertido em miradouro sobre o vale, a quinta e a cascata, ao estar elevado sobre estes. O seu uso será igualmente público e visitável, com a fonte próxima da linha da via.

Assim, a área pontual é composta pela zona do parque (ou campismo), a zona performativa e lúdica, a zona logística, a zona (de acesso) balnear e ainda a zona pública de miradouro e fontanário.

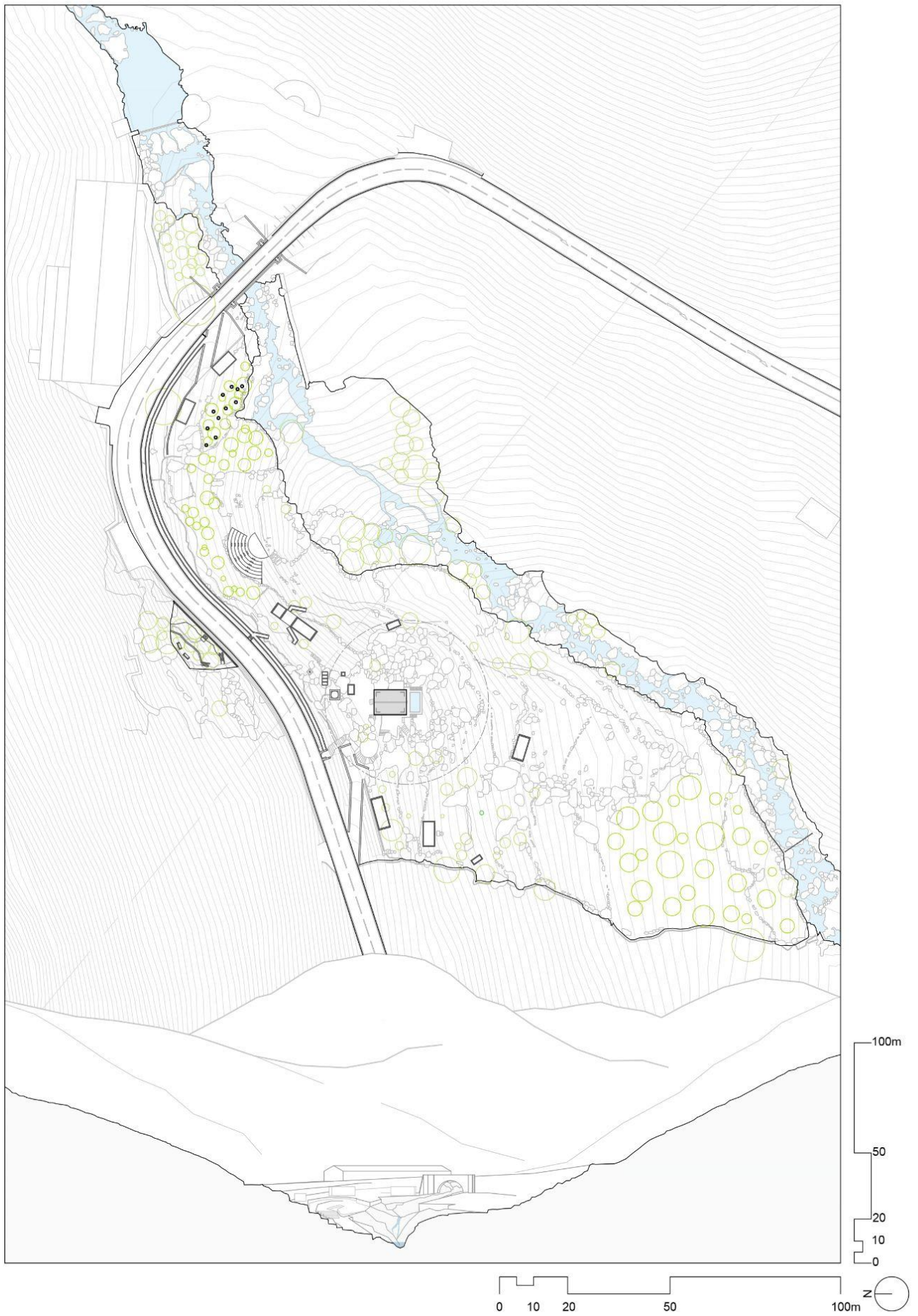
Temporária

A área temporária corresponde a uma habitação de uso ocasional, como um *chalet* ou cabine de montanha, para uso temporário, de férias ou em trabalho. Pode ser usada mesmo regularmente. Tem uma relação diferente, mais privada com o lugar, seja para uso de férias ou em trabalho remoto, podendo ser usada como residência artística por contratos institucionais ou particulares, no sentido de funcionar como retiro artístico. Assim, tem uma relação com o local de pendor romântico ou romantizado, de relação de usufruto contemplativo do sítio, quer em lazer, como em trabalho.

Desta forma, tem um sentido de turismo ou trabalho de aspecto cultural, intelectual ou mental. É a visão *apolínea* da montanha, de relação essencialmente cultural com a montanha, apelativa a um turismo ou residência temporária de procura da montanha pelo seu apelo estimulante de retiro, de montanha como paisagem, como local *outro* que o urbano.

² Lourenço, Luciano et. al. - *Projecto Terrisc, Recuperação do Património e da Paisagem de Socalcos em Lugares das Serras do Açor e Estrela*, Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lousã, 2006.

O problema do aluimento de socalcos é uma questão com impacto local, sobretudo com o abandono das quintas. Este assunto tem já sido estudado institucionalmente, podendo dar-se o exemplo do projecto Terrisc, da Universidade de Coimbra.



2 Composição

Esta área é constituída pelas zonas de habitação, com a residência; de trabalho, com o atelier ou escritório; e a zona livre, o espaço na quinta de descanso ou passeio. Inclui igualmente, na zona de acesso, passagem ao miradouro acima desta, além de estar próxima do anfiteatro.

Permanente

A área permanente pretende constituir uma morada, uma habitação efectiva, ou pelo menos regular, de uso estabelecido na quinta. Funciona como um modelo de minifúndio de baixa manutenção doméstica e agrícola e como núcleo principal de funcionamento da quinta.

Na sua configuração, envolve a zona de habitação, num círculo próximo, zona agrícola (que é, no fundo, um sistema energético alimentar), dividida em sectores como hortícola, frutícola, terreno de pasto e vinha, estufa, fungário, aviário ou galinheiro e ainda represa sazonal para pequeno viveiro de truticultura. Inclui uma zona de trabalho, com escritório ou atelier independente da habitação e ainda diferentes zonas de armazenamento, como central eléctrica, oficina de ferramentaria mecânica e armazém, depósito de lenhas, armazém agrícola, compostagem e adubagem, tratamento doméstico de resíduos, e ainda armazenamento hídrico, com cisterna e tanque, que também pode funcionar como piscina e finalmente as suas estruturas energéticas, como hélice eólica, possivelmente aproveitando a estrutura da rede eléctrica para inclusão de uma turbina vertical, solar, com painéis fotovoltaicos, térmica, com aquecimento solar e pelo fogo, e hídrica, com aproveitamento das levadas e do declive para uso de turbina micro-hidroeléctrica.

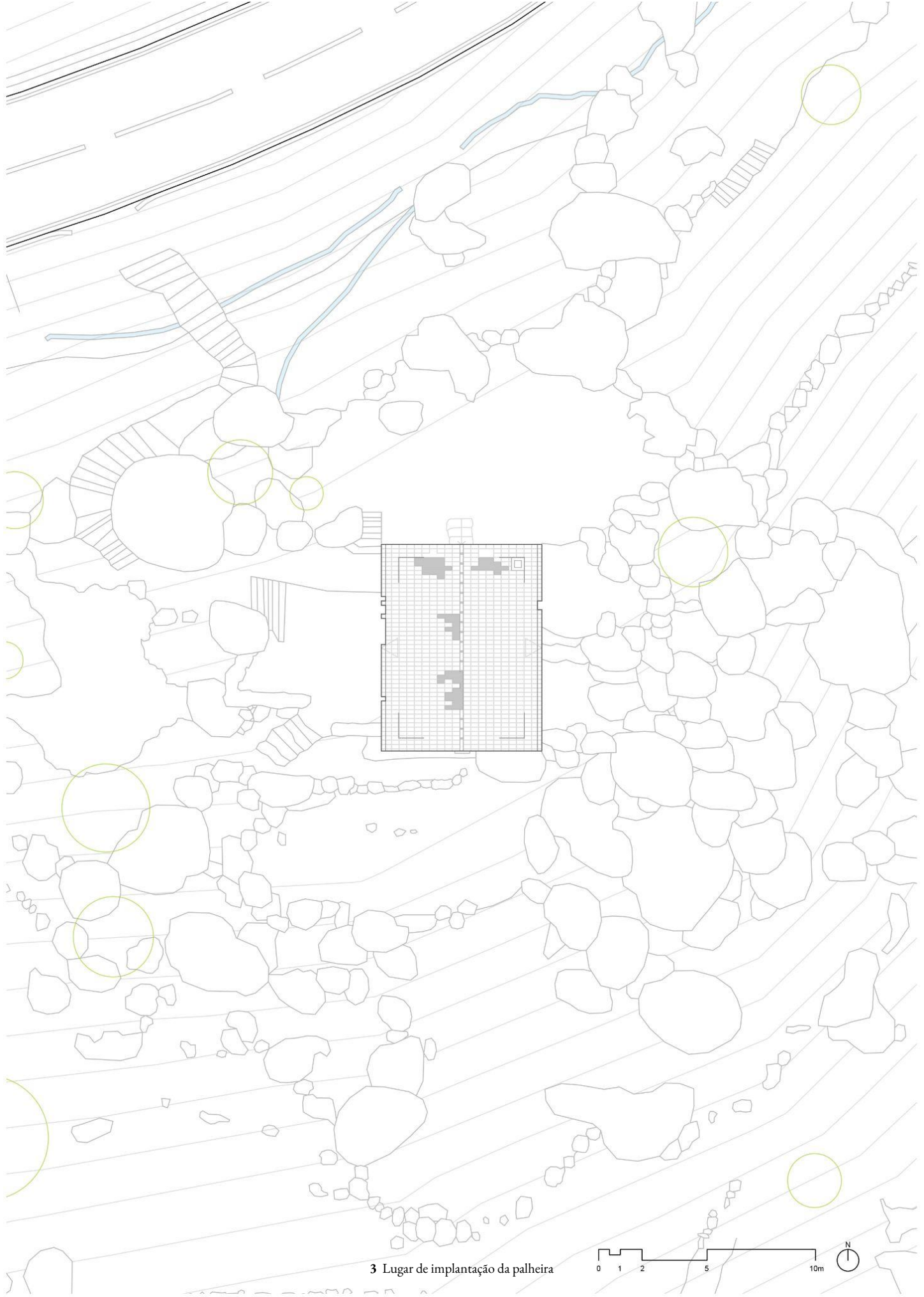
Estas estruturas devem ser implementadas e optimizadas progressivamente, tal como o funcionamento geral da quinta, de modo a adequar e ir adaptando soluções às variáveis e dinâmicas ao longo do tempo.

Palheira

À entrada da quinta, a partir da EN231, o edifício avista-se de cima. Daqui, surge o telhado de duas águas e o alçado Norte, com a entrada para o piso superior, alinhada com a cumeeira da cobertura.

Acedido por uma escadaria a partir da estrada, o edifício encontra-se alguns metros abaixo desta, de onde se prolonga a vista descendente sobre a quinta. Esta é a entrada tanto para a palheira, como para a quinta. A vista geral destaca as eiras e pátios, as escadas exteriores, o telhado, as paredes graníticas, os penedos circundantes, os socalcos, as árvores e a verdura do terreno, apenas rasgada pela cascata da ribeira, entre rebolas e fragas amaciadas e cinzentas.

A configuração deste lugar mantém comuns alguns aspectos da tipologia local, embora com algumas variações evidentes, como a verticalidade da composição em três pisos, assente sobre um círculo amontoado de pedras. “O largo emprego da pedra (...); as casas de planta regular, embora sem grande regularidade, dominando as de dois pisos, o primeiro destinado aos animais e às alfaías, prolongado em «eidos» e quintais, e o segundo à habitação; as escadas exteriores, de pedra (...); os telhados de telha solta de canudo, ou de placas de xisto (...) e os interiores escuros e desconfortáveis, em geral com uma sala comum, onde se cozinha no chão, e algumas alcôvas diminutas e sem janelas; eis os aspectos salientes da Arquitectura, em quase todo o território das Beiras, Alta e Baixa.” (Keil do Amaral *et al.*, págs. 27, 28. 1988) Analisa-se a consciência e a construção do lugar onde assenta a casa da quinta, a sua implantação, como pré-existência que há muito ocupou o seu lugar.



3 Lugar de implantação da palheira



Sítio

O sítio da palheira é ponto fulcral da quinta, em comunicação com os caminhos da água, da estrada e do terreno. É o portal de entrada para o edifício e para a terra, no topo Norte da quinta e no seu limite superior, a estrada.

O edifício situa-se numa posição dominante sobre os socalcos abaixo, encimando a terra como uma torre sobre o seu território. É a estrutura mestra da quinta, a única de habitar, ladeada por penedos redondos de onde se eleva, que destacam a sua regularidade geométrica, apesar de todos parecerem criados de uma só assentada. A sua posição no vale lembra um lugar no anfiteatro, com o avanço do edifício sobre os socalcos no terreno.

Actualmente, esta composição encontra-se em progressiva ruína, que a vegetação vai cobrindo de volta, devido ao abandono do local. Apesar disso, mantém um aspecto resistente, de vontade em continuar erguido. Tudo na configuração do local parece uma ruína arcaica, embora de uso recente, como uma pequena ermida, um templo doméstico ainda não esquecido.

O aproveitamento da disposição natural dos elementos confere uma implantação orgânica, quase espontânea, eficaz e sem esforço, contrastando com o peso granítico. “Cada um foi erguendo a sua casa onde e conforme pôde (...). Adaptando os edifícios e os pequenos espaços livres adjacentes e murados ao parcelamento dos terrenos e à sua configuração e acidentes naturais;³”

Consciência

A envolvente parece uma empreitada conjunta entre a natureza e o homem para organizar o declive e o espaço. “É para facilitar as tarefas agrícolas, ou tendo em conta necessidades relacionadas com a agricultura, que se organizam os espaços internos das habitações e aqueles que constituem o seu prolongamento natural para o exterior. Metade da superfície coberta, ou mais ainda, destina-se aos animais domésticos - que fabricam o estrume indispensável à fertilização das terras -, às alfaias, às arrecadações de palha para o gado comer e dos géneros alimentícios que a terra produz. Nas próprias dependências destinadas à acomodação da família rural não é raro que os produtos da terra ocupem sectores importantes do sobrado, das varandas, dos tectos sobranceiros ao chão de pedra onde se acende o lume e encham algumas das arcas de madeira, que constituem o essencial do mobiliário beirão das casas modestas. Em torno dessas casas, nos eidos murados, circula a criação e amontoa-se o mato para as camas do gado; o mato para curtir e regressar à terra enriquecido, apto para dar vigor às sementes ou às plantas. Atrás da casa - ou de algumas casas menos pobres, para evitar generalizações inconvenientes - fica o quintal, com uma pequena horta, às vezes alguns cordões de vinha, ou umas tantas oliveiras (...).⁴”

À pendência natural, acrescentam-se suaves socalcos que atenuam a inclinação. Com a aproximação à habitação, esta parece avançar longitudinalmente sobre o declive, com os seus três pisos a acompanhar o terreno, em escada. O espaço é ocupado tirando proveito das configurações naturais do local. A economia do discurso construtivo neste lugar é evidente. “*Poupam-se* paredes ou até um telhado, encostando a casa aos fraguedos naturais, e poupa-se espaço, construído, aproveitando todos os recantos sob as escadas exteriores e outros (...).⁵”

³ Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitetura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 18.

⁴ Id., *Ibid.*, 3 - «Os porquês», pág. 57.

⁵ Id., *Ibid.*, 3 - «Os porquês», pág. 79.



4 Vista da entrada para a quinta e o edifício

Entre o edifício e a estrada, em paralelo a esta, corre uma *levada*, um rego largo com corrente constante. Pequenos regos de irrigação correm em direcção aos campos inferiores. A palheira é assim envolvida por penedos, empilhados proeminentemente a Nascente e Poente desta e que delimitam a quinta, levadas de água, videiras, árvores de frutos de época, de Outono e Primavera, como o castanheiro e a cerejeira, socalcos e terra, coberta de verdura rasteira.

O som da água próxima, tal como o da ribeira, é constante e o vento costuma correr através do vale. No inverno, a força da água a galgar a cascata é impressionante. A sua orientação oferece uma generosa exposição solar e uma vista graciosa e desimpedida. A implantação deste edifício na quinta é vantajosa para o proveito dos seus recursos. A localização, perto de nascentes e vias de trânsito, no alto do seu terreno, é igualmente favorável.

O pátio da loja (os *planquins*), a eira, todos são organizados para otimizar o espaço ao redor da palheira, para as lides agrícolas. A proximidade à habitação alia-se à oportunidade que o terreno vai oferecendo. “Em pequenos pátios, ou «eidos», que prolongam as «lojas» do rés-do-chão, espalha-se a criação e fazem-se as estrumeiras - elementos essenciais da economia regional. O tojo e a palha das camas do gado ficam ali a acabar de curtir, até ingressarem na terra para darem viço às batatas, ao milho e às couves, que constituem, com a sardinha e o vinho, a base da alimentação em extensas áreas da Beira.”⁶

Construção

O granito é a matéria dominante no terreno, quer natural como construído. “Mas não é só em paredes que se usa o granito. Nas escadas exteriores - tão vulgares na região (...) na pavimentação das ruas, dos pátios e das dependências de muitas habitações humildes, sem falar nos muros que delimitam as propriedades, tem essa pedra nobre, abundante, dócil e económica, um emprego tão generalizado, tão corrente e de tão antiga tradição, que não se compreende bem a Beira Central sem a sua presença dominante, nas obras dos homens que ali viveram e vivem.”⁷ Escadas em blocos que partem da estrada acompanham o terreno e os socalcos, contornando as pedras que surgem em redor da habitação e chegam às entradas do edifício.

Poucas centenas de metros abaixo do vale, este tipo de palheiras é já construído em xisto, na transição geológica da montanha. “Igualmente as casas, os muros que separam e aguentam as leiras, as palheiras do gado, que em grande número salpicam as encostas e os fundos numa réplica ao povoamento humano, nos falam de uma ou outra rocha. No contacto, as construções são de granito e xisto mas, muito perto, uma casa ou uma palheira mostram um só material; os muros dos socalcos passam frequentemente de um a outro. Respostas espontâneas às condições do ambiente, sem esforços inúteis... quando nada de vantajoso haveria em contrariá-las!”⁸ Os socalcos contêm escadarias de acesso e existem caminhos em declive e rampa, esbatidos por entre a quinta.

Deste modo, do asfalto da EN231, pisa-se o granito da escadaria, que passa pela terra ervada e por vezes alagada pelo transbordo da água em excesso nas levadas, dos caminhos da quinta, por pequenas pontes de pedra que cobrem os cursos de água. Realça-se a água abundante e corrente, o granito construído e natural, a terra e a vegetação, estruturas em madeira e o uso pontual do metal.

Além da composição natural, este sítio é construído por levadas, socalcos, o edifício, muros e escadas. Algumas cancelas de metal ou madeira sobrevivem ainda na imposição dos seus limites. Estas são as construções humanas que acompanham o local.

⁶ Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 16.

⁷ Id., *Ibid.*, 3 - «Os porquês», pág. 65.

⁸ Cavaco, Carminda e Marques, Isabel - *Os Vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela, Estudo de Geografia Humana*, pág. 191. Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia (Artigo), Vol. 1, nº 2, Lisboa, 1966.



5 Penedos empilhados em volta do lugar da palheira

6 Pátio da *loja*, no piso térreo

7 Escadaria de acesso

Saída

Este sítio tem algum potencial de transformação, mantendo o seu carácter intacto, com a caracterização e requalificação dos seus espaços, em continuidade com a sua essência e funcionamento originais. Não precisa de grandes acrescentos, bastando requalificar o existente, que parece não poder ter sido criado de outra forma. É necessário apenas ser adaptado aos usos e necessidades actuais.

Faz parte da sua envolvente, numa continuidade de linguagem com o local, de forma natural, como se a construção seguisse o instinto, numa naturalidade empírica e honesta. Os recursos próximos são abundantes e merecem ser eficazmente aproveitados, tal como o foram desde sempre. Funcionando em unidade com a quinta, o seu edifício primário deve ser igualmente reactivado em economia e com espaço para alterações constantes, garantindo o essencial da habitabilidade com os requisitos actuais. Não se coloca em causa a necessidade de preservação absoluta, é necessário respeitar a pré-existência, embora sem entrar em pureza conservacionista de edifícios e lugares de outro estatuto histórico, que este não possui. No entanto, a intervenção essencial, mínima ou cuidada serve o propósito da economia e gestão de meios e recursos, mantendo adicionalmente um certo carácter e contenção já impressos nas pré-existências. Espera-se estudar o seu funcionamento do ponto de vista actual, a par do seu uso original, com possibilidade de adaptação, expansão e melhoramento progressivo.



8 Terreno avistado na posição superior da quinta

A Habitação

Chegada

Chegando à palheira, compreende-se de perto a sua materialidade, personalidade e essência. É apreendida a estrutura construtiva, o funcionamento da tipologia e a consciência desta implantação. O edifício fala-nos de si e da sua existência, apesar de, com a sua densidade e tímidas aberturas, lembrar uma arca que encerra o seu mundo interior.

Essência

A palheira é o centro da quinta, o eixo de organização da sua envolvente. É o corpo principal desta, apesar de se situar na sua margem a Norte, comunicando com a via enquanto avista o terreno. Lembra uma pequena montanha, quando avistada dos socalcos abaixo desta, desde o piso inferior, embicada entre os penedos redondos. Vista de cima, com a porta de entrada para o piso superior, forma a arquetípica casa de duas águas e uma chaminé, como um desenho primário.

Encontra-se em progressiva ruína desde o seu abandono, há quase uma vintena de anos. Parece aguardar um retorno. Neste estado, parece nunca ter passado de uma ruína, suspensa entre a natureza e a civilização. Embora se estime que a sua edificação tenha surgido a par dos socalcos que a rodeiam (com a expansão das culturas agrícolas, como o milho), é uma construção sem data ou época registada, parecendo ter existido desde sempre. O seu unísono com os penedos, o terreno e os socalcos confere-lhe um aspecto natural, como se a natureza tivesse usado o homem para se construir.

O edifício tem igualmente bruteza montanhosa e geometria elementar. É uma massa granítica compacta, feita de blocos de vários tamanhos, alguns indecisos entre um calhau e um paralelepípedo, que quando assentes, formam uma unidade monolítica. O edifício é um composto de rudeza e regularidade linear. É um edificado simples e honesto; firme, transmite estabilidade e peso. Como o granito, impõe gravidade e dignidade. É, paralelamente, universal e enraizado na cultura regional, primitivo e intemporal, arcaico e racional, simples, rude e regular.

Durante a infância e adolescência, visitava aqui os meus tios, emigrados em França, quando regressavam à sua quinta. Este era, aliás, o motivo principal de retorno do meu tio a Portugal. Por vezes, após passar a tarde na quinta, comia, bebia e conversava com os meus tios à lareira, batatas e o conduto, com vinho caseiro ou *panaché*.

“A lareira é o fulcro da habitação. Aí se preparam as refeições frugais, se aquecem os corpos enregelados pelo Inverno, se convive, se fuma a carne de porco e seca a lenha, ou as castanhas, nos caniços que em certas sub-regiões a encimam.”¹

A lareira era o centro humano da casa, no último piso, num canto encardido ao lado da entrada. A sua fogueira servia ao mesmo tempo como cozinha, sala e quarto (além da alcova), fonte de energia térmica e alimentar, mental e anímica. O último piso era a habitação humana, o local de recuperação e repouso (sendo o rés-do-chão a *habitação* animal e o piso intermédio a *habitação* material). A habitabilidade era primitiva, embora o conforto do fogo, a madeira, a disposição em ninho e o *encafuamento* interior transmitissem acolhimento, segurança e aconchego. O fumo tornava-

¹ Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, págs. 27, 28. 2ª Vol., 3ª Ed., Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988.



- 1 Entrada Norte, no piso superior
- 2 Elevação Nascente sem vãos
- 3 Entradas a Poente, nos pisos intermédio e inferior
- 4 Parede elevada a Sul, com janelo e respiradouro da *loja*

-se parte do ambiente, com os cheiros a madeira, queijo e refogado, apenas lembrado quando já no exterior nos acompanhava (e, a ocasiões, acompanha) fielmente. Este ambiente não era estranho, antes pelo contrário, a configuração da casa dos meus avós, onde residia, era semelhante, como se feita pelo mesmo *arquitecto*.

“As casas de dois pisos, com acesso exterior à habitação, no primeiro andar, constituem o tipo dominante. Salvo excepções, em pequenas zonas, os interiores são escuros e dum desconforto confrangedor, com mobiliário tosco e escasso. A luz entra por diminutas aberturas. Quase não existem chaminés e o fumo, que enegrece tudo, espalha-se pelas casas antes de sair pelos interstícios das telhas, das pedras e das portas. Na sala comum - com o recanto da lareira onde se cozinha no chão - e nas alcovas onde mal cabe uma cama, mas dormem várias pessoas, vive a família, quando o trabalho nos campos não exige a sua intervenção e quando a invernía impiedosa a impede de sair.²”

Pensamento

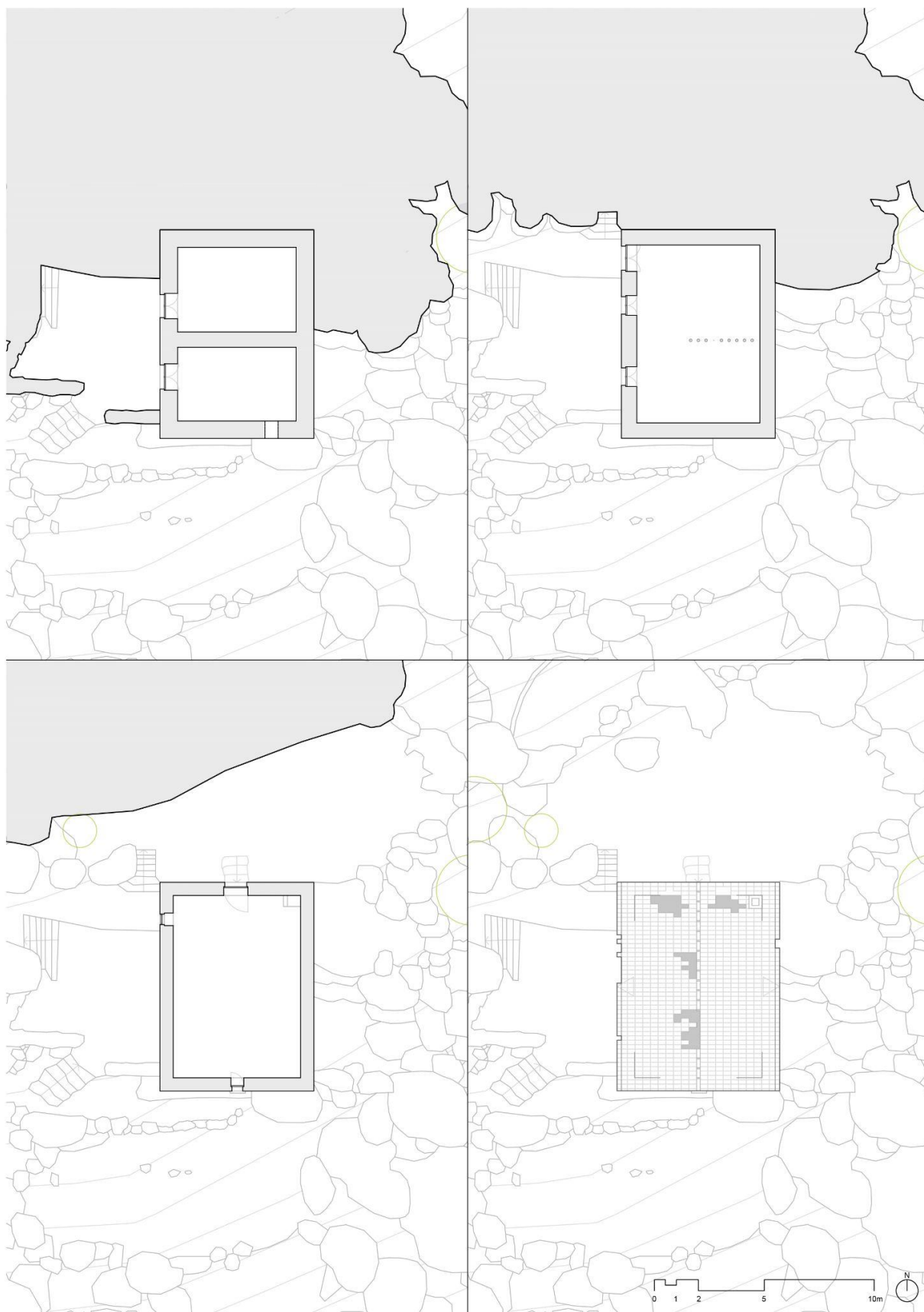
O edifício é um volume encaixado no recorte dos socalcos e do terreno, em escada. A sua planta interior é um rectângulo. A orientação longitudinal é alinhada com o eixo cardeal Norte - Sul, com os alçados de maior superfície orientados a Nascente - Poente, assim como os planos das suas duas águas. Apenas os alçados Sul e Poente contêm janelas. O alçado Sul contém uma janela no topo do piso superior e o alçado Poente dois vãos paralelos, além da entrada, no piso intermédio; abre ainda um janelo no piso superior, no canto ao lado da entrada. Nos alçados Nascente e Sul descobrem-se ainda pequenos respiradouros, no piso térreo, rasgados entre os blocos graníticos. Assim, é comedido nas aberturas ao exterior. As entradas são independentes entre pisos, com acesso exterior. Apresenta duas entradas no rés-do-chão e uma no primeiro piso, todas a Poente; e uma entrada no último piso, a Norte. Os acessos entre pisos são feitos por escadas e patamares, os chamados *planquins*.

Incomum nas construções locais deste tipo, que costumam ser de dois pisos (Keil do Amaral *et al.*, 1988), o edifício divide-se em três níveis. O nível térreo enterra-se entre o subsolo, dentro do socalco onde a casa poisa, e emerge na terra, que continua descendente ao longo da quinta. Neste piso, o solo é o seu pavimento interior, tendo sido antes coberto por mato, palha e giestas. Era e é usado apenas como abrigo de cabras e ovelhas. Aqui era o poiso dos animais, a *loja* da palheira. É a habitação animal. O calor gerado pelos seus corpos em repouso aquecia-os e transferia-se pelos pisos superiores. Antes abrigo do gado, é cavernoso e subterrâneo e a escuridão é só interrompida pelos seus portais de acesso. É dividido por uma parede em cantaria de granito, formando dois espaços idênticos, sendo a divisão Norte pouco maior. Estas divisões possuem entradas independentes. Além dos respiradouros, não contém janelas.

No exterior, forma-se um espaço poligonal murado a granito e acedido por escadas em pedra, que permitia o condicionamento e ajuntamento dos animais à entrada, além da disposição do mato. Os acessos aos pisos são exteriores, não existindo qualquer comunicação vertical interior entre eles.

O piso intermédio é acedido no patamar superior a este pátio, com uma entrada a Nascente, no final do alçado. É arejado e desimpedido, amplo para armazenamento de alfaías, feno e produtos da quinta e da casa. Possui duas janelas arejadas, de peitoril recortado e é pavimentado por ripado de madeira assente nas vigas de suporte. Corresponde à *palheira*, o armazém intermédio, entre os animais e as pessoas, guardando o sustento de ambos. É a habitação material.

² Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 1 - Panorâmica, pág. 16



- 5 Planta Piso 0, loja
- 6 Planta Piso 1, armazenamento
- 7 Planta Piso 2, habitação
- 8 Planta de cobertura

O nível superior é a habitação humana, sob a cobertura. Aqui, subindo um novo patamar no terreno, a entrada encontra-se a Norte, axial à cumeeira da cobertura. Contém um janelo a Nascente, logo à entrada, e uma janela no alçado Sul, no mesmo eixo do telhado. À esquerda da entrada, num canto, possui uma lareira, bancada e pouco mobiliário. É a habitação, o *lar* do edifício. “Mas a maioria só com meios rudimentares, que não envolvem despesas inoportáveis, se podem defender: localizam os currais dos bois sob as habitações - e os bois e o mato com que lhes fazem as camas para o curtir, aquecem-nas um tanto; acumulam palha num forro sob o telhado (...) e a palha constitui um excelente isolamento; ao cair da tarde, quando a luz se esvai e cessa o trabalho, reúnem-se em volta da lareira, enquanto cozem o caldo e as batatas, ou assam as sardinhas, com os pés e as mãos a roçar as chamas; e, mal ceiam, metem-se na cama, para não gastar lenha nem luz. Mas é o Sol - que aquece gratuitamente - o mais importante auxiliar nessa luta contra o frio.”³

A estrutura do telhado de duas águas encontra-se à vista, com uma configuração simples de vigas e caibros. Frontais de contraplacado e ripado separam o espaço em pequenas divisões; a alcova, os arrumos, queijeira e dispensa. A habitabilidade é mínima, primitiva, embora reconfortante.

“Na zona-base (...), dominam as casas de granito ou de xisto (...), com escadas exteriores (...). As dependências dividem-se quase em partes iguais e com igual desconforto entre os homens e os bichos domésticos, com as alfaias. As técnicas de construção são de grande simplicidade e tudo se reduz ao essencial. Não se vai além, com efeito, duma ou doutra disposição pouco dispendiosa, para aumentar as condições de habitabilidade. E a expressão geral dos edifícios é sóbria, rude, máscula, sem subtilezas, nem grandes voos de imaginação. Essas e outras particularidades são duma coerência fácil de apreender. Têm raízes mais ou menos profundas em características naturais e da vida da região (...). Justificam-se a partir delas, claramente, o largo emprego do granito ou do xisto, as escadas, as varandas, a presença dos animais, a generosa repartição da casa com eles, a economia dos processos de construção, o desconforto, e outros aspectos menos comuns, ou menos evidentes ao observador pouco atento.”⁴

Os três pisos levantam-se sobre o terreno com firmeza e estabilidade. O nível inferior encosta-se aos penedos que servem de fundação e à terra como se os continuasse verticalmente, numa união telúrica de continuação por meios humanos da sua forma. As fundações saem da terra e, aproveitando o que esta contém, os penedos, sem necessidade de os desviar ou retirar do seu lugar. O piso intermédio é desimpedido e arejado por dois vãos, que abrigava o que fornece tanto ao piso inferior como ao seu superior. O nível superior é o lugar habitado, dividido pela ordem doméstica, elevado ao aconchego e ao descanso.

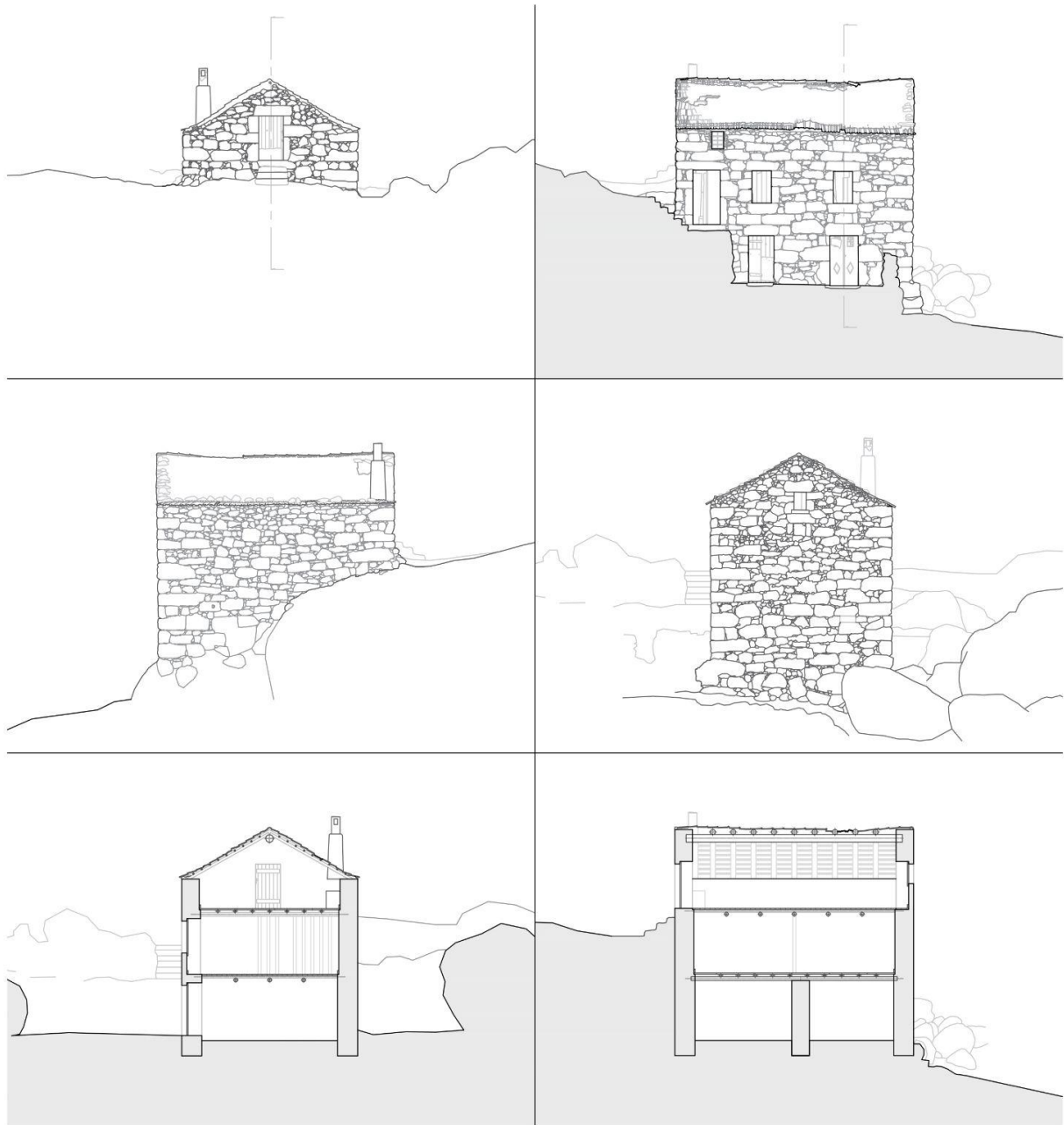
Material

A construção da palheira é feita a partir de pouco, o que a rodeia, em limitada variedade, mas generosa quantidade. Os materiais empregues são o granito, na estrutura, contrastante com a telha tijolada de marselha⁵ da cobertura, a madeira, nos pavimentos, divisórias, estrutura de cobertura, janelas envidraçadas, portas e mobiliário, metal, grades em aço e ferro fundido, e alguma argamassa, especialmente interior nas juntas entre os blocos. Com estes materiais apenas, se ergue esta obra. O assentamento da cantaria é robusto, com paredes espessas. A estrutura de cobertura, que suporta o telhado, é um sistema tradicional em madeira. Deste modo, todos os materiais comunicam entre si e encontram-se com naturalidade, ocupam o seu lugar e a sua função precisamente.

³ Keil do Amaral, Francisco *et al.* - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3 - Os «porquês», pág. 73.

⁴ Id., *Ibid.*, 2 - Zonas diferenciadas e construções típicas, pág. 25.

⁵ “Predominam na Beira as coberturas de telha de canudo, muito embora as de telha «Marselha» venham sendo cada vez mais numerosas.” Id., *Ibid.*, 3 - Os «porquês», pág. 71.



- 10** Alçado Poente
- 11** Alçado Nascente
- 12** Alçado Sul
- 13** Corte A
- 14** Corte B

“Qualquer estilo nasce do Povo e da Terra com a espontaneidade [sic.] e vida de uma flor; e Povo e Terra encontram-se presentes no estilo que crearam [sic.] com aquela ingenuidade e aquela inconsciência que caracterizam todos os actos verdadeiramente sentidos, sejam eles de um homem ou de uma comunidade, de uma vida ou de muitas gerações.”⁶

Partida

O que fica impresso na memória é a unidade do conjunto. A união de regularidade e uma naturalidade quase espontânea da criação da natureza. Todas as suas características são claras e definidas. A simplicidade é evidente, tal como a honestidade rude da composição. Fica a certeza de que se deve continuar, dialogando com a pré-existência e com o seu carácter.

“De início, e aí com o seu verdadeiro sentido, as formas arquitectónicas resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e ainda de um espírito próprio daquele que age sobre o mesmo material. Daí que em toda a boa Arquitectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.”⁷ É difícil atingir estas premissas simples, não se presume o seu alcance, mas é uma bitola que deve tentar ser, pelo menos, tida em conta.

Assim, é tentado organizar um núcleo habitacional tendo em conta estas e outras premissas, tal como a economia, a organização actual, a comunicação e igualmente a eficiência e o conforto. É procurada uma organização com os novos requisitos do programa, a par da manutenção ou intervenção mínima na sua estrutura original.

“Cada casa é, assim, o fulcro dum pequeno mundo agrícola familiar, com certa autonomia. Autonomia que nem sempre se alcança, ou melhor, que nem sempre se alcança totalmente, mas que constitui uma aspiração generalizada nestes povoados pobres, em que em terra-mãe, pouco fértil e exaurida, retribui com parcimónia os mil cuidados que exige.” (Keil do Amaral et al., pág. 57. 1988)

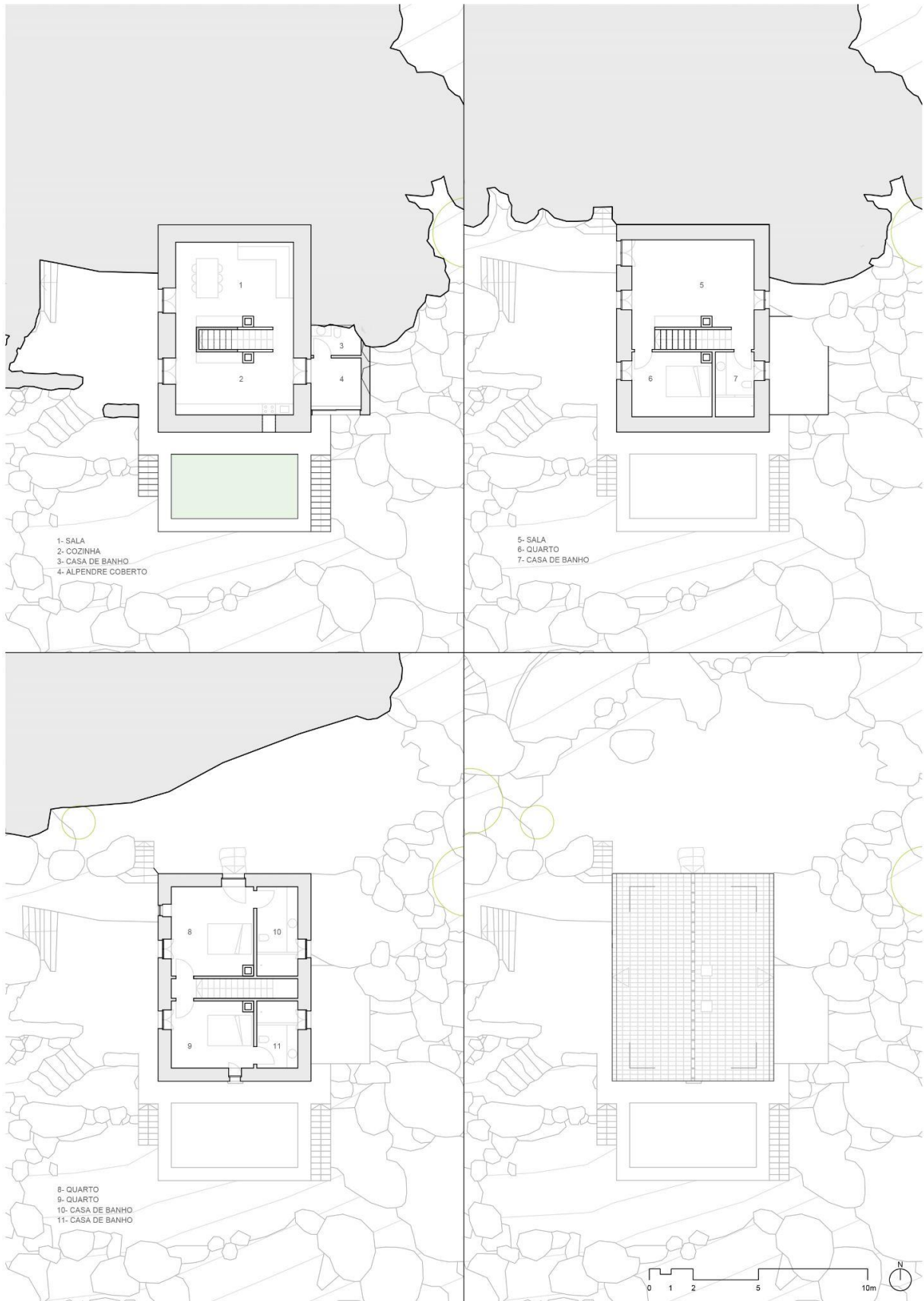
Estudo

A renovação do edifício tem carácter de reabilitação e reconversão parcial de usos, uma vez que não será mais um edifício agrícola com habitabilidade mínima, mas sim um edifício habitacional de vocação familiar em contexto minifundiário.

Será uma habitação inserida num sistema de carácter agrícola, apoiada no seu funcionamento pela quinta: no fornecimento de energia, tanto combustível, com matéria de combustão vegetal, tal como eléctrica, colhida em proximidade; alimento, com alguma produção própria de baixa manutenção, para consumo interno; e ainda os recursos, como a água e algum material de construção, com reutilização e uso do granito aqui existente em abundância. Continuará como centro da quinta, a sua residência e ainda, tal como antes, o seu corpo principal. Esta habitação deve possuir capacidade de albergar uma família, ou ainda receber convidados desta, ou, se o futuro assim o ditar, ser cedida pela família proprietária ou usada como segunda habitação regular. É por isso importante que contenha condições para permitir estes tipos de funcionamento. De qualquer modo, deve possuir os espaços necessários para uma fluida utilização nestas condições.

⁶ Távora, Fernando - *O Problema da Casa Portuguesa*, Arquitectura e Arqueologia, pág. 7. Cadernos de Arquitectura, nº 1, Ed. Manuel João Leal, Editorial Organizações, Lda., Lisboa, 1947.

⁷ Távora, Fernando - *O Problema da Casa Portuguesa*, Falsa Arquitectura, pág. 8.



15 Planta Piso 0

16 Planta Piso 1

17 Planta Piso 2

18 Planta de Cobertura

A habitação deverá possuir uma cozinha, um espaço de refeição, uma sala, lavabos comuns e três quartos que, se possível, devem conter ou ficar próximos de casas de banho. Deve ainda poder permitir arrumos e alguma capacidade de armazenamento e organização de bens.

Além destes espaços, será adicionado à sua base um tanque que funciona como depósito e simultaneamente como pequena piscina, se assim se quiser usufruir. A partir deste programa, podem ser adicionados conteúdos que contribuam para a sua qualificação, quando assim permitido.

A área total interior do edifício é de aproximadamente 136 metros quadrados, além do pátio do piso térreo, que possui aproximadamente 30 metros quadrados. Cada piso dos seus três níveis corresponde em média a 45 metros quadrados. Além destes espaços, o edifício está associado ainda a um espaço livre adjacente, com um pequeno logradouro na sua base a Nascente, entre este alçado e os penedos graníticos com aproximadamente 16 metros quadrados.

Organização

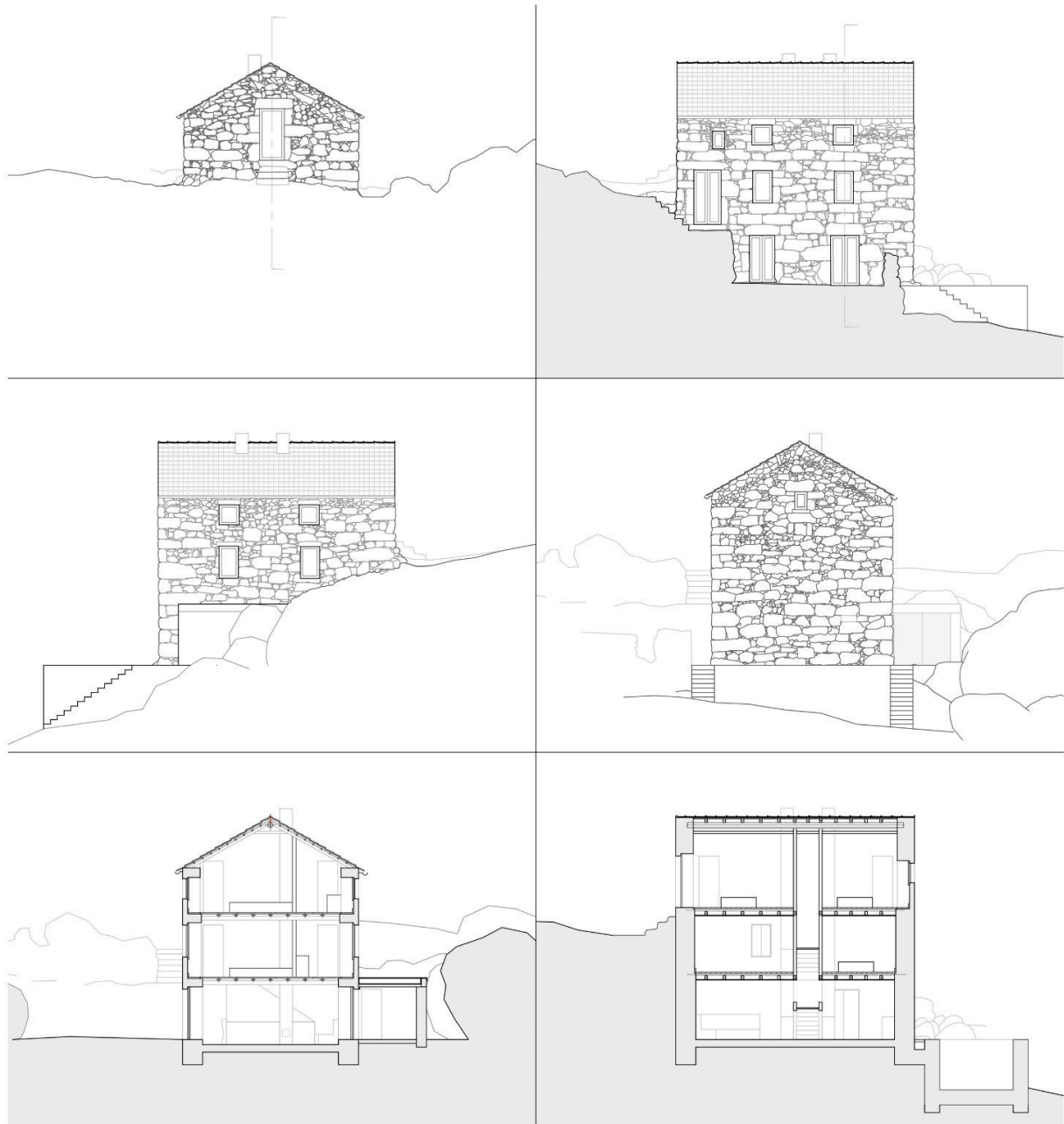
Para reabilitar este edifício é desta forma proposto um modo de actuação com intervenção essencial, tentando simultaneamente corresponder aos requisitos essenciais do seu novo uso. É assim associada a sua habitabilidade ao aspecto rural e pragmático do seu carácter.

A estrutura principal de paredes graníticas será mantida, ou alterada minimamente quando necessário, essencialmente abrindo vãos nas novas divisões. As juntas entre blocos serão vedadas a argamassa e as suas arestas e pontos lineares serão regularizados, quando demasiado crespos. A envolvente mais próxima deve ser igualmente regularizada para uma melhor utilização, optimização e leitura.

A estrutura interior será removida completamente, devido ao seu actual estado de degradação. Esta estrutura será substituída por uma outra, num sistema semelhante, embora regularizada segundo um módulo criado e dimensionado a partir das características da pré-existência. O isolamento é incluído nos interstícios desta estrutura interior. Assim, os elementos proeminentes da sua materialidade interior serão a pedra e a madeira.

Uma vez que a pré-existência não tem acessos interiores, é criada uma escadaria entre pisos como a sua peça principal de acesso, tanto funcionando como elemento de comunicação, tal como de divisão de espaços. A lareira é um elemento centralizador, cruzando-se com o elemento divisor ou de circulação. A escada e a lareira formam uma intersecção entre planos, que funciona como eixo excêntrico da casa. Esta serve a sala e igualmente a cozinha, podendo ser usada como forno. Forma um eixo com o corpo de escadas, entre estes espaços. Além disto, proporciona o aquecimento do edifício a partir do seu ponto inferior.

As casas de banho são orientadas a Nascente, tirando partido do fluxo de água do terreno e do declive, além de se posicionarem em pontos de canalização comuns. Os quartos e espaços comuns de estar são orientados a Poente, de modo a aproveitar os vãos existentes e a sua luz. A cozinha é orientada a Sul, com uma entrada no piso térreo e aproveitamento do espaço entre o edifício e os penedos a Nascente, tal como a sala, neste caso orientada a Norte. O piso intermédio conta com um quarto e uma sala secundária, tal como uma casa de banho, tendo acesso independente ao exterior. No piso superior, situam-se dois quartos com respectivas casas de banho e um deles fornece ainda acesso independente para o exterior, a partir do último patamar de implantação, a Norte.



- 19 Alçado Norte
- 20 Alçado Poente
- 21 Alçado Nascente
- 22 Alçado Sul
- 23 Corte A
- 24 Corte B

O telhado é reconstruído no sistema anterior, mantendo o tipo de telha e adicionando o isolamento, além de ser aumentado em altura, em cerca de meio metro, durante a recolocação, para maior aproveitamento do pé direito e aproveitamento da cantaria extraída do piso térreo e de outros pontos de subtração.

É ainda adicionado, no exterior, o reservatório de água e as condições para o seu acesso e possível uso como piscina. Estes elementos adicionados no exterior são construídos em cantaria de granito, na continuação da mesma linguagem do edifício, embora se realcem quanto ao estatuto de nova construção.

Finalização

Este pode ser um exemplo de reabilitação e reconversão do edifício, a partir dos pressupostos definidos. Deixa lugar a outras intervenções que possam ser necessárias ao seu redor, que acrescentem algumas características de habitabilidade na sua evolução. A partir dos materiais propostos, como a madeira, a pedra e algum aço, vidro ou argamassa, tenta manter a simplicidade, proporcionando algum conforto habitacional e aconchego em ambiente e numa pré existência rural.

Esperam usar-se as condicionantes e os limites impostos e declarados como fonte de organização. Esta pode ser uma das formas de voltar a habitar o edifício, reconstruindo de forma pragmática.

Ao longo deste trabalho, houve oportunidade de trabalhar em várias perspectivas e escalas. Desde o plano da quinta até aos equipamentos do percurso, passando pelo estudo da habitação, tal como um estudo de lugares imateriais e os seus lugares reais, as perspectivas diversas dos lugares, as várias formas de os conhecer. Ao estudar este lugar houve oportunidade de estudar diversas questões, esta é a viagem por esse processo.



CONCLUSÃO

Memória



1 Letreiro de *não venda* na palheira

Conclusão

Retrospectiva

No final, fica a retrospectiva deste estudo, onde se reflecte o caminho que este seguiu e onde a sua elaboração o levou. As premissas iniciais, as expectativas e planos do ponto de partida de um trabalho não são estáticas, deixam lugar para a sua constante reformulação e questionamento.

Ao longo deste percurso, a investigação ganha uma vida própria no seu desenvolvimento, apesar de uma estrutura inicial estabelecida, que serve como limite e guia para a natural dispersão sucedente deste processo. É valorizável esta corrente que vai desenhando o seu próprio curso, permitindo estudar matérias diversas, que acabam por se interceptar em pontos de contacto, na interligação interminável das coisas do mundo. As descobertas ao longo deste percurso são uma agradável recompensa, tal como a oportunidade de reflectir sobre estas, acabando com um pouco mais de conhecimento do que antes.

Este meio permite estudar temas interessantes que se enriquecem mutuamente no diálogo entre as partes abordadas. A informação recolhida e o conhecimento adquirido servem, em última análise, para a construção de uma visão e a aquisição de alguma cultura que permitem pensar, neste caso a arquitectura, de uma forma inclusiva em perspectivas abrangentes, na formação de uma visão do mundo e dos mundos que o compõem.

Neste sentido, fica a experiência adquirida, a informação recolhida e o conhecimento recebido e partilhado num nível pessoal e, espera-se, um pequeno contributo geral para as questões estudadas. Foi permitido pensar a arquitectura e disciplinas vizinhas, desde as suas ideias universais, numa corrente de pensamento tanto contemporânea como perene, até algumas características locais e individuais, das ideias às possibilidades de materialização. O carácter do trabalho é moldado pela incursão mais intensiva por caminhos teóricos e investigação aprofundada dos conceitos universais que são abordados.

Deste modo, o trabalho ganhou uma dimensão assumidamente teórica de reflexão a vários níveis e em diferentes dimensões. O seu caminho levou a uma investigação analítica a partir dos casos estudados, como as obras referenciadas e os conceitos abordados. Desde as perspectivas universais, filosóficas ou conceptuais, passando pela cultura e geografia regional, até à realidade local, a investigação deu lugar a uma compreensão inclusiva, entre várias escalas, matérias e sensibilidades.

Assim, ao longo deste trabalho, tentaram reunir-se vários aspectos aparentemente conflitantes ou contraditórios, mas que fazem parte de uma mesma existência comum. Nesta conjugação, tentou-se a comunicação entre o erudito e o popular, o belo e o sublime, o natural e o humano, entre outros, não só na dualidade, mas também na sua multiplicidade, tentando uma *reunião* de factores.

Partindo de questões essenciais, deu oportunidade de conhecer um pouco mais as noções de montanha, caminho e abrigo, em especial pela perspectiva arquitectónica. A montanha ganhou particular preponderância, ao ser o mundo deste trabalho e funcionar como o meio, o receptor de todas as questões desta obra, embora tendo em conta que na abordagem da montanha, pode sempre dar-se o caso de *a montanha parir um rato*¹. A montanha e os seus derivados arquitectónicos é o elemento a partir do qual se desenvolve todo o restante trabalho, através da sua ponderação do ponto de vista arquitectónico. O caminho ofereceu a oportunidade de pensar sobre a viagem e o percurso, constante dos vários planos da existência e deste trabalho. Permitiu pensar os lugares a partir da ideia de lugar, da sua forma, modo e

¹ Deixando aqui um especial apreço pelas perspectivas oferecidas pelo Prof. José Fernando Gonçalves, ao longo do trabalho.



2 Vista na quinta

essência. O caminho que o estudo tomou e os lugares por onde passou. O abrigo, especialmente em montanha, levou a uma reflexão sobre uma questão essencial da condição humana, inserido no ambiente montanhoso.

A Serra da Estrela, na materialização geográfica da montanha, foi pessoalmente estudada em novas vertentes, apesar da naturalidade do autor e sabendo que *santos da casa não fazem milagres*. É deixada aqui declarada alguma parcialidade na sua caracterização, impossível de contornar pela proximidade e afecto. O vale glaciário da Garganta de Loriga, no seu seio, é a imagem que aqui (e não só) reúne os aspectos da Estrela, o seu caminho geológico e a sua formação, a sua arquitectura natural e humana. O lugar de estudo dos elementos particulares presentes na obra, na base da Garganta, é o ponto de reunião dos aspectos da serra e do seu vale.

Por fim, a quinta que se gostaria de reocupar, o trilho que pode ser um percurso e a palheira que se pode tornar numa habitação, são as *coisas* onde se acaba por reflectir *habitar*, ou existir, nestes elementos. Estes são arquétipos, tipologias que, ao estudar as suas pré-existências, se reflectem num mundo de formas, de constantes universais.

A quinta, o percurso e a habitação, inicialmente como ponto de chegada deste trabalho, acabaram por ser um ponto de partida para uma análise teórica inclusiva, num caso em que, partindo de uma propriedade rural em particular, se seguiu a oportunidade de estudar questões universais, entre planos regionais e locais nos seus intermédios. Esta análise teórica desenvolveu-se a partir de referências de estudo que se mantêm como marcos na cultura arquitectónica global, nacional e local.

A arquitectura portuguesa, na sua reflexão própria, o pensamento geográfico, antropológico e social, entre outros campos, com a sua linhagem e pensamento em contexto nacional, parecem preceder certas noções apresentadas mais tarde por teóricos internacionais, no campo da filosofia da arquitectura e da fenomenologia, embora com um certo pragmatismo e genuinidade decorrentes do tipo de investigação efectuada, fruto de uma experiência em primeira mão e estudos de campo, mais do que uma reflexão filosófica, e sem a carga ideológica ou presunção das correntes que se sucederam posteriormente na arquitectura internacional, muitas vezes confundindo identificação com identidade.

Ainda no conceito de caminho, torna-se tão ou mais preponderante a viagem em si, que o seu destino final. A viagem é a história, o destino é o seu pretexto, o lugar final deste caminho. Aqui, os princípios e os meios foram tão importantes e por vezes mais preponderantes que os fins, no sentido da sua compreensão, dos seus fundamentos. Tal como na viagem, é enriquecedora a sua travessia.

Partindo de uma propriedade agrícola minifundiária, inactiva e não cultivada, situada na base do Vale Glaciário da Garganta de Loriga, esta obra permitiu um estudo particular sobre questões abrangentes, que se podem reflectir em lugares concretos, num lugar que se acredita possuir condições para a reunião dos assuntos abordados. O local pode assim ser um ponto de partida para uma reflexão global e vice versa. No fundo, acabou por se reflectir sobre questões universais, a partir de um lugar específico. Poderia ter-se sempre aprofundado um pouco mais alguns pormenores ou questões técnicas, no entanto, com o seu rumo investigativo, prevaleceu este estudo teórico.

Apesar de sempre incompleto, este trabalho poderia e pode sempre estender-se pela natureza do seu estudo, levantando ainda algumas questões e caminhos por responder e trilhar. No final, espera-se ter contribuído para ponderar algumas questões que se mostraram pertinentes, em última análise, ao interesse individual e local, embora com perspectivas globais.



Bibliografia

- Alberti, Leon Battista** - *Da Arte Edificatória*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, Trad. Arnaldo M. Espírito Santo, Int., N., Rev. Disciplinar por Mário Krüger, Lisboa, 2011.
- Alexander, Christopher** - *The Timeless Way of Building*, Oxford University Press, N. York, 1979.
- Alighieri, Dante** - *A Divina Comédia*, Trad. José Pedro Xavier Pinheiro, Atena Editora, 1955.
- Aristóteles** - *Poética*. Pref. Maria Helena da Rocha Pereira, Trad. Ana Maria Valente, 3ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2008.
- Augé, Marc** - *Non-Places - Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. Trad. John Howe, Ed. Verso, London, 1995.
- Bachelard, Gaston** - *The Poetics of Space*, Beacon Press, Boston, 1994.
- Baudrillard, Jean** - *Simulacres et Simulation*, Éditions Galilée, Paris, 1981.
- Cavaco, Carminda e Marques, Isabel** - *Os vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela, Estudo de Geografia Humana*. Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol. 1 (nº 2), Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1966.
- de Certeau, Michel** - *The Practice of Everyday Life*, University of California Press, London, 1988.
- Daveau, Suzanne** - *A Expedição Científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, em Agosto de 1881*, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol. 16, nº 32, Lisboa, 1981.
- La Glaciation de la Serra da Estrela*. Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol. 6, nº 11, Lisboa, 1971.
- Structure et Relief de la Serra da Estrela*. Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol. 4, nº 7, Lisboa, 1969.
- Eliade, Mircea** - *Patterns In Comparative Religion*. Cleveland and New York, 1963. (a partir de N.-Schulz)
Cosmos and History, The Myth of the Eternal Return. Harper & Bros., New York, 1959.
The Sacred and the Profane, The Nature of Religion. Translated from the French by Willard R. Trask. Harvest Book Harcourt, Brace & World, Inc., New York, 1963.
- Fathy, Hassan** - *Architecture for the Poor. An Experiment in Rural Egypt*, The University of Chicago Press, London, 1976.
- Fernandes de Sá, Manuel et al.** - *Loriga, Uma Intervenção*. Seminário de Pré-Profissionalização, Estudos, Universidade do Porto - FAUP, Parque Natural da Serra da Estrela, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Porto, 1988.
- Heidegger, Martin** - *Poetry, Language, Thought*. Trad. Albert Hofstadter, Harper Perennial Modern Classics, New York, 2001.
- Jung, C. G.** - *O Homem e os seus Símbolos*. Trad. de Maria Lúcia Pinto, 5ª ed., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, orig. 1962.
- Kahn, Louis** - *Conversations with Students, White Light, Black Shadow*. 2nd. Ed., Architecture at Rice Publications, Princeton Architectural Press, Houston, 1998.
- Silence and Light*, lecture of 12 February 1969 at ETH Zurich's School of Architecture, Park Books, Zürich, 2013
- Kant, Immanuel** - *Critique of Judgement*. Trad., Intro. e Anot. por J. H. Bernard, 2ª ed. revista, Macmillan & Co., London, 1914.
- Kant, Immanuel** - *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime and Other Writings*. Ed. by Patrick Frierson and Paul Guyer, Cambridge University Press, Cambridge, 2011.
- Keil do Amaral, Francisco et al.** - *Arquitetura Popular em Portugal*. 2º Vol., 3ª Ed., Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988.
- Lautensach, Hermann** - *Estudo dos Glaciares da Serra da Estrela*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1932.
- Lawson, Bryan** - *The Language of Space*, Architectural Press, Oxford, 2001.
- van Lengen, Johan** - *Manual do Arquitecto Descalço*, Dinalivro, Lisboa, 2010
- Lethaby, William R.** - *Architecture, Mysticism and Myth*. Macmillan & Co., New York, 1892.
- Lourenço, Luciano et al.** - *Projecto Terrisic, Recuperação do Património e da Paisagem de Socalcos em Lugares das Serras do Açor e Estrela*, Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lousã, 2006.

- Mann, Thomas** - *A Montanha Mágica*. Ed. Nova Fronteira, 1980.
- Meier, C. A. et al.** - *A Testament to the Wilderness, Wilderness and Search of the Soul of Modern Man*. Daimon Verlag, Zurich, The Lapis Press, Santa Monica, 1985.
- Melville, Herman** - *Moby Dick - Or, The Whale*. Penguin Classics, New York, 2009.
- Merleau-Ponty, Maurice** - *Phenomenology of Perception*, Routledge Ed., London, 2012.
- Mollison, Bill** - *Permaculture, A Designer's Manual*, Tagari Publications, Australia, 2009.
- Moura, Maria Lúcia de Brito** - *A Epidemia do Tifo em Loriga (1927)*, Universidade Católica Portuguesa, Gestão e Desenvolvimento, 5-6, 1996.
- Nicolson, Marjorie Hope** - *Mountain Gloom and Mountain Glory, The development of the aesthetics of the Infinite*. Cornell University Press, New York, 1959.
- Nietzsche, Friedrich** - *The Birth of Tragedy and Other Writings*. Ed. Raymond Geuss, Ronald Speirs, Trad. R. Speirs, Cambridge University Press, Cambridge, U.K., 1999.
- Norberg-Schulz, Christian** - *Genius Loci - Towards a Phenomenology of Architecture*. Ed. Rizzoli, New York, 1979.
- de Oliveira, Ernesto Veiga; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim** - *Construções Primitivas em Portugal*, Etnográfica Press, Lisboa, 1988.
- Alfaia Agrícola Portuguesa*, Etnográfica Press, Lisboa, 1995.
- de Oliveira, Ernesto Veiga e Galhano, Fernando** - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Etnográfica Press, Lisboa, 2020 (orig. 1992) - <https://books.openedition.org/etnograficapress/6508>
- Pallasmaa, Juhani** - *The Eyes of the Skin. Architecture and the Senses*, Wiley Publication, UK, 2012.
- Platão** - *A República*, Intr., Trad. e Notas de Maria Helena da Rocha Pereira, 15ª Ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2017.
- Reynolds, Michael** - *Earthship*, Vols. I-III, S.D.
- Ribeiro, Aquilino** - *O Homem da Nave - Serranos, caçadores e fauna vária*. Bertrand Editora, Lisboa, 2017.
- Ribeiro, Orlando** - *Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela*. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, VII, nº 1-2, Lisboa, 1941.
- Saramago, José** - *Viagem a Portugal*. Editorial Caminho, Lisboa, 1999.
- Silva, Fábio** - *Landscape and Astronomy in Megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain Range*, Papers from the Institute of Archaeology, University College London, London, 2013.
- Taut, Bruno** - *The City Crown*, Trad. e Ed. Matthew Mindrup, Ulrike Altenmüller-Lewis, Ashgate Studies in Architecture, UK, 2015.
- Távora, Fernando** - *O problema da casa portuguesa*, Arquitectura e Arqueologia. Cadernos de Arquitectura, nº 1, Ed. Manuel João Leal, Editorial Organizações, Lda., Lisboa, 1947.
- Thoreau, Henry David** - *Walden*. Ed. por Jeffrey S. Cramer, Yale University Press, New Haven, 2004.
- Torga, Miguel** - *Portugal*. 3ª Ed., Coimbra Editora, Coimbra, 1967.
- Trigueiros, Luiz** - *Fernando Távora*. Editorial Blau, Lisboa, 1993.
- United Nations Food and Agriculture Organization (FAO-UN)** - *Mountain Farming is Family Farming*, Rome, 2013.
- Mountain Agriculture*, Bangkok, 2019.
- Vieira, Gonçalo** - *Geomorfologia dos Planaltos e Altos Vales da Serra da Estrela*. Doutoramento em Geografia Física, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.
- Vitrúvio** - *Os Dez Livros de Arquitectura*, Trad., H. Rua, Departamento de Engenharia Civil, Instituto Superior Técnico, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa, 1998.
- Zumthor, Peter** - *Thinking Architecture*, Birkhäuser Publishers for Architecture, Berlin, 1999.
- Atmospheres*, Birkhäuser Publishers for Architecture, Berlin, 2006.

Figuras

Apresentação

Capa

Fig. 1 - Logótipo da Universidade de Coimbra - 2022

Logomarca 1290

<http://www.uc.pt/identidadevisual>

Introdução

Princípios

Figs. 1, 2 - Fotografias do autor - 2020

Fig. 3 - Desenho do autor, a partir de Direcção Geral do Território - 2022

Mapa Distrital de Portugal Continental

<https://www.dgterritorio.gov.pt/>

Fig. 4 - Desenho do autor, a partir de Câmara Municipal de Seia - 2022

Meios

Fig. 1 - Desenho do autor, a partir de Google Earth - 2022

Fig. 2 - Fotografias do autor - 2022

Fig. 3 - Desenho do autor, a partir de Google Earth - 2022

Fig. 4 - Esquema de Dissertação pelo autor - 2022

Fig. 5 - Fotografia do autor - 2021

Figs. 6, 7 - Fotografias do autor - 2022

Fins

Fig. 1 - Fotografia do autor - 2022

Fig. 2 - Fotografia do autor com Fábio Lages (est. 2018) - 2021

Capítulo I

A Montanha

Fig. 1 - Imagem, Wikimedia Commons - 2021

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oluf_Olufsen_Bagge_-_Yggdrasil,_The_Mundane_Tree_1847_-_full_page.jpg

Fig. 2 - Imagem, Wikimedia Commons - 2022

Beasley, *The Dawn of Modern Geography*, 1897

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cosmas_-_firmament.jpg

Fig. 3 - Imagem, Wikimedia Commons - 2022

de La Coste-Messelière, P., *Au Musée de Delphes*, 1936

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Temenos_of_Delphi.jpg

Fig. 4 - Imagem, Wikimedia Commons - 2022

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_\(Vienna\)_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_(Vienna)_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg)

Fig. 5 - Imagem, Wikimedia Commons - 2022

The Content of Dante's Divine Comedy Described in Six Plates.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Manetti_Overview_of_Hell_1506_Cornell_CUL_PJM_1004_03.jpg

Fig. 6 - Imagem, The Met, Metropolitan Museum - 2021

<https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/39738>

Fig. 7 - Imagem, nowhereoffice Italy - 2021

<http://www.nowhereoffice.it/a-rossi-il-teatro-del-mondo/>

Fig. 8 - Imagem, Harvard Design Magazine - 2021

Diagram of a cross-section of the Earth's Crust, 1841

<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/34/latin-american-geographies-a-glance-over-an-immense-landscape>

Fig. 9 - Imagem, Trienal de Lisboa: Agricultura e Arquitectura 2019 - 2021

<https://2019.trienaldelisboa.com/actividades/visita-guiada-por-alvaro-domingues/>

Fig. 10 - Imagem editada pelo autor, Wikimedia Commons - 2021

Welter, Volker M., *Post-war CIAM, Team X, and the Influence of Patrick Geddes*, 2002

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Valley_Section,_1909.png

Fig. 11 - Imagem, Open Internet Archive - 2022

<https://archive.org/details/nouveaularoussei05laro/page/49/mode/1up?view=theater>

Fig. 12 - Imagem, Tate Modern Art Museum - 2022

<https://www.tate.org.uk/art/artworks/blake-the-ascent-of-the-mountain-of-purgatory-n03366>

Fig. 13 - Imagem, Hidden Architecture - 2022

<http://hiddenarchitecture.net/alpine-architecture/>

Fig. 14 - Imagem, Etnográfica Press, Open Edition Books - 2022

de Oliveira, Ernesto Veiga e Galhano, Fernando - *Construções Primitivas em Portugal*, 1969

<https://books.openedition.org/etnograficapress/6253>

A Estrela

Fig. 1 - Fotografia por Orlando Ribeiro em 1954 - 2022

Gentilmente cedida pela Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Figs. 2, 3, 4 - Desenhos do autor, a partir de Câmara Municipal de Seia - 2022

Fig. 5 - Fotografia por Suzanne Daveau em 1966 - 2022

Gentilmente cedida pela Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Figs. 6, 7 - Fotografias do autor - 2022

Fig. 8 - Fotografia do autor - 2016

A Quinta

Fig. 1 - Imagem em *Os Vales de Loriga e Alvoco na Serra da Estrela*, 1966 - 2021

Fig. 2 - Fotografia por Suzanne Daveau - 1967

Gentilmente cedida pela Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Fig. 3 - Fotografia por Suzanne Daveau - 1966.

Gentilmente cedida pela Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Figs. 4, 5, 6 - Fotografias do autor - 2016, 2022, 2016

Fig. 7 - Desenho do autor, a partir de Câmara Municipal de Seia - 2022

Figs. 8, 9, 10 - Desenhos do autor - 2022

Fig. 11 - Fotografia do autor - 2022

Capítulo II

O Caminho

Fig. 1 - Imagem, Wikimedia Commons - 2022

One rounded version of the ancient "Cretan" type of labyrinth, 2009

<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cretan-labyrinth-round.svg>

Fig. 2 - Imagem, Wikimedia Commons - 2022

The Golden Fleece and the Heroes who lived before Achilles

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_golden_fleece_and_the_heroes_who_lived_before_Achilles_\(1921\)_1_\(14786798643\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_golden_fleece_and_the_heroes_who_lived_before_Achilles_(1921)_1_(14786798643).jpg)

Fig. 3 - Fotografia em Museu do Prado - 2022

<https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/sisyphus/bb56eb47-052f-4e15-8e46-75a3f18b13ad>

Fig. 4 - Fotografia em Artnet - 2022

<http://www.artnet.com/artists/eduardo-chillida/bideak-NdoFELPdLMvgyFt2G3Sanw2>

Fig. 5 - Imagem, Wikimedia Commons - 2022

Raimundus Lullus, De ascensu et descensu intellectus, Valencia, 1512

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Die_Leiter_des_Auf-_und_Abstiegs.jpg

Fig. 6 - Imagem em Mathematics Magazine - 2022

Luca Pacioli, *De Divina Proportione*, 1509

<http://www.mathematicsmagazine.com/Articles/SacredGeometryPlatonicSolids.php#.YkEN3lXMLIV>

Fig. 7 - Imagem, Wikimedia Commons -2022

The three categories of cartographic symbol shapes, 2017

https://en.wikipedia.org/wiki/File:Cartographic_Symbols.jpg

Fig. 8 - Fotografia do autor - 2017

A Garganta

Fig. 1 - Fotografia do autor - 2022

Fig. 2 - Imagem em *Os Vales de Loriga e Alvoco na Serra da Estrela*, 1966 - 2020

Fig. 3 - Fotografia do autor - 2022

Fig. 4 - Desenho do autor, a partir de PDM Câmara Municipal de Seia - 2022

Fig. 5 - Desenho do autor - 2022

Fig. 6 - Fotografia do autor - 2016

O Percurso

Figs. 1, 2, 3 - Fotografias do autor - 2022

Fig. 4 - Desenho do autor, a partir de QGIS, Contour Map Creator e Google Earth - 2022

<https://contourmapcreator.ugr8.ch/>

Figs. 5, 6 - Desenhos do autor - 2022

Fig. 7 - Fotografia do autor - 2022

Capítulo III

O Abrigo

Fig. 1 - Imagem em Guggenheim Bilbao - 2022

<https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/learn/schools/teachers-guides/lo-profundo-es-el-aire-2>

Fig. 2 - Fotografia do autor - 2016

Fig. 3 - Fotografia do autor - 2022

Fig. 4 - Fotografia do autor - 2016

Fig. 5 - Imagem em Swedish National Museum - 2022

<http://collection.nationalmuseum.se/eMP/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=24211&viewType=detailView>

Fig. 6 - Imagem em *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, 1979 - 2020

Fig. 7 - Fotograma por Pedro Rocha - 2021

Fig. 8 - Imagem em University of Pennsylvania - 2022

<http://www.arthistory.upenn.edu/themakingofaroom/catalogue/4.htm>

Fig. 9 - Fotografia do autor - 2020

O Lugar

Figs. 1, 2, 3 - Desenhos do autor - 2022

Fig. 4 - Fotografia do autor - 2020

Figs. 5, 6, 7 - Fotografias do autor - 2021

Fig. 8 -Fotografia do autor - 2022

A Habitação

Fig.1, 2, 3, 4 - Fotografias do autor - 2022

Figs. 5 a 24 - Desenhos do autor - 2022

Figs. 25 a 32 - Fotografias do autor - 2022

Conclusão

Fig. 1 - Fotografia do autor - 2020

Fig. 2 - Fotografia do autor - 2022

Fig. 3 - Fotografia do autor - 2022

Encerramento

Fig. 1 - Desenho do autor - 2022

Fig. 2 - Fotografia do autor - 2020

(Endereços electrónicos acedidos pela última vez em Julho de 2022.)

Auxílios

Junta de Freguesia de Loriga por Susana Amaro e Filomena Ano Bom

Posto de Turismo de Loriga pelo Rui *Mirus* Veloso

Câmara Municipal de Seia pelo Dr. Pedro Conde, Arq.^a Lúcia Madeira, Dr. Luís Oliveira

Centro de Interpretação da Serra da Estrela pelo Sr. José Conde

Parque Natural da Serra da Estrela pela Arq.^a Ana Paz

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa pela Sra. Sandra Cristina Domingues

Biblioteca do Departamento de Arquitectura da UC pela D.^a Lurdes Eufrásio

Secretaria do Departamento de Arquitectura da UC pela D.^a Lurdes Figueiredo, Sra. Vanessa França

Apoio Tipográfico pelo Nuno Nina - *Nozzle*

Bar do Darq pelo Augusto e Andreia

Funcionários do Darq pelo Sr. Cardoso e Sras. da Limpeza

Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra pelos seus funcionários

Paços da República dos Inkas

Biblioteca Municipal de Ponta Delgada

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

Exemplos por Dominika van Eenbergen, Pedro Lopes, João Miranda e Martinho Araújo

Apoio pela Arq.^a Margarida Amaral, Arq.^o Vítor Amaral

Participação por Cláudia e Filipa Amaral, Fábio Lages

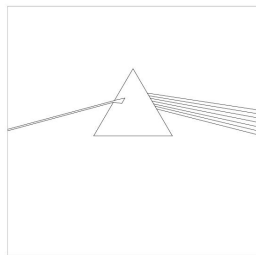
Habitação e apoio por Tios Maria e José Sabino, Prima Mirita, Tia Laurinda

Apoio em Angra do Heroísmo pela Família Rocha

(Perdão por alguma omissão)

Time

Ticking away the moments that make up a dull day
You fritter and waste the hours in an offhand way
Kicking around on a piece of ground in your home town
Waiting for someone or something to show you the way
Tired of lying in the sunshine, staying home to watch the rain
You are young and life is long, and there is time to kill today
And then one day you find ten years have got behind you
No one told you when to run, you missed the starting gun
So you run and you run to catch up with the sun but it's sinking
Racing around to come up behind you again
The sun is the same in a relative way but you're older
Shorter of breath and one day closer to death
Every year is getting shorter never seem to find the time
Plans that either come to naught or half a page of scribbled lines
Hanging on in quiet desperation is the English way
The time is gone, the song is over
Thought I'd something more to say
Home
Home again
I like to be here
When I can
When I come home
Cold and tired
It's good to warm my bones
Beside the fire
Far away
Across the field
Tolling on the iron bell
Calls the faithful to their knees
To hear the softly spoken magic spell



Pink Floyd - Time, *The Dark Side Of The Moon*, 1973

